

Diário de Lisboa

DIRECTOR — A. RUELLA RAMOS

TELEF.: 320271 a 320273, 321154 e 321155
END. TEL. DIBOA—TELEX. 1363REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOAADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.
PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICAEDITOR — J. CHRISÓSTOMO DE SA
NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

UMA GRANDE E AGRADÁVEL SURPRESA

FÉRIAS EM PORTUGAL

Você decerto já pensou nas suas férias, este ano. Toda a gente o deve ter feito, por esta altura. Se por acaso se esqueceu, este calor súbito e o sol brilhante encarregaram-se de lhas lembrar. E se só agora as férias entraram na sua memória, não há dúvida que não tem tempo a perder. Arranjar uma casa para um, dois ou três meses de Verão, já não

é tarefa fácil. Marcações, reservas em estabelecimentos hoteleiros estão também quase todas esgotadas. Se assim for, não tem outro remédio senão escrever a palavra «FÉRIAS», em letras gordas, na sua agenda ou bloco. Ela en-

trou na ordem do seu dia. Quanto mais se trabalha, mais se pensa nuns dias de repouso, para retemperar o corpo e o espírito a fim de estes estarem capazes de reentrar em boa forma na grande roda consumidora das energias que se chama trabalho.

Por outro lado, os filhos vão terminar os exames e vão ne-

(Continua na página seguinte)

BASTA UM PALPITE!

427 LEITORES
VATICINARAM
O MINUTO 69.^o
PARA O GOLO
DE EUSÉBIO

—E TRÊS
DELES
VÃO
A LONDRES

Violentos tornados nos Estados Unidos

● 49 mortos e 600 feridos

NOVA YORK, 16 — (F. P.) — Tornados de rara violência varreram ontem o Middle West, nos Estados Unidos, causando, pelo menos 49 mortos e perto de 600 feridos, além de estragos materiais que atingem muitos milhões de dólares.

Pelas 17 horas locais, um primeiro tornado devastava Oelwein (8280 habitantes), no nordeste do Iowa. No centro comercial da vila, estabelecimentos e escritórios desabaram como

castelos de cartas. Depois, o furacão cindiu-se em dois e devastou os bairros residenciais. Não resta uma só vidraça inteira nas janelas dos prédios de Oelwein, inumeráveis telhados foram pelos ares, paredes desmoronaram-se, todas as árvores e os postes telegráficos foram arrancados pela ventania, automóveis levantados no ar desfizeram-se de encontro às paredes. Bairros houve que ficaram completamente arrasados. Nesta localidade, contou-se 1 morto e mais de 50 feridos, sendo muito grave o estado de alguns.

Uma hora mais tarde, era a vez de Charles City, de 10 400 habitantes, vizinha de Oelwein. Aqui, o balanço das vítimas é nitidamente mais elevado: 12 mortos e mais de 350 feridos, balanço este que talvez não seja definitivo, porque as equipas de socorro, mal começaram ainda a remover os escombros. Em Charles

(Continua na 16.ª página)

BOB KENNEDY AGREDIDO EM LOS ANGELES

LOS ANGELES, 16 — (R.) — Anuncia-se que o senador Robert Kennedy teria sido atingido por qualquer coisa que lhe atiraram quando saía, ontem à noite, de uma reunião eleitoral nesta cidade.

Uma testemunha ocular disse que Kennedy caiu de joelhos dentro do carro, com o impacto.

O incidente deu-se quando o carro aberto do senador saía do «Valley College» por entre uma multidão de partidários.

Bob Kennedy tinha sido já molestado à chegada, quando veio fazer a campanha para as eleições primárias presidenciais democráticas, em 4 de Junho.

A Polícia foi forçada a fechar as portas de um colégio quando cerca de cinco mil pessoas pretendiam entrar para o ouvir, afastando os guardas.

Entretanto, a Polícia informou que Robert Kennedy não tinha ficado ferido.

O BENFICA A CAMINHO DE WEMBLEY

(LER NA 23.ª PAG.)

VISADO PELA CENSURA
HOJE — 36 PAGINAS

ENCONTRO DA PAZ EM PARIS

AS DELEGAÇÕES ESTUDAM PORMENORIZADAMENTE AS DECLARAÇÕES INAUGURAIS

PARIS, 16 — (R.) — Espera-se que continue, nesta capital, durante várias semanas, o duelo diplomático sobre formas de acabar com a guerra no Vietnam, antes dos

Estados Unidos e o Vietnam do Norte iniciarem discussão realística nas suas conversações preliminares de paz.

Ambas as delegações iniciaram hoje um estudo por-

menorizado das declarações dos dois países, a seguir à segunda sessão plenária de ontem, que não produziu

(Continua na 16.ª página)



Nove Marias e uma Rita. Livres? Não: presas ao sonho de uma viagem maravilhosa. (Ler na 11.ª página)

De ontem para hoje

A UNIVERSIDADE NO ENSINO

— Universidade renovada ou escola superior profissional? — eis uma das questões fundamentais que se impõem a ponderadas meditações quando se encaram os problemas básicos no panorama da ampla e eficiente inovação, imprescindível na urgente reforma, adaptável aos tempos actuais, do ensino nos seus variados escalões. O assunto foi posto, mais uma vez, pelo sr. prof. Leite Pinto, na sua conferência subordinada ao tema de **«Papel da actualidade da Universidade na formação de dirigentes»**, incluída no Colóquio para Dirigentes Superiores de Administração Pública, no Laboratório de Engenharia Civil. O antigo ministro da Educação, começando por se ocupar do conceito de intelectual e sua evolução, falou dessa função no período da Renascença e salientou o papel das Universidades e dos humanistas; e, ao relacionar a função intelectual com a função pública, concluiu ser a primeira uma aptidão necessária para o exercício da segunda. No desenrolar do tema do seu importante trabalho e, articulados os pontos anteriormente desenvolvidos com a mutabilidade acelerada da cultura do século XX, o sr. prof. Leite Pinto considerou diversos aspectos da convivência do homem com as máquinas que orion.

PROBLEMAS ACTUAIS ECONÓMICO-FINANCEIROS

Na Faculdade de Filosofia da Braga o sr. prof. Daniel Barbosa, que foi apresentado pelo rev. dr. Paulo Durão, em nome do reitor, iniciou uma série de lições sobre **«actuais problemas económico-financeiros»**. Nessa primeira desenvolveu o tema: **«Significado e implicações da desvalorização da libra; suas repercussões na conjuntura económica portuguesa actual»**. O catedrático do Instituto Superior Técnico, governador do Banco de Fomento Nacional e antigo ministro da Economia, falou largamente do significado e das implicações da desvalorização da libra. A certa altura, e relativamente ao problema económico-social português, o sr. prof. Daniel Barbosa apresentou as soluções admissíveis, olhando à natureza das despesas e à potencialidade e viabilidade das receitas, e fê-lo com um apontamento de referência ao próprio campo do Orçamento Geral do Estado, para distinguir o que julgou ser um critério estático e um critério dinâmico do equilíbrio orçamental. Considerando, depois, e para uma extrapolação à macroeconomia, as relações existentes no mundo de hoje entre Portugal e diversos países estrangeiros — relações a traduzirem-se pela entrada e pela saída de divisas do País —, o orador explicou pormenorizadamente o que se entende por uma **Balança de Pagamentos**, bem como por **Balança Comercial**, de **Serviços**, de **Rendimentos** e de **Capitais** que a integram. E, a terminar, referiu-se aos movimentos visíveis e invisíveis de divisas, bem como à chamada **Balança das transacções correntes**.

PEQUENO E ABNEGADO HERÓI

Andavam cerca do monte da Corte Pequena, em Mértola, guardando porcos, António Palma Raposo, de 12 anos, aluno da 4.ª classe, filho da sr. Ana Maria Palma e do sr. José Manuel Raposo, e António Lampreia Bonito, de seis anos, filho do sr. Miguel Bonito e da sr. Isolinda Maria Felicidade. A certa altura foram brincar para junto de um poço, do qual o mais velho, com uma pequena lata, presa a um fio de cefeira, tirava água. Debruçando-se de mais, o António Lampreia caiu no abismo e teria lá ficado, se o outro rapazito, corajosamente não o salvasse atirando-lhe o fio de cefeira agarrado ao qual o companheiro em risco conseguiu subir até à boca do poço e tremendo ao sopro gelado da morte, vendida pelo corajoso António Palma.

FUTEBOL SUBJUGADOR

Sob a emoção de um lance mais espectacular no encontro de futebol — que fascina e subjugava as multidões — morreu um entusiasta emocional diante do écran da televisão a transmitir de Turim o desafio Juventus-Benfica. O famosíssimo Eusebio marcou o tento e esse telespectador foi acometido de doença súbita que o vitimou no hospital. Era o sr. Manuel do Lago Maria Torres Magalhães, de 49 anos, casado, proprietário, residente em Casa de Valinha (Ponte de Lima), cunhado do presidente da Câmara Municipal daquela vila, sr. dr. Álvaro Vieira de Araújo.

FÉRIAS EM PORTUGAL

(Continuação da página anterior)

cessitar de repouso fora do ambiente normal de todo o ano. Se eles ainda são pequenos, o pediatra dirá: «A criança necessita de iodo», ou «Tem que passar uma temporada no campo».

Os ruídos ásperos dos travões, a poluição do ar que diáriadamente respira, todo o «brua» da grande cidade, está também exasperando os seus nervos cansados.

Mas se viver numa pequena vila ou aldeia, haverá um meio cosmopolita a atrai-lo. Férias, para qualquer um, devem ser contrastes. Também sabemos isso. Não é assim, amigo leitor da província?

Você pode tomar tranquilizantes. Até pode fazer «yoga». Mas isso não lhe vai solucionar o problema. Por mais que lhe queira escapar, uma palavra só começa a tomar forma na sua mente. Dentro em pouco, ela vai ser obsessão. Essa palavra é «Férias».

E, depois, este sol e luminosidade que lhe entram pela janela do escritório ou da oficina... as articulações que gemem quando você muda de posição... Sim. É só isso. O único caminho. Vá de férias!

Todos têm direito a elas. Todos têm necessidade. Claro, todos deviam, mas! Nós compreendemos. As dificuldades. Ir de férias não é só dizer: «Vou de férias». Evidentemente, que poderia ficar na cidade, ir ao parque, dar um salto à praia. Mas isso não a aproveitaria, e você sabe-o.

Mas como ir? A renda da casa na cidade, outra casa a alugar, as deslocações, a alimentação... Como? Sim, nós compreendemos o seu problema. Nós sabemos isso.

Esse é o motivo, aliás, porque também o «Diário de Lisboa» pensou em férias, este ano. Mas para si. Como? Ainda é surpresa. Mas vai ser das grandes. Uma grande e agradável surpresa. Falta pouco para você estar dentro do segredo. Não queira já saber tudo.

Fique-se com esta ga-blemas. E você poderá ir de férias: o «Diário de Lisboa» vai rias e estas serão inesquecíveis, resolver-lhe quase todos os pro-lacredite.

1º CONCURSO

“MACIEIRA”

Resultado do sorteio efectuado no dia 13 de Maio perante os representantes da autoridade e referente à 2.ª fase realizada no dia 3 de Maio na T. V.

1.º Prémio: 12 copos-balão de cristal
★ Armando Martins — Postal n.º 535
Av. Almirante Gago Coutinho, 25-A — Lisboa
2.º a 51.º Prémios: 1 Caixa de 6 garrafas de MACIEIRA OLD BRANDY, cada:

- ★ Carlos Manuel Santos Gaspar — Postal n.º 664
Av. Almirante Gago Coutinho, 25-A — Lisboa
- ★ Jorge Angelino Barbosa — Postal n.º 1120
Rua do Crucifixo, 68-4.º — Lisboa
- ★ D. Maria Emília Duarte Maia — Postal n.º 858
Av. Barbosa do Bocage, 128-r/c, Esq. — Lisboa
- ★ Joaquim das Chagas Cirne — Postal n.º 198
Rua do Cura, 39-1.º, Esq. — Lisboa
- ★ João Luis Gonçalves de Oliveira — Postal n.º 1588
Rua Praia de Pedrouços, 130-3.º, Esq. — Lisboa
- ★ D. Maria Odete Santos Alves — Postal n.º 1486
Av. Almirante Gago Coutinho, 25-A — Lisboa
- ★ D. Maria Isabel da Silva Duarte — Postal n.º 617
Av. Almirante Gago Coutinho, 25-A — Lisboa
- ★ D. Matilde da Silva — Postal n.º 890
Travessa da Conceição, 51 — Lisboa
- ★ Manuel Soares Inês — Postal n.º 936
Rua Frei Amador Arrais, 13-4.º, Esq. — Lisboa
- ★ Felismina Pereira Magalhães Silva — Postal n.º 267
Largo Senhora-a-Branca, 58 — Braga
- ★ Jorge da Cunha Branco — Postal n.º 805
Travessa da Senhora da Glória, 6-1.º-Dt. — Lisboa
- ★ Luiz Alberto Pais de Figueiredo — Postal n.º 903
Rua do Armistício, 20-2.º, Esq. — Moscavide
- ★ Fernando S. R. Andrade — Postal n.º 985
Rua António Luís Moreira, 28-1.º — Moscavide — Lisboa-6
- ★ António Luís Chaves Damaso de Moraes — Postal n.º 621
Rua da Praia de Pedrouços, 130-3.º, Esq. — Lisboa
- ★ D. Ana Rosa Duarte Soares Marques — Postal n.º 1271
Rua Gonçalves Crespo, 6-3.º, Esq. — Lisboa
- ★ Alfredo Augusto Esteves — Postal n.º 1129
Rua Academia das Ciências, 15-1.º, Dt. — Lisboa
- ★ D. Maria João Gonçalves Torres — Postal n.º 98
Av. Almirante Gago Coutinho, 25-A — Lisboa
- ★ D. Zélia Rita Ventura — Postal n.º 680
Av. Almirante Gago Coutinho, 25-A — Lisboa
- ★ Joaquim António da Piedade — Postal n.º 937
Travessa da Conceição, 51 — Lisboa
- ★ José Manuel Caldas dos Santos — Postal n.º 679
Av. Almirante Gago Coutinho, 25-A — Lisboa
- ★ Gregório Manuel Vicente Inês — Postal n.º 939
Rua Frei Amador Arrais, 13-4.º, Esq. — Lisboa
- ★ José Martins — Postal n.º 714
Av. Almirante Gago Coutinho, 25-A — Lisboa
- ★ Joaquim da Silva Rodrigues de Andrade — Postal n.º 953
Calçada Marquês de Abrantes, 7-2.º — Lisboa
- ★ José Manuel Barreiros — Postal n.º 1226
Rua da Madalena, 193 — Lisboa
- ★ António Cunha — Postal n.º 283
Rua Justino Teixeira, 201 — Porto
- ★ Celso Campinho Ferreira — Postal n.º 1597
Av. Almirante Gago Coutinho, 25-A — Lisboa
- ★ Fernando Barradas — Postal n.º 901
Estrada de Benfica, 459-2.º, Esq. — Lisboa
- ★ D. Vera Maria Leal Lima — Postal n.º 347
Av. Almirante Gago Coutinho, 25-A — Lisboa
- ★ José Alberto Rocha Pinto — Postal n.º 1331
Largo Dr. António Viana, 2-7.º, Dt. — Lisboa
- ★ António José Martins Gabriel — Postal n.º 424
Av. Almirante Gago Coutinho, 25-A — Lisboa
- ★ D. Lídia Ribeiro — Postal n.º 1196
Rua Francisco M. Beato, 27-A — Moscavide — Lisboa-6
- ★ José Luís Assunção Magalhães — Postal n.º 843
Rua C. Lote 484 — porteira — Olivais Sul
- ★ Daniel António Augusto Vieira
Av. Senhor Jesus dos Navegantes, Lote, 9-2.º, Dt. — Paço d'Arcos
- ★ Nuno José Leal de Lima — Postal n.º 475
Av. Almirante Gago Coutinho, 25-A — Lisboa
- ★ D. Maria Olímpia Caldas dos Santos — Postal n.º 662
Av. Almirante Gago Coutinho, 25-A — Lisboa
- ★ D. Maria Graciete M. A. Januário — Postal n.º 775
Rua Pinto Ferreira, 42-r/c, Esq. — Lisboa
- ★ D. Cacilda Martins de Almeida — Postal n.º 968
Rua Luís de Queirós, 12, 3.º, Dt. — Almada
- ★ Carlos Jorge Mariano Martins — Postal n.º 393
Av. Almirante Gago Coutinho, 25-A — Lisboa
- ★ Joaquim Dinis Soares — Postal n.º 48
Fábrica de Rebuçados — Afife
- ★ D. Maria Manuela Vasques dos Santos — Postal n.º 1567
Av. Combatentes G. G., 58-r/c. — Amadora
- ★ Arlindo Nunes Lucas — Postal n.º 1573
Bairro da Liberdade — Rua B. Letras J. N. L-r/c. — Lisboa
- ★ D. Cecília Oliveira Almeida — Postal n.º 928
Rua Luís Queirós, 12-3.º, Dt. — Almada
- ★ Fernando Eurico Thelmudo de Barros — Postal n.º 1457
Rua Praia de Pedrouços, 130-3.º, Esq. — Lisboa
- ★ Álvaro Alves Dinis — Postal n.º 50
Fábrica de Rebuçados Nazaré — Afife — Minho
- ★ D. Maria Virgínia Gomes Augusto — Postal n.º 1520
Av. Almirante Gago Coutinho, 25-A — Lisboa
- ★ Alexandre José Faria — Postal n.º 687
Av. Almirante Gago Coutinho, 25-A — Lisboa
- ★ D. Maria de Lourdes Lopes — Postal n.º 1267
Rua Castilho, 59-cave, Dt. — Lisboa
- ★ Pedro Manuel Tavares Correia — Postal n.º 1531
Av. Almirante Gago Coutinho, 25-A — Lisboa
- ★ José Eugénio dos Santos — Postal n.º 706
Av. Almirante Gago Coutinho, 25-A — Lisboa
- ★ D. Maria Martins Narciso — Postal n.º 1339
Rua Castilho, 59-c/v. — Lisboa

Os prémios deverão ser levantados na sede de MACIEIRA & C., LDA., Rua Ivens, 45-47 — Lisboa, até ao dia 13 de Novembro de 1968.
DIA 17 DE MAIO, A NOITE, NA T. V. 3.ª FASE DO 1.º CONCURSO MACIEIRA

NECROLOGIA

FALECIMENTOS

D. Maria Antónia Martins Machado

BRAGANÇA, 16 — Na sua casa, sita na Rua dos Combatentes da Grande Guerra, desta cidade, faleceu, após breve doença, a sr.ª D. Maria Antónia Martins Machado, de 88 anos, natural de vila e concelho de imioso, viúva do sr. Luciano Augusto Machado.

A extinta era mãe dos srs. coronel Augusto José Machado, presidente da Junta Distrital de Bragança; Alberto da Cruz Machado, oficial dos C. T. T., aposentado; D. Laura Margarida Machado Pereira, professora, aposentada, do ensino primário; dr.ª D. Margarida Aurora Machado Rodrigues, farmacêutica; e D. Amélia Machado, funcionária da secretaria da Direcção Escolar deste distrito.

O funeral efectuou-se da igreja da Misericórdia para jazigo de família no cemitério da cidade.

Adriano Guedes

Faleceu o sr. Adriano Guedes, de 64 anos, natural de Bustelo da Laje (Cimfães), construtor civil, sócio gerente da firma Martins e Guedes, Lda.

O funeral, a cargo da Agência Barata, realiza-se hoje, às 16 e 30, da Basílica da Estrela para o cemitério do Lumiar.

AGÊNCIA MAGNO

FUNDADA EM 1874

Não tem qualquer sucursal na Av. Almirante Reis

Telefones 53 41 67 P. P. C. A. (4 linhas) 4 31 89 - 66 27 72 - 28 00 22

HOJE, AS 22 HORAS

M/ 6 ANOS

TOIROS e JUVENTUDE CAMPO PEQUENO

GARRAIADA DOS ESTUDANTES DE AGRONOMIA E VETERINÁRIA

CAVALEIROS

JOSÉ NÚNCIO FRAGOSO

FREDERICO CUNHA

JOSÉ SOMMER D'ANDRADE

«ESPADACHENS»

ANTÓNIO SIMÕES MONTEIRO

MANUEL GUERRA

ANTÓNIO MALTEZ

7 FERÓZES GARRAIOS

FORCADOS AMADORES DE AGRONOMIA E DE VETERINÁRIA chefiados por Francisco Barradas e António Lucas

CAMPINOS: Sardinha de Oliveira e Fernando Cardoso

E AINDA OS SENSACIONAIS NÚMEROS:

SALTO MORTAL a cargo de Deodéciano Silva

e INTERVALO CÓMICO

Telefones: 77 18 19, 76 15 39, 32 17 12 e 3 07 69

Ora diga-nos...

— Costuma comprar na Feira do Livro?

As vezes é preciso que os livros venham ter-nos às mãos, que eles se aproximem de nós, para termos conhecimento da sua existência. Por umas razões ou por outras, nem todos dispomos de tempo para irmos às livrarias. Mas a Feira do Livro é a solução. A noite, pode ir-se até lá dar um passeio. E sempre se compra, nem que seja o famoso «Cem maneiras de cozinhar bacalhau»...



● A sr.ª D. Rosália Rodríguez Viegas, de nacionalidade espanhola mas há muitos anos residente em Portugal, disse-nos:

— Quando posso, vou até lá. Claro que nem sempre compro, mas muitas vezes aproveito. Já vê, o nosso trabalho é facilitado e, além disso, ainda há os descontos.

— Prefiro as obras de carácter histórico. De romances gosto pouco.

● Sim, aproveito sempre. Todos os anos faço uma boa

colheita na Feira do Livro, diz-nos a sr.ª D. Maria Joaquina Azinheira, funcionária da Previdência.

— A maior parte do meu tempo de leitura é dedicado a John Steinbeck, autor que muito aprecio. No entanto, também gosto de literatura de outro género. Mas as descrições de cenas de



guerra sempre despertaram em mim uma curiosidade muito especial.

● Colega da entrevista anterior, a sr.ª D. Maria Teresa Braga, embora goste de ir à Feira



do Livro nem sempre vem de lá com qualquer obra para casa:

— Mas gosto de ler, lá isso gosto. Aprecio livros «com pés e cabeça», histórias que acabem bem. Tenho especial interesse pela poesia e nunca perco a mínima oportunidade de ler, por exemplo, Florbela Espanca ou António Nobre.

— Bem, comprar na Feira do Livro tem certas vantagens. É o caso dos descontos, por exemplo, que é muito importante.

Recepção no «Mercado de Abril»

As festas do «Abril em Portugal» continuam a beneficiar dos favores que este mês de Maio nos trouxe e os turistas encontraram, finalmente, o sol que esperavam e os cartazes lhe tinham prometido. Por isso, a exposição «Turismo de Hoje» tem sido muito visitada ultimamente, mas as maiores atenções estão voltadas para o «Mercado de Abril» onde, hoje, o Comis-

sariado do Turismo oferece uma recepção em honra dos 350 delegados de vinte e seis países que participam no 17.º Congresso Internacional dos Transportadores. Algumas das maiores empresas transportadoras mundiais ligadas ao turismo estão também representadas na recepção.

Pia Degermark gosta do Algarve

A actriz-estudante sueca Pia Degermark aceitou o convite do Comissariado de Turismo, no sentido de prolongar, por mais um dia, a estadia no Algarve. Assim, «a melhor actriz do ano» que devia regressar hoje a Lisboa, só amanhã deixará o Algarve, continuando instalada no Hotel Alvor, na praia dos Três Irmãos.

Na noite do seu regresso à Suécia, Pia Degermark assistirá à ante-estreia do filme «Elvira Madigan», do qual é protagonista e que será estreado em Outubro nos cinemas de Lisboa.

AGÊNCIA BANCÁRIA EM ALJUSTREL

ALJUSTREL, 16 — Em instalações provisórias, no centro desta vila, abriu, ontem, uma agência do Banco da Agricultura. Há muito tempo que se fazia sentir a necessidade da existência em Aljustrel de uma instituição bancária, dado o volume das transacções comerciais. A agência será dirigida pelo sr. João Moreira Martins.



1918-1968

CICLO DE CONFERÊNCIAS

“50 ANOS DA VIDA PORTUGUESA”

MAIO - 16

«50 ANOS DO AUTOMÓVEL»

pelo Dr. Mário Madeira

NO STAND VOLKSWAGEN, AV. DA LIBERDADE, 12 - LISBOA

PELAS 21, 45 HORAS

Diário de Lisboa

COIMBRA

Vão começar os trabalhos para a abertura de uma avenida

Na reunião da Câmara Municipal, o presidente, sr. eng. Araújo Vieira, informou que, no próximo mês, começarão os trabalhos de abertura de uma nova avenida, a qual, saindo do Tovim, vai até ao Calhabé, e declarando que entre a Câmara e os proprietários dos terrenos há completo acordo.

Referiu-se, depois, o edil à última reunião dos técnicos camarários e dos Serviços Municipalizados e disse que, quatro meses decorridos após o início do programa, se verificou que tudo seguiu com normalidade, a não ser dificuldades de aquisição de terrenos aos respectivos proprietários, e no andamento de projectos. Acrescentou que se procura, dentro do possível, contornar tais dificuldades. Assinalou, também, a inclusão de dois grandes empreendimentos, não previstos no programa e para os quais foi estabelecida uma justificação prioritária. São: a electrificação do Estádio Municipal e a construção da pista do aeródromo em Cernache.

Quanto ao primeiro empreendimento, de grandes proporções em relação aos trabalhos habituais, informou que se tornou necessário adaptar locais onde fosse possível montar painéis com 47 metros de comprimento, trabalhando 50 t de perfilados, mas que a obra está em curso, supondo-se que esteja concluída por altura das festas da Rainha Santa.

Quanto ao problema da pista no aeródromo de Cernache, assinalou o presidente que é das maiores obras, pelo seu volume, a executar nos últimos anos. Já foi feito o levantamento topográfico, aguardando-se a aprovação do projecto pela Direcção-Geral da Aeronáutica Civil e a respectiva comparticipação do Ministério das Comunicações.

Disse, depois, o sr. eng. Araújo Vieira que as grandes obras em curso estão comparticipadas pelo Estado, de acordo com os planos superiormente aprovados: piscina coberta, Estádio Municipal e toda a urbanização à sua volta, incluindo

do a Rua Arantes e Oliveira. Houve, ainda, troca de impressões a respeito do estudo sobre a Praça Salazar, do lado sul do Estádio e que ficará a maior da cidade.

Foram tratados assuntos correntes da Câmara, incluindo a abertura do concurso para a instalação da maquinaria para aquecimento da água nas piscinas municipais.

O programa dos trabalhos

Haverá sete sessões de trabalhos, duas das quais na segunda-feira, de manhã e de tarde; três na terça, uma de manhã e as restantes à noite; e as últimas duas na quarta-feira. Todas as sessões decorrerão no Centro de Saúde e Assistência Materno-Infantil Dr. Bissai Barreto, com excepção das do último dia que serão na Faculdade de Medicina.

A sessão de encerramento, na quarta-feira, às 12 e 30, na referida Faculdade, será presidida pelo subsecretário da Administração Escolar sr. dr. Alberto de Brito.

A Câmara Municipal dedicará aos congressistas um «Pôr de Sol» no Parque de Santa Cruz, na segunda-feira, às 19 horas. Na terça, o chefe do distrito oferece, em Conimbriga, um almoço aos visitantes, os quais serão, também, recebidos pelo reitor da Universidade na terça-feira, às 16 e 30; e, por fim, após a sessão de encerramento, na quarta-feira os congressistas seguirão para a Figueira da Foz, onde o presidente da Câmara Municipal daquela cidade lhes oferece um almoço.

Durante a reunião haverá visitas organizadas ao aludido Centro de Saúde e Assistência, ao Museu Machado de Castro, à Universidade, ao Portugal dos Pequeninos, ao Museu da Criança, à Sé Velha e à igreja de Santa Cruz.

Reunião científica nos Hospitais da Universidade

O sr. dr. R. Dudziak, da Universidade de Dusseldorf, que está em Coimbra, foi recebido pelo sr. dr. José dos Santos Bessa, presidente da Secção Regional da Ordem dos Médicos.

Aquele cientista esteve esta manhã nos serviços do sr. prof. dr. Linhares Furtado, nos Hospitais da Universidade, onde fez uma sessão prática de anestesia, que foi presenciada por muitos médicos.

Da parte da tarde, no Centro de Saúde e Assistência Materno-Infantil dr. Bissai Barreto, a sua conferência, subordinada ao tema «Narcose em Pediatria», que fora anunciada para ontem.

I Encontro Regional da Comunidade da Beira Serra

Por iniciativa do Fraterno Movimento dos Estudantes da Beira-Serra (FRAMO), haverá no domingo, o I Encontro Regional da Comunidade da Beira-Serra, dos residentes em Coimbra e arredores.

O programa inclui missa, às 12 e 30, na Sé Nova, celebrada pelo arcebispo de Pampilhosa da Serra e uma sessão recreativa nas salas da delegação da F. N. A. T., durante a qual será representada a peça «Barca sem pescador», pelos alunos do Seminário Maior de Coimbra.

A FRAMO convidou os conterrâneos e amigos a tomarem parte neste encontro regional, que deve constituir uma grande jornada da família Beira-Serra residente em Coimbra.

Espectáculos para hoje

CINEMAS

GIL VICENTE — As 21 e 30: «Longe da multidão» (12 anos).

AVENIDA — As 21 e 30: «O tigre» (17 anos).

TIVOLI — As 21 e 30: «Arquivo K» (17 anos).

Farmácias de serviço

NAZARÉ — Rua Ferreira Borges (Tel. 22605).

FIGUEIREDO — Rua da Sofia (Tel. 22837).

ESTÁDIO — Rua do Brasil (Tel. 24410).

MONTES CLAROS — Rua Dr. António José de Almeida (Tel. 25904).

DESANIMADO DESMEMORIADO CANSADO?



os nervos são a causa mais frequente da pouca saúde e da neurastenia

SÓ O SANATOGEN PODE DAR AOS SEUS NERVOS TODO O ALIMENTO DE QUE ELES NECESSITAM:

Proteína concentrada (com 20% de ácido glutâmico) — nutre mais, num pequeno volume, as células nervosas esgotadas. Indispensável para a revitalização do seu organismo.

Fósforo — nutre as células e ajuda as funções cerebrais, activando as faculdades da memória e percepção.

Vitaminas — ajudam todo o organismo a conseguir o equilíbrio, restaurando a energia vital.

DUAS COLHERINHAS EM MEIO COPO DE AGUA, TRÊS VEZES AO DIA... UMA DOSE TRIPLA DE SAÚDE E ENERGIA



diése PRODUTOS DIETÉTICOS, LDA.
Av. da República, 46 r/c-LISBOA 1



Sanatogen

DIVERSÕES

TEATRO * CINEMA * CIRCO * VARIEDADES * ÓPERA * BAILADO * TV * RÁDIO

MARIA VITÓRIA

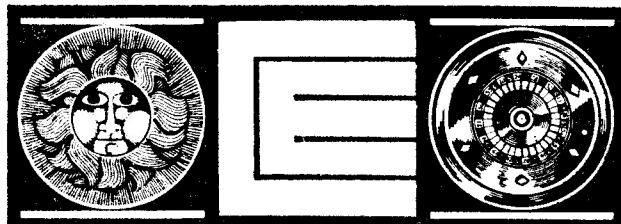
«Pão, pão... queijo, queijo»
em últimas representações

Esta é a última semana de presença, nos cartazes de Lisboa, da famosa revista popular «Pão, pão... queijo, queijo»: o êxito mais marcante da actual temporada teatral e, incontestavelmente, um

dos maiores triunfos até hoje registados em tabladros portugueses. Produzida por Giuseppe Bastos e Vasco Morgado, a revista «Pão, pão... queijo, queijo» está a caminho de um ano de presença nos cartazes: prova irrefutável do mérito deste espectáculo que obteve a mais alta classificação até ao momento conferida pela Casa da Imprensa. Exactamente, dois «Prémios de Imprensa»: respectivamente ao texto de Aníbal Nazaré, Eugénio Salvador e José Viana, e ao talento de Mariana, a actriz do ano.

Com música de João Nobre e Carlos Dias, a revista «Pão, pão... queijo, queijo» ostenta montagem de Hernâni e Rui Martins, figurinos de Mário Alberto, guarda-roupa de António Paiva (dirigido por Josefina Soares), coreografia de Mariano Franco, direcção musical de Carlos Dias e encenação de Salvador. O elenco é verdadeiramente sensacional: Eugénio Salvador, José Viana, a vedeta internacional

(Continua na 6.ª página)



NOVO CASINO ESTORIL



HOJE
EM ESPECTACULO EXTRAORDINARIO



JULIETTE GRECO



THE OTHER BROTHERS

VEJETAS DO CINEMA, DA TV E DO DISCO

BLUEBELL GIRLS' SHOW

PALERMO AND PHILLIPS

HELENA TAVARES

THE RICHARD KENT STYLE

EDUARDO NASCIMENTO

e "OS ROCK' S"

JORGE COSTA PINTO

e sua orquestra

PREÇOS — SALÃO RESTAURANTE (às 23.00 H.
para maiores de 7 anos)
Entrada 150\$00, com direito a 50\$00 de consumo
jantar 200\$00
«WONDER BAR» (à 1.00 H. para maiores de 21 anos)
Entrada 150\$00, com direito a 50\$00 de consumo
TAXAS E IMPOSTOS NÃO INCLUIDOS
A reserva de mesas só é respeitada até 24 horas antes
do espectáculo

TRAJE DE NOITE



TODAS AS NOITES O HABITUAL «SHOW»

NO GRANDE SALÃO RESTAURANTE AS 23.30 H. MAIORES DE 17 ANOS

NO WONDER BAR A 1.00 H. MAIORES DE 21 ANOS



NO CINEMA, AS 17 E 21.30 H.

«O COMANDANTE ROBIN CRUSOE»

(MAIORES DE 12 ANOS)



COM O CALOR QUE TEM FEITO NOS ÚLTIMOS
DIAS, JUNTE-SE A MATT HELM
E DIVIRTA-SE EM ACAPULCO!

COLUMBIA FILMS apresenta uma produção de IRVING ALLEN

DEAN MARTIN

em
MATT HELM

ESQUEÇA-SE
UM POUCO
DAS SUAS
PREOCUPAÇÕES
QUOTIDIA-
NAS...
E PARTILHE
AS
AVENTURAS
DE MATT
HELM!



Adultos

QUEM BRINCA COM O FOGO... QUEIMA-SE

"The Ambushers"

Com
SANTA BERGER - JANICE RULE - JAMES GREGORY - BEVERLY ADAMS em
e as "Slaygirls"

Realiza de HENRY LEVIN - Música composta e dirigi por HUGO MONTENEGRO - Baseado na novela de DONALD HAMILTON - Produção de IRVING ALLEN
Argumento de HERBERT BAKER - A Meadow-Claude Picture/TECHNICOLOR



SÃO LUIZ

AMANHÃ
EMOCIONANTE ESTREIA

As 21.45

ALVALADE

Nunca um filme de amor teve tanto imprevisto!
A história de uma mulher que fugia do seu passado!

MARIE-FRANCE BOYER

e PIERRE
VANECK

(ADULTOS)

Um filme de
SERGIO
GOBBI

Um filme
PARAMOUNT



A MULHER DESCONHECIDA

EASTMANCOLOR

(L'ÉTRANGÈRE)

Diálogos de JEANNE CRESSANGES - Cenários de SERGIO GOBBI

AMANHÃ EMPOLGANTE ESTREIA no MUNDIAL

TV

DIA A DIA

O que vimos e ouvimos

FUTEBOL — Os apreciadores têm tirado a barriga de misérias. É aproveitar, que a estação acaba não tarda muito — se é que na roda do ano acaba alguma vez, não?

Escuso de vincar a importância destes jogos na popularidade da televisão e na popularidade do próprio futebol. Entretanto, o público telespectador entretém-se inocentemente, o público do estádio agita bandeirinhas, brinca aos balões (público-menino...), grita, desabafa, chama coisas feias não sabe a quem, não sabe porquê... Entretanto, o campo está rodeado de anúncios, uma festa comercial a apertar, num abraço de jibóia, a festa desportiva: é o salami, é o aperitivo, são os «vini Calissano», são os relógios, são o qualquer coisa super, é a nova marca de automóveis, é um apregoio que se faz tarde.

Neste aspecto, o desafio de Turim não se distinguiu de nenhum dos seus congéneres. Mas, no aspecto propriamente televisivo, o espectáculo foi agradável de seguir, com a preferência pela perspectiva larga, que, se por um lado nos dá menos a presença individual do jogador, por outro nos possibilita o jogo do conjunto, a verdade do «association», que é a verdade do futebol. Muitos telespectadores distraídos esperavam a repetição do golo do Eusébio, habituados como estavam a papinha, ao «porridge» britânico. Ai falhou a R. A. L.

Não quero, porém, esquecer a actuação verborrética do comentador Alves dos Santos. Foi qualquer coisa dolorosa de sustentar, aquela voz monótona, apagada, que não se calou um instante ao longo dos 90 minutos, que não deixou um instante de repouso dos nervos e a paciência dos telespectadores. Não me parece útil para ninguém que as palavras repitam aquilo que os olhos estão a seguir; não me parecem úteis os comentários fúteis, desnecessários e, até, desproporcionados; não me parece útil distrair o telespectador, por-se a todo o momento entre o telespectador e o espectáculo, entre ele e a sua emoção. Interrompe o circuito. É um corpo estranho. E os corpos estranhos só produzem pérolas no corpo das ostras.

IRONSIDE, O CHEFE PARALÍTICO

Desculpa, Ironside, não és apenas paralítico: és, também, filósofo. Na filosofia chegas a ser shakespeariano como burro. Deste

logo o sinal da tua condição quando, de olhos postos no cadáver deitado ao comprido, em repouso absoluto, habitual depois de um bálzio daqueles, murmurou de cenho carregado: «Ninguém devia morrer num corredor de hotel!». Também acho, Ironside. Morrer na sala de jantar deve ser mais agradável, em especial se for logo depois do almoço. De qualquer modo, Ironside, acho que fizeste bem ao abandonar (por quanto tempo?) as agruras da guerra fria. Não queiras meter-te nessas intrigas de alto calibre. Trata do teu crimezinho, tás a perceber? Isto não quer dizer que o crimezinho de ontem tivesse um interesse por aí além. Tu manobras em relação aos telespectadores como o noivo da cega reage em relação à cega: «Olha, minha filha, não penses: eu penso por ti». Tu também penses e nós nunca sabemos o que tu penses, porque tu penses por ti, por nós, por todo o mundo. Fazes caixinha. E tudo acontece sem o telespectador segurar nas mãos as rédeas de coisa nenhuma. Ontem, até, não havia problema, nem sequer ao nível das palavras cruzadas. Todo o interesse, Ironside, consistia em aguardar o momento em que o feroz assassino da electricidade na face enria na armadilha. Houve o suspensezinho da pobre cega a ser abocada pelo tal suspense barato. Isto de ceguinhos é tão fácil. Já ninguém lhe dá o mínimo crédito. Ah, é verdade, também foi muito entretedor o movimento dos elevadores. Uma vertigem. Elevador a baixo, elevador a cima, carrega no botão, alivia o botão, sobe tu por esse, que eu subo por este, ah, elevadores, bestial, pá, na América!

Ó Ironsidezinho da minha alma! Tu és capaz de me explicar o sentido do título do episódio? Que é que quer dizer «Luz ao fim da jornada»? Eu sei que tu és paralítico e, porque és paralítico, filósofo. O título deve, talvez, ser obra das tuas filosofias. Respeitáveis, chefe. Filosofa, filosofa. Tens tempo de sobra para isso. OK?

MÁRIO CASTRIM

HOJE PODE VER

● As 23: Variedades

O programa de variedades que a R. T. P. apresenta, esta noite, é transmitido directamente do Casino do Estoril e nele participam Juliete Greco, The Other Brothers, Palermo and Phillips, Helena Tavares, Jorge Costa Pinto e a sua orquestra. É uma realização de Fernando Frazão.



Von Karajan à frente da Orquestra Filarmónica de Berlim

HERBERT VON KARAJAN

— PERSONALIDADE INDISCUTÍVEL... E DISCUTIDA

O célebre maestro Herbert von Karajan, agora no apogeu da carreira, chegou ontem à tarde a Lisboa. Os três concertos que dirigirá no nosso País, à frente de uma das três ou quatro melhores orquestras do mundo, a Filarmónica de Berlim, de que é regente titular — dois em Lisboa e um no Porto, para inauguração do XII Festival Gulbenkian — ficaram, sem dúvida, entre os acontecimentos mais sensacionais da temporada musical em curso.

Tanto a chegada ao aeroporto, como, poucas horas depois, no Hotel Ritz, onde deu uma conferência de Imprensa, organizada pela Philips Portuguesa, na qualidade de representante da Deutsche Grammophon Gesellschaft, o notabilíssimo músico fez algumas declarações acerca de questões bastante diversas que lhe foram postas e às quais amavelmente se prestou a responder.

Na presença da esposa e num francês correctíssimo, disse, por exemplo, que nos programas elaborados para os concertos em Portugal, houve a preocupação de abranger aspectos muito diferentes da música orquestral. A «Sinfonia em lá maior (Köchel 201)», de Mozart, destina-se a uma orquestra reduzida e estabelecerá grande contraste com o tão característico sintonismo romântico de «Dom João», de Ricardo Strauss. Mais esclareceu ainda que não quis deixar de incluir uma obra que reflectisse a ambiência e o folclore da Península Ibérica, uma vez que aqui se encontrava. Assim, no segundo concerto do Coliseu, figura a «Rapsódia Espanhola», de Ravel.

Um outro pormenor que referiu é que será ele próprio que executará a parte de cravo no «3.º Concerto Brandeburguês», de Bach.

Numa voz algo velada, quase rouca, Karajan não se eximiu a falar sobre qualquer problema, chamado à baila por alguns dos presentes: musicólogos, críticos, jornalistas, cineastas, gente da Rádio e da Televisão. Mas nas suas respostas nunca evidenciou uma atitude extremista ou teorias peremptórias a respeito de interpretação.

Isto verificou-se nomeadamente no tocante a andamentos. A propósito, notou que é costume dizer que Toscanini adoptou quase sempre andamentos muito mais rápidos, em relação à maioria dos regentes seus contemporâneos ou mesmo de agora. Ora — insistiu Karajan — tal afirmação não é bem exacta. Só para o fim da carreira assim aconteceu com mais frequência. Torna-se, aliás, interessantíssimo confrontar algumas das diversas gravações que ele fez de uma ou outra obra, nas quais é variável o critério adoptado. E depois em Wagner, sobretudo, Toscanini estava longe de preferir andamentos rápidos. O seu «Parsifal», por exemplo, era o mais «lento» dos apresentados em Bayreuth.

Mas Karajan observou, muito judiciosamente, que a vivacidade ou o frémito nas interpretações não pode reduzir-se à adopção de andamentos rápidos...

As declarações de Karajan tomaram, por vezes, a feição de monólogos, largas explanações, a que a pergunta feita servia apenas de aquilhão. E então era um desdobrar de recordações e impressões

de Berlim, sobre a direcção de Herbert von Karajan, o XII Festival Gulbenkian de Música. O mesmo cartaz repete-se amanhã, também no Coliseu e a hora idêntica (21 e 30), mas com programa diferente.

Sobre a figura do maestro Herbert von Karajan, que hoje dirigirá a Filarmónica de Berlim em obras de Mozart, Strauss e Beethoven, muito se tem discutido nos meios melómanos. Contrário de Mozart — nasceram ambos na cidade austríaca de Salzburg — Karajan está, aos 60 anos, na plenitude da sua formação artística. É um dos grandes (que são poucos) da direcção orquestral. Chamado a Filarmónica de Berlim por morte do famoso Wilhelm Furtwängler, ali se tem mantido com êxito indiscutível.

O concerto desta noite, a realizar na presença do almirante Américo Thomaz, especialmente convidado pela Fundação Calouste Gulbenkian para solenizar a abertura de mais um festival, inclui a «Sinfonia K. 201», de Mozart, o poema sinfónico «Dom João», de Strauss, e a «Sinfonia n.º 5», de Beethoven.

colhidas numa larga carreira e no contacto com personalidades marcantes da vida artística do nosso tempo. Ricardo Strauss, Nikisch, Furtwängler, o cineasta Clouzot, com o qual colaborou...

Alguém referiu a opiniãoisonjeira que Strawinsky — sempre tão severo nas suas apreciações e especialmente quanto a maestros — manifestara, aqui em Lisboa, a respeito da gravação de Le Sacre du Printemps, dirigida por Karajan. E Karajan mostrou-se agradavelmente surpreendido. «Ei que eu mandei-lhe o disco — revelou o célebre regente — mas Strawinsky, até agora, nada me disse...»

Outras perguntas se formularam ainda às quais Karajan ia respondendo, medindo bem as palavras, mas sempre deferente. Tem dirigido as Seis Peças opus 6, de Anton Webern, que considera uma obra admirável e de uma intensidade ambiental originalíssima, atingida com um mínimo de meios. Acha que Boulez é um regente notável e cheio de fantasia. Não ignora as realizações de Iannis Xenakis, e da sua «música stokástica», que lhe parecem extremamente interessantes. E exprimiu a sua muita admiração pela obra do compositor polaco Krystoff Penderecki.

E fiquemos-nos por aqui. O público, que logo à noite se apinhará no Coliseu, terá a sua vez de se pronunciar, com a eloquência das reacções das grandes manifestações colectivas, sobre essa personalidade indiscutível e tão... discutida do mundo musical de hoje. Aguardemos, pois. E amanhã cá estaremos para dar conta do que se passará... — N. B.

TV FOGUETE — Telefone 835299

Assistência permanente em Rádio e I. V. ao domicílio



FERNANDA DÂMASO

CANTA

LA, LA, LA, e ainda:

- LIVRE E FELIZ
- CANÇÃO PARA TI
- A NOITE LEVARÁ A MELODIA

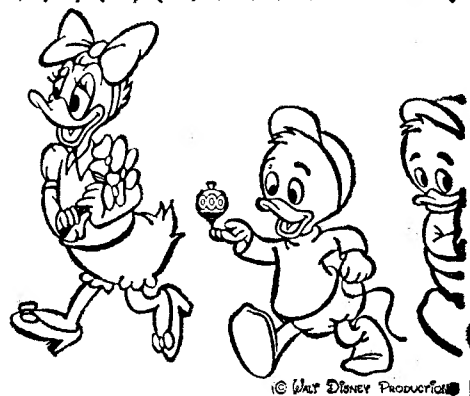
Alvorada

No seu primeiro disco

A etiqueta do sucesso

Ouça este disco nas boas casas da especialidade

ESTÁ A CHEGAR A FAMÍLIA DONALD



GRANDE CONCURSO DE "SEGURANÇA RODoviária" Mobil
Disney

**SENSACIONAL
RESPOSTA DO
PÚBLICO COM
SUBSCRITO...**

Maiores
12 anos

ANTONIO CALVARIO

O AMOR DESCEU EM

PAULA RIBAS

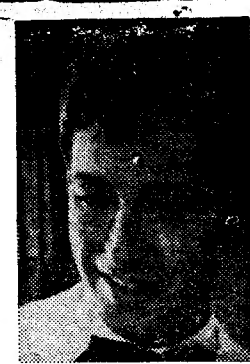
SÓ ELE É O SUPREMO JUIZ... A PROVA ESTÁ À VISTA!

A PRESENÇA DE MILHARES DE ESPECTADORES DURANTE 3 SEMANAS CONFIRMA O AGRADO DO PÚBLICO

**4.^a
SEMANA**

UMA COMÉDIA DESPRETENSIOSA, MAS ALEGRE
E MUSICAL, COM MISTÉRIO... SARILHOS... «BIKINIS»...

DE GRANDE ÊXITO, no ODEON



Admirável elenco com
ALVES DA COSTA

Realização de
CONSTANTINO ESTEVES

Canções de
JOÃO NOBRE

Dist. Exclusivos Triunfo

DIVERSÕES

TEATRO * CINEMA * CIRCO * VARIEDADES * ÓPERA * BAILADO * TV * RÁDIO

(Continuação da 4.ª página)

Africa Prots, a actriz Mariema, Max, Anito Guerreiro, Dora Leal, Vitor Mendes, as esbeltas discípulas Júlia Alves, Sara Rafael e Maria Antónia, lindíssimas bailarinas e, ainda, o assombroso automóvel-voador, que devora quilómetros consumindo gargalhadas.

A noite, às 20 e 45 e às 23 horas, apenas durante a corrente semana, a revista «Pão, pão... queijo, queijo» exhibe-se no Maria Vitória. Na próxima semana, estará em Setúbal (Teatro Luísa Todi), na segunda-feira e, no dia seguinte, no Teatro Pax-Júlia de Beja.

ABC

**«Arroz de Miúdas»
— um êxito total.**

É sempre renovado o êxito da revista «Arroz de Miúdas», o espectáculo do ano, o mais alegre, o mais popular «Arroz de Miúdas», uma produção do empresário José Miguel, inscreve-se no historial do Teatro A B C como sendo a revista de maior sucesso, a que mais lo-

tações esgotou, resumindo, no êxito máximo do popular teatro lisboeta.

São autores do texto Paulo da Fonseca, César de Oliveira e Rogério Bracinha e escreveram a música João Nobre e João de Vasconcelos. A coreografia foi concebida por Charles e Mário Alberto desenhando os figurinos e dirigiu a montagem. A cenografia tem a assinatura de José Manuel e o guarda-roupa foi executado nos «ateliers» Paiva, sob a orientação de Josefina Soares.

Do maior nível é o elenco que interpreta «Arroz de Miúdas», um elenco composto pelas vedetas do momento: Aida Baptista, Carlos Coelho, Natalina José, Oscar Acúrsio, Delfina Cruz, Orlando Fernandes, Carlos Gonçalves, Guida de Carlo, Fernanda Franco, Elizabeth, Nela Duarte, as bailarinas internacionais Jacqueline, Khady e Clarysse, as bailarinas Ribas e Orlando, um sensacional conjunto de bailarinas portuguesas e a grande atracção do espectáculo, o actor-cantor Tony de Matos, que interpreta lindas canções.

Toda a cidade fala de «Arroz de Miúdas» e compreende-se o motivo. Esta re-

vista, plena de alegria, de graça e cor e lindas mulheres, é um êxito em toda a linha.

«Arroz de Miúdas» representa-se, diariamente, em duas sessões, às 21 e às 23 horas. A bilheteira do A B C abre às 13 horas.

EDEN

«Will Penny»

«Will Penny» é o nome de um homem vulgar, solitário, marcado pela vida, pelo cansaço e pelo desespero da quotidiana luta pela sobrevivência.

«Will Penny» é uma figura que pelo seu recorte dramático só pode ser comparável ao inesquecível Shane.

Charlton Heston é o anti-herói, o inconfundível opositor do que estamos habituados a encontrar nos filmes do Oeste Americano.

Os locais de acção variam. As pessoas também, mas os problemas mantêm-se. Isto é o que o realizador de «Will Penny» nos quer dar nesta obra, conseguin-

do até ao fim os seus intentos «Will Penny» — um filme por todas as razões, a ver.

«Will Penny» um homem do seu tempo é também um homem de hoje.

«Will Penny» o grande cartaz de êxito em Lisboa, está em exibição no cinema Eden, todos os dias com 3 sessões, às 15 e 15, 18 e 30 e 21 e 45.

VASCO MORGADO e RAUL SOLNADO apresentam

AR CONDICIONADO
TEATRO VILLARET
o mais moderno e confortável de Lisboa

HOJE, 2 SESSÕES, às 21

e às 23 h. — ADULTOS

SÓ ATÉ DOMINGO

2.ª-FEIRA em ALMADA



Anabela e Henrique Santana

«AGARRA QUE É MILIONÁRIO»

com
HENRIQUE SANTANA, IRENE ISIDRO, ARTUR SEMEDO, TOMÁS DE MACEDO e ANABELA

III CICLO DO TEATRO AMADOR NA EMPRESA Organizado pelo G. de Teatro da S. C. de Cervejas DIA 17, ÀS 18.30 H.

AUTO DA BARCA DO INFERNO — Gil Vicente A CANTORA CARECA Ionesco

Pelo Grupo da C. C. Navegação — (Adultos)

CAPITÓLIO

Telef. 320379

HOJE às 21.45 h.

M. 7 anos

Só até Domingo

AS TRÊS PERFEITAS

CASADAS

de A. Casona

Trad. de Norberto Lopes com MARIANA REY MONTEIRO, Adriano Reys e um grande elenco

SABADO — Última e definitiva tarde a preços reduzidos

3.ª-feira, 21 — Reposição de «O CAMARADA MIUSSOV»

**mercado
de Abril**

ZONA DE BELÉM

Abril em Portugal

COMISSARIADO DO TURISMO

CENTRO DE VENDA DE ARTESANATO

Com a colaboração do Fundo de Fomento de Exportação

FRAGATA DO TEJO

Fundada junto à muralha com acesso pelo Centro de Artesanato

Com a colaboração da JUNTA NACIONAL DO VINHO

— das 13 às 15 horas —

CALDEIRADA A FRAGATEIRA

— das 18 às 24 horas —

PROVA DE VINHOS DE MARCA

— A partir das 23 horas —

CEIA COM SERVIÇO DE VINHOS DE MARCA

e café do Ultramar Português com a colaboração do FUNDO DE FOMENTO E PROPAGANDA DO CAFÉ

FADOS por Ada de Castro acompanhada pelos guitarristas António Cheinho e José Maria Nóbrega

TELEFONE 61 37 12

RESTAURANTE DO MERCADO

(COM SERVIÇO DE BAR)

Para divulgação da Cozinha e dos Vinhos Portugueses

Colaboração da Junta Nacional do Vinho e outros Organismos Vinícolas, bem como do comércio da especialidade

HOJE

JANTAR

SOPA DE NABEAS

PESCADA NA FRIGIDEIRA

A INÁCIO

LOMBO DE PORCO

A MENHOTA

PUDEM ABADE DE PRISCOS

VINHOS

VINHO VERDE «CRUZEIRO

MINHOTO» (branco) — Joaquim

Miranda Campelo

VINHO VERDE «RUBIAZ» (tinto)

— Soc. Lisb. Prod. Alimentares)

Jantar servido pelo RESTAURANTE INÁCIO de Braga

A noite: FADOS por Mercês da Cunha Rego, Manuela Novais, José Júlio de Moraes e João Braga com os guitarristas Fontes Rocha e Julio Gomes

(para maiores de 12 anos)

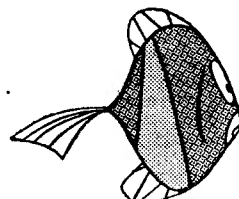
Preço por refeição Almoço 90\$00

(tudo incluído) Jantar 100\$00

Reserva de mesas pelo telefone 61 37 13 das 10 às 19 horas

Abertura: 12 horas — Encerramento: 24 horas

VISITE



a casa da
menina pescadinha

NO ESPELHO DE ÁGUA
(JUNTO AO MERCADO DE ABRIL)

TODOS OS DIAS DAS 16 ÀS 24 H.

**UM PRÉMIO PARA
CADA VISITANTE**

Várias atracções: Veja-se na TV; prove o peixe frito; habilite-se às conservas, às loiças e copos da Menina Pescadinha

NO RESTAURANTE:

Os já famosos jantares de peixe e marisco

EMENTA DE HOJE

SOPA À «GEL-MAR»
CARIL DE LAGOSTA
CORVINA À CARDEAL
CHARLOTE DE CHOCOLATE
LARANJAS DE SETÚBAL
COM SURPRESA
PÃO E VINHO

Preço 50\$00

Reserva de mesas pelo telefone 61 04 94
das 10 às 19 horas

SÃO JORGE

APRESENTA EM 3.ª SEMANA

COM INCONDICIONAL AGRADO DO PÚBLICO
E DA CRÍTICA.



A MAGISTRAL
REALIZAÇÃO
DE
JOSEPH
MANKIEWICZ

COM:

REX HARRISON
SUSAN HAYWARD
CLIFF ROBERTSON
CAPUCINE
EDIE ADAMS
MAGGIE SMITH

O PERFUME DO DINHEIRO

(The Honey Pot)

não *fique
indiferente!*

Venha ver um filme diferente,
Sarcástico... para variar!

«...«O PERFUME DO DINHEIRO» FICARÁ COMO UM
DOS GRANDES MOMENTOS CINEMATOGRAFICOS
DESTE ANO DE 1968... PODENDO CONSIDERAR-SE,
TAMBÉM, - COM INTEIRA PROPRIEDADE E MERE-
CIMENTO - COMO UMA DAS MAIS NOTÁVEIS
COMÉDIAS QUE NOS VISITARAM NOS ÚLTIMOS
ANOS...»

LAURO ANTONIO IN D. DE LISBOA



ADULTOS

ROMA

SESSÃO ESPECIAL

ANTE-ESTREIA

AMANHÃ, AS 21.45

COM A PRESENÇA DE

PIA DEGERMARK

1.º PRÉMIO DE INTER-
PRETAÇÃO FEMININA

NO ÚLTIMO

FESTIVAL DE CANNES

A GENIAL INTERPRETE
DO FILME DE
BO WIDERBERG



Elvira Madigan

«TALVEZ O MAIS MARAVILHOSO FILME
DA HISTÓRIA DO CINEMA»
(NEW YORKER)

DOPERFILME

ADULTOS

BILHETES A VENDA

A apresentação e divulgação das verdadeiras obras de
arte da cinematografia mundial tem sido sempre a razão
de ser da Sala ESTUDIO

O FILME JAPONÊS

KWAIDAN

Obra-prima do realizador
MASAKI KOBAYASHI

destinado a um público altamente cultivado inteligente-
mente evoluído e que acredita no cinema como verda-
deira forma de expressão artística, não pode ser igno-
rado por esse mesmo público.

«Os realizadores nipónicos estão plenamente seguros
da técnica, como os melhores norte-americanos ou euro-
peus. Tratam com elevação e poder as lendas e motivos
de arte...»

ROBERTO NOBRE

(«Diário Popular» do dia 14 de Março de 1968)

Tal como foi anunciado quando da sua saída do Império
continua a sua carreira

HOJE ÀS 21.45

NO

estúdio

PARA SATISFAÇÃO
DOS QUE SE INTERESSAM PELO CINEMA

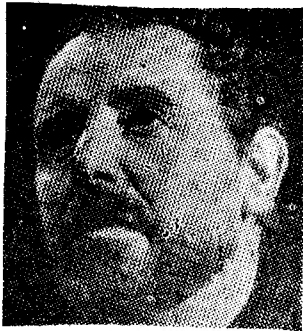
M/ 12 ANOS

TIVOLI

HOJE E AMANHÃ
AS 18.45 HORAS
JACINTO RAMOS

— EM —
O DIÁRIO
DE UM LOUCO

50 % de desconto a estudantes
Bilhetes à venda
Maiores de 17 anos



O

«INSÓLITO»

É O SEU BAR E O SEU
RESTAURANTE.

BEBA e Coma no
ambiente insólito do

«INSÓLITO»

Av. 5 de Outubro, 170-B
Telf. 775214

(encerrado às segundas-feiras)

SÍNTRA ESPERA-O

Para a sua deslocação utilize os
COMBOIOS ELÉCTRICOS

O «DIÁRIO DE LISBOA» VENDE-SE NO PORTO

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça,
Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda
da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constitui-
ção, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na
Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir
das 20 horas.

CLÉRIGOS, FUNCIONÁRIOS PÚBLICOS E POLÍCIAS assinaram uma petição (no Canadá) A FAVOR DA FAMÍLIA WILSON

E costuma dizer-se que quando se está mal é que se descobrem os verdadeiros amigos. Isso aplica-se bem ao meu caso, depois de Charlie ter sido preso a trazido para Inglaterra para cumprir o resto dos 30 anos a que fora condenado pela sua participação no Grande Assalto ao Comboio Correio.

Charlie e eu não saímos da nossa rotina para arranjarmos amizade em Rigaud, perto de Montreal, que foi o nosso esconderijo no Canadá durante 16 meses, depois da já famosa fuga do meu marido.

Ambos sabíamos que, se um dia o nosso segredo fosse revelado, conduziria a um grande azedume e ressentimento. A gente local estaria totalmente justificada se sentisse que nós a havíamos enganado, assumindo as identidades de Mr. e Mrs. Ronald Alloway.

Mesmo assim, os nossos vizinhos foram-nos admitindo gradualmente no seu círculo.

Eu sou uma pessoa reservada, mas Charlie está no pólo oposto. O seu alegre sentido do humor «cockney» facilitou-lhe sempre a tarefa de transformar os estranhos em bons amigos.

Eramos frequentemente convidados para casa dos vizinhos, ou para pequenas festas dentro de casa no Inverno gélido, ou para pique-niques e para nadar nos quentes fins-de-semana do Verão.

Ninguém nutria a mais pequena suspeita em relação a Charlie — frequentemente o convidado mais alegre e popular. Ninguém podia sequer imaginar que Charlie pudesse ser um dos criminosos mais procurados do Mundo.

Uma noite, no Verão passado, as crianças brincavam alegremente com outros miúdos, filhos de amigos nossos.

CALAFRIO

Charlie e eu sentávamo-nos com os outros pais, à volta de uma fogueira na margem do lago, preparando a ceia.

Olhei e reparei que Charlie fitava, pensativo, as chamas. Inclinou-se para mim e segredou:

— São tão nossos amigos queridos. Tenho a certeza, aconteça o que acontecer, que eles te ampararão.

Senti um calafrio, apesar da noite estar quente e da proximidade da fogueira... sempre tive o receio que tudo aquilo era bom demais para poder durar.

Não há dúvida que, a partir do momento em que o sempre bem humorado Ron Alloway surgiu como o mestre do crime Charlie Wilson, as amizades que havia criado foram intensamente postas à prova.

Que sentiria o leitor se descobrisse que o seu vizinho e amigo o havia andado a enganar durante um longo período? Seria um golpe terrível.

Mas posso dizer, com honestidade e gratidão que a gente de Rigaud e da próxima comunidade de Hudson provaram que a sua amizade era verdadeira e firme.

Nem uma única vez, desde que Charlie foi levado de «volta a casa» para a prisão de Parkhurst, tive de pedir ajuda e amparo.

Estou a pensar em mr. e mrs. John Ashfield, marido e mulher — com quatro filhos — que imediatamente nos abriram a porta do seu lar. Eles forneceram-nos um paraiso seguro, durante aqueles primeiros tempos tão terríveis.



Quando a pena (30 anos) terminar, Charlie não terá mais este aspecto jovem. Será um velho com cerca de 70 anos

Penso também nas pessoas gentis que levaram Cheryl e Tracy todos os dias à escola, através da neve espessa e fria.

Embora eu tivesse dois carros e todos os documentos necessários para os conduzir foram inevitavelmente apreendidos, quando da prisão de Charlie.

PETIÇÃO

Penso nos pais compreensivos, incluindo o chefe da Polícia de Rigaud, mr. Charles Pooley, que convidavam as minhas filhas para as pequenas festas, de forma que eu pudesse pensar com uma certa calma nos planos para o futuro.

Agradou-me, ainda, especialmente, a reacção das crianças da escola de Cheryl e Tracy, a Hudson Heights High Scholl.

As crianças são, por vezes, de uma crueldade irreflectida mas dura. Se

Cheryl e Tracy tivessem voltado a casa, chorando e dizendo: «— Fulana de tal diz que o pai é um bandido» — eu não me teria surpreendido.

Mas isso nunca aconteceu. As colegas apenas lhes deram amizade.

As pessoas da terra lançaram uma petição, imediatamente a seguir à prisão de Charlie, no sentido de eu e as crianças podermos ficar no Canadá.

Clérigos, funcionários públicos e oficiais da Polícia surgiram entre os 500 signatários.

A petição que foi enviada ao ministro da Cidadania e Imigração, dizia: «Nós os abaixo assinados, apesar da publicidade ao nível mundial e acreditando na inocência de três crianças e da sua mãe, e em atenção ao seu passado como bons cidadãos canadianos, por razões humanitárias e pensando na Caridade Cristã, vimos aqui pedir humildemente ao excelentíssimo ministro da Cidadania e Imigração que tenha em consideração o pedido de Patricia Alloway e as suas filhas Leander, Cheryl e Tracy e que as autorize a permanecer no Canadá como imigrantes.

SUOR

Saber tudo isto foi uma grande ajuda para Charlie, enterrado na sua cela na ilha de Wight. Ajudou-o a manter a sua atitude bem humorada em face da vida.

Escrevendo de Parkhurst a um dos nossos vizinhos do Canadá, ele dizia: «Imagino que foi um grande choque para vocês serem chamados pela Polícia. Apenas espero que eles vos não tenham incomodado demasiado. Espero também que não voltem a ser incomodados».

Depois entre parêntesis, juntava: «Espero que eu também não!».

A carta, em papel timbrado da cadeia, continuava: «Quando soube como todos haviam sido tão amáveis e bons, fiquei comovido. Não consegui dizer nada.

«Não sou o homem mais duro do Mundo, sou

(Continua na 10.ª pág.)



um dos assaltantes do comboio correio

por PAT WILSON



Esta é a casa onde a Sr.ª Wilson e as três filhas aguardam a libertação do chefe da família. Apesar de os bens terem sido apreendidos por altura da prisão de Charlie, a verdade é que o aspecto da casa denota uma vida sem preocupações

O QUE É O SELFBANCO?



EQUIPAMENTO CHUBB



É mais uma inovação nossa: a última palavra em serviço permanente e ultra-rápido. A qualquer hora do dia ou da noite, basta meter o cartão na máquina, compor pelas teclas o seu numero de identificação, para receber instantaneamente o dinheiro, dentro dum envelope!...

Desde, claro, que tenha conta no nosso banco. Mas quem a não tem?



INAUGURAÇÃO DA PRIMEIRA MÁQUINA, EM MAIO, NA DEPENDÊNCIA DOS RESTAURADORES.

BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO

A HISTÓRIA DE CHARLES WILSON

(Continuação da 8.ª pág.)

o mais mole. Mas as lágrimas vieram-me aos olhos. Não me foi fácil evitar um choro aberto e convulsivo.

A carta de Charlie referia-se, depois a um medalhão de abrir e fechar que eu uso permanentemente. Mesmo quando ele andava fugido, nunca o abandonei.

Era um grande risco, pois continha uma fotografia de Charlie sem a barba que ele usava co-

mo disfarce. Era quase igual a uma outra que fora publicada, nos pedidos de captura, pela Polícia, após a fuga de Winson Green.

Uma noite, antes de Charlie ser preso, um amigo veio visitar-nos com a mulher e a filha. A miúda tentou abrir o medalhão quando estava sentada nos meus joelhos.

Charlie escreveu: «...Suámos nessa noite»

FIM



Puxando o trenó, ou uma das formas de iludir o tempo e divertir as crianças na neve canadiana

COMUNICADO DO S. I. P. DAS FORÇAS ARMADAS

O Serviço de Informação Pública das Forças Armadas comunica que morreram em combate: na província de Angola, o primeiro-cabo 04034466, Joaquim da Silva Marques Santos, natural do concelho da Bala e filho do sr. Joaquim Marques Santos e da sr.ª D. Almeida da Silva Santos; e na província da Guiné o soldado 03177965, Ramiro Adelino Dias Neto, natural do concelho de Paços de Ferreira e filho do sr. António Neto e da sr.ª D. Rosa Dias Neto.

Militares falecidos no Ultramar

BISSAU, 16 — (A. N. I. e L.) — Por desastre faleceu na Guiné o soldado do recrutamento da província 82028058, Paga Cá, natural de Bissau, filho de Ganhá de Nhambi.

LUANDA, 16 — (A. N. I. e L.) — Morreu em Angola, por desastre, o soldado 00865867 António Oliveira Teixeira, natural da Pareda, filho de Adolfo Teixeira e de Ana da Glória P. Oliveira.

LOURENÇO MARQUES, 16 — (A. N. I. e L.) — Por desastre, morreu em Moçambique o primeiro-cabo 033320065, António Guerreiro Correia, natural da metrópole.

A homenagem da Casa do Ribatejo a Fausto Nunes Dias

A direcção da Casa do Ribatejo esteve no atelier da escultora D. Stela de Albuquerque a examinar um medalhão de Fausto Nunes Dias, director do jornal «Vida Ribatejana», de Vila Franca de Xira, que será descerrado no domingo, às 13 horas, durante um almoço em sua homenagem, que se efectua naquela agremiação, que o mesmo fundou há um quarto de século.

Durante a cerimónia ser-lhe-á entregue a medalha de ouro de serviços distintos da Casa do Ribatejo. As inscrições para o banquete estão abertas na secretaria daquela instituição, Rua do Salitre, 136, 1.ª, ou pelo telef. 68 13 84.

ABRIMOS MAIS UMA PORTA. — SEJA BEM-VINDO. —

Uma nova Agência é um novo contacto com o público.

Para melhor o servir, o BANCO DA AGRICULTURA inaugura a sua Agência em Aljustrel.

BANCO DA AGRICULTURA

O PROGRESSO DO SEU TEMPO

MONUMENTAL

CASCAIS

M/GANOS
EMPRESA J. GUERRA

GRANDE CORRIDA LUSO-ESPANHOLA

19 de Maio (às 16,45 horas)

VICTOR RIBEIRO

JOSÉ JULIO

D. GREGÓRIO M. PIDAL

JUAN ANSEJO "CALERO"

FORCADOS AMADORES DE LISBOA

de NUNO SALVAÇÃO BARRETO

8 bravos toiros 8

da Soc. Agro-Pecuária do Vale do Sado, Lda.

Sombra desde 80,00 — Sol desde 20,00

JUVENITUDE (até aos 17 anos) 15,00

Venda de bilhetes: Em Lisboa Agência A.B.E.P. telefone 32 88 23

Em CASCAIS - Café Brisa - telef. 28 11 26

Bilhetes da Praça - telef. 28 10 07

O Sol dos Toiros na Costa do Sol

DEZ «TEEN-AGERS» PARA UM SÓ TÍTULO

Ao fim da tarde, no Hotel Rex, vai efectuar-se uma inusitada reunião: dez raparigas desfilam em busca de um título que vale uma viagem maravilhosa. Exacto: é a finalíssima do concurso para eleição da princesa portuguesa das «teen-agers», uma iniciativa do semanário «Magazine» que recebeu o apoio do «Diário de Lisboa» e a colaboração dos Transportes Aéreos Portugueses. Os prémios? Muitos e espectaculares. Basta dizer, por exemplo, que o título de princesa vale a presença nos Estados Unidos da América do Norte, na passarela de Chicago onde, entre vinte países, Portugal estará representado por uma destas «teen-agers».

Dez raparigas com sonhos. E pequenas histórias.

● Um horizonte tranquilo

Professora de labores e pintura, em Vila Nova de Famalicão, Maria Aquilina da Silva Gonçalves nasceu em Quintães (Tâmega): a doze de Agosto de 1948. A mãe é de Moledo do Minho; o pai, de Vila Nova da Cerveira. Tem três irmãs. É um sorriso extraordinariamente fotogénico:

— Gosto de patinagem, de andebol... Gosto de cantar, de dançar... gosto de teatro, de música...

Calça 36. Pesa 51 quilos. Mede 158 centímetros de altura. Ri por tudo e por nada. Está muito nervosa.

— Comidas? Ora, deixe-me ver... Isso: lagosta, frango de churrasco, bifes...

A despedir-se:

— Se quiser, escreva que vejo muitos filmes. Com o Sidney Poitier, o Charlton Heston, a Loren, a Christie, a Geraldine. E aquele muito feio... Pois: o Anthony Quinn.

— Tem esperança no título?

Diz que não. E que todos os seus ideais podem resumir-se assim:

— Ter um bom marido. Ser boa esposa, e boa mãe...

● Bom paladar: a cozinha italiana

— Se ganhar? Será a coisa mais inesperada e fantástica da minha vida...

Mora na Quinta de São José, em Sacavém, e chama-se Maria do Carmo Bieberticht Leitão, praticar equitação e nadar, são os «hobbies» desta rapariga, que pesa 50 quilos, calça 37, mede um e setenta. É «fã» das Hepburn: Audrey e Katherine. Acha que o Quinn é «formidável». E, quanto a gastronomia, opta pela cozinha italiana.

— Sabe que mais? Viver segura e feliz é o que eu quero...

● Ser como o Picasso: sonho da «teen-ager» da Cova da Piedade

Foi a última concorrente a ser escolhida. Nasceu no Baixo Alentejo (a 4 de Janeiro de 1952) e reside na Cova da Piedade. Seu nome: Maria Borges Caeiro.

Fala pelos cotovelos:

— Eu estava na Escola, na António Arroio (é que ando a estudar pintura, queria ter um nome célebre, ser como o Picasso, por exemplo), pois eu estava na Escola quando uma colega me veio dizer que eu fora escolhida... Tremi. Roi as unhas. Fica bambolecante.

— Prático basquete e hipismo. Vou muito ao cinema. Danço. Gosto de teatro.

Prossegue o ataque:

— Então a colega disse á profes...

Maria Borges Caeiro: 1,61 de altura para 50 quilos de peso. O prato favorito é leitão assado. E o sonho: ser como Picasso.

● Caviar, «vol-au-vent» e Virgílio Teixeira

A mãe é de Meda (na Beira Alta), o pai é da Costa da Caparica e a menina nasceu no Socorro: a 23 de Fevereiro de 1950. Maria Fernanda Andrade Severino perde horas a ler, a pintar, a escutar música clássica.

— Comida? Deixe-me pensar um bocadinho. Pode ser caviar e macarronete, em «vol-au-vent».

Maria Fernanda mora no Bairro da Encarnação, e já concorreu, há dez anos, a um certame infantil desenrolado nos estúdios da TV.

— Prático natação. E ginástica. Frequento o curso secundário: já sei francês e inglês. Pois, já sei... Pesa 59,200. Calça 36. Tem 1,60 de altura. E (não esqueçamos) vem do Bairro da Encarnação com gostos aferidos: caviar e macarronete em «vol-au-vent».

● Muitos filhos...

Maria de Lurdes da Silva Cruz é lisboeta: aqui nasceu a 27 de Março de 1951. Gosta de nadar.

Dancar. Passear. «Apanhar ar» — diz ela.

— Tenho o curso primário e sou dactilógrafa. Falo inglês: um pouquinho, claro. Quer as minhas medidas?

Queríamos.

— Sou manequim 35. Peso 49,750. tenho um e cinquenta e oito de altura, calço 36 e meio.

Sobre preferências:

— Richard Chamberlain, Roger Moore...

(Ha! Esta baby são, esta teóv... são...)

— Quer saber mais? Gosto de cozido à portuguesa e quero encontrar um bom pai para muitos filhos.

● Gosta de «sky» e toca acordeão

Da Covilhã, veio Maria Manuela Ribeiro Lopes. Gostos especiais: «sky», equitação, modelagem. Nasceu a nove de Abril de 1951, fre...

quanta o terceiro do acat. aprende (bem) francês e inglês.

— Toco acordeão já actuei em festas.

Para as estatísticas, 34 de pé, 13 de peso, um metro e cinquenta e quatro de altura. Maria Manuela: poucas falas em sorriso tímido.

● Rita: modelo fotográfico

Rita Rumina de Mattos Chaves passa modas e é modelo fotográfi-

(Continua na página seguinte)

RADIOTELEVISÃO PORTUGUESA

EUROVISÃO

Transmissão directa
de Londres

Estádio de Wembley

Sábado, 18 de Maio de 1968 / 14.45 horas

FINAL
DA
TAÇA
DE
INGLATERRA

Os 90 minutos mais espectaculares
do futebol inglês



Espectáculo de grande gala
na catedral do futebol

Teatro amador no Villaret Nove MARIAS e uma RITA: o sonho chama-se AMÉRICA

No Teatro Villaret será apresentado amanhã, às 18 e 30, o sexto espectáculo da série de oito que constituem o III Ciclo de Teatro Amador na Empresa, este ano organizado pela Sociedade Central de Cervejas.

O espectáculo de amanhã é formado pelo «Auto da Barca do Inferno», de Gil Vicente, e «A Cantora Careca», de Ionesco, interpretados pelo Grupo da Companhia Nacional de Navegação e encenados pelo jovem actor Ruy de Matos.

A Sociedade Central de Cervejas,

no intuito de estimular a assistência a estas sessões, continua a oferecer aos estudantes lugares a dez escudos.

ARTES PLÁSTICAS

Manuela Pinho e Mariana Quito nas Arcadas do Parque no Estoril

Hoje, às 22 horas, na sala de exposições da Junta de Turismo da Costa do Sol, nas Arcadas do Parque, no Estoril, será inaugurada uma exposição de pintura e gravura de Manuela Pinheiro e Mariana Quito.

(Continuação da pág. anterior)

co. Frequentou a Escola Lusitana Feminina, fala inglês e francês, pratica hipismo e «sky» aquático. Julga-se identificada com os problemas do seu tempo. E tem um sonho: conhecer o Mundo.

— Vou muito ao cinema: Lee Marvin, Steve McQueen, Tarence

Stamp, Shirley Mac Lane, o Burton, aquela que fez «Bonnie e Clyde»...

Rita é lisboeta: nasceu a quatro de Janeiro de 1950, tem uma irmã e dança ritmos modernos. Medida de manequim: 38. Pesa 50 quilos, tem um e setenta de altura, calça número 38.

— Confia no título?

— Até certo ponto...

● Ciclismo e fado para Maria Eduarda

Pintura, música e equitação. Ciclismo, cantar fado e dançar muito. Primeira apresentação de Maria Eduarda Domingos de Carvalho (de Lisboa), nascida a catorze de Outubro de 1948.

Mora numa vivenda: na Rua José da Bateira. Frequento o sexto ano de liceu, pratica ginástica: aplicada e educativa.

— Arranho o francês... gosto muito de «coelho à caçadora» e de «frango em churrasco».

Explica que prefere em cinema os filmes de amor:

— A Liz e o Burton, por exemplo. Não perco um filme com eles. Nem com o António Vilar.

Maria Eduarda: 36 (calçado), 50 (peso), 160 centímetros de altura. Medida de luvas: 6,5. Manequim: 44.

Tem três irmãos. A mãe é de Torres Novas, o pai é de Ferreira do Zêzere. Ela, gosta muito de ouvir Pat Boone.

— Impressiona-me, sabe...

● Mariscos e Peter O'Toole

Graziela Maria Ramos Santos Lã é madeirense: viu a luz do dia no Funchal, a 3 de Setembro de 1949. Lê imenso (garante), ouve música (muita), vai bastante ao cinema (duas-três vezes por semana).

— Sou doida por «sky». E por automobilismo. Aliás...

— Aliás...

— Aliás, gostava de dar a volta ao Mundo. A dançar, a nadar...

Frequentar aulas sobre turismo.

no Instituto de Novas Profissões. Fala espanhol, francês e inglês. «Acrecente: e português, também...»

Sobre predilecções cinematográficas, fala de artistas:

— Peter O'Toole, Omar Sharif, Audrey, Julie Christie...

É loquaz:

— Pergunte-me sobre comidas, pergunte...

Acrecenta:

— Mariscos e bifes com batatas fritas.

Graziela é manequim 38. Calça trinta e seis, pesa 49 kg, tem um metro e sessenta e cinco de alto.

— Ser manequim...

— Constituir família...

— Ir por aí fora...

(O futuro está em duvida).

● Cinema: ver para chorar

A natação, a literatura e as boas corridas ciclistas são os prazeres de Zaida Maria Coutinho da Cruz, lisboeta, nascida a 7 de Julho de 1949.

— Dou uns «toques» no Francês e no Espanhol.

Vive os grandes dramas cinematográficos: Liz e Rock Hudson a desencadearem torrentes de lágrimas. Gosta de bifes e de frango.

Anda no quinto ano de liceu. Calça 34, pesa quarenta e cinco quilos, tem um metro e cinquenta e oito.

☆

Nove Marias e uma Rita. Todas garantem:

— Não namoramos.

Dez raparigas que este fim de tarde vão viver um momento de «suspense». Quando o júri (um pouco circunspecto) começar a tomar suas notas. A excluir esta. A eliminar aquela. A fixar os olhares numa delas.

A feliz que irá aos Estados Unidos, como princesa das «teen-ager» de Portugal.

N. de S.

Deve ser solucionado o problema dos prédios devolutos da Rua Castilho

Prolongou-se até depois da meia-noite, o rescaldo do incêndio que ontem, pouco depois das 22 horas, se declarou num prédio da Rua Castilho, devoluto há mais de quatro anos.

Foi o quarto incêndio ali declarado em dois anos e recorda-se que o prédio em questão, com o n.º 48, serve frequentemente de refúgio a quadrilhas de ladrões que dele fazem quartel-general para os seus assaltos. Recorda-se também que o prédio contíguo, n.º 46, pertencente ao sr. dr. João Ribeiro da Silva, foi assaltado no Natal de 1966, tendo os gatinhos penetrado na residência através do edifício abandonado.

Parece, pois, chegada a altura de se encarar a solução do problema que o prédio abandonado constitui, tal com outro situado no n.º 54

daquela artéria e pertencente ao mesmo proprietário, o sr. José Costa Rodrigues, residente na Avenida António Augusto de Aguiar.

Colhido por um comboio

O servente José Fontana Gonçalves Varela, de 30 anos, foi colhido por um comboio na estação da Malveira, esta manhã, tendo sido transportado à sala de observações do Hospital de S. José. Tinha um pé esmagado e contusões múltiplas.

PAREDE - MADORNA

(COM GRANDES FACILIDADES DE PAGAMENTO)

LOTES PARA MORADIAS ISOLADAS,
GEMINADAS E BANDA-CONTÍNUA
ÓPTIMA SITUAÇÃO E A CERCA DE 1 KM
DA ESTAÇÃO DE CAMINHO DE FERRO

Preços desde: 140 contos

PROP. JOAQUIM BARAONA

Est. Marginal, Lote JME-2.º, C. — C A S C A I S
Telefs. 282345-282388

II ENCONTRO DE EXPORTADORES PORTUGUESES

ORGANIZAÇÃO E TÉCNICAS

EXPOSIÇÃO DE LIVROS SOBRE

ORGANIZAÇÃO GESTÃO DE EMPRESAS E MARKETING

EXPOSIÇÃO DE EQUIPAMENTO MECANOGRÁFICO

SOCIEDADE NACIONAL DE BELAS ARTES, 9 a 16 DE MAIO DE 1968



BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO

DIÁRIO DO PORTO

Festas militares

O Regimento de Infantaria n.º 6 comemora, amanhã, o «Dia da Unidade» cujo programa inclui missa, na capela do quartel, às 10 e 30; formatura geral e alocação pelo comandante, colocação de flores junto ao monumento dos mortos do regimento e desfile das tropas em parada; e à tarde, sessão de cinema. Presidirá às cerimónias o general comandante da 1.ª Região Militar.

Doença súbita fatal

Acometido de doença súbita, faleceu pouco depois de entrar no Hospital de Santo António o empregado de escritório, sr. António Pinheiro do Carmo, de 50 anos, casado, morador no Largo da Escola Médica, 30.

Houve acordo sobre a herança de um benemérito que beneficia pobres de Braga

BRAGA, 16 — As diversas casas de beneficência abrangidas pelo testamento do abade da Lourdeira, reuniram-se com os herdeiros daquele benemérito, para estabelecerem um acordo relativo ao montante da herança que lhes possa caber no litígio com as referidas instituições.

Na reunião parece ter havido acordo, o qual se aproxima dos dois mil contos e permite que aquela instituição, agora cativa, passe para as referidas instituições de beneficência. O litígio, que durava há treze anos, só redundava em prejuízo para todos e, muito especialmente, para os pobres, aos quais o abade de Lourdeira quis beneficiar.

SERIA OCASIONAL A CENA DE TIROS QUE MATOU UM HOMEM PRÓXIMO DE VALPAÇOS

VALPAÇOS, 16 — As investigações em curso, pela G. N. R. sobre o crime de morte praticado no lugar de Alpende e atribuído a rixas entre os protagonistas do drama demonstram que elas não existiam. Pelo menos, não havia questões graves de remota data que o justificassem.

O sr. Adriano dos Santos Ferreira, de 54 anos, trabalhador, casado, residente na povoação de Ponte Nova, desfechou um tiro de arma caçadeira contra o sr. Alcino de Freitas Chaves Medeiros, de 40 anos, residente em Alpende, o qual teve morte imediata.

Parece que a vítima quis mostrar que não tinha medo de um homem armado de espingarda. Então, quando os dois disputavam a posse da arma esta desfechou-se.

FALECERAM NO HOSPITAL

Após ter estado 19 dias em coma, faleceu, esta manhã, no Hospital de São José, um sapateiro de Valamonte, Monforte, que ali caiu da sua motorizada, no dia 28 de Abril último, sem que tivesse voltado a dar acordo de si.

No mesmo estabelecimento morreu, esta manhã, António da Silva Caldeira Teixeira, de 25 anos, natural de Degolados, Campo Maior, que ficara gravemente ferido no despieste do automóvel em que seguia, naquela vila.

Assalto e roubo praticados por uma mulher

A G. N. R. de Porto de Arcozelo prendeu a jornalista Alda Maria dos Santos Almeida, de 37 anos, que vive maritalmente com um indivíduo, no lugar da Camarinha, Arcozelo (Vila Nova de Gaia), por ser autora de um assalto, por escalamiento, na noite de sábado para domingo a uma adega em Miramar, próximo da capela do Senhor da Pedra, pertencente à viúva de Júlio Soares de Almeida. Furtara dali mais de setecentos escudos em dinheiro, moedas antigas, um cofre portátil com cerca de cinco mil escudos em ouro, dois relógios de pulso, 74 maços de tabaco e um cobertor. Em casa dela foi apreendido todo o furto, menos o cofre, que ela diz ter deixado a um poço depois de estroncado.

A mulher que já tem cadastro, foi entregue, pela G. N. R. à Polícia Judiciária.

Recital de piano por um jovem artista

Para inauguração das actividades impulsionadoras da música erudita, na divulgação de artistas jovens, haverá no dia 23, às 21 e 30, no salão nobre da Associação de Jornalistas e Homens de Letras, um recital de piano pelo jovem (14 anos) Jaime Jorge da Mota, que executará obras de compositores portugueses e estrangeiros.

Artes plásticas

Exposições a inaugurar: amanhã, às 17 horas, no Ateneu Comercial, com a presença do chefe do distrito, de aquarelas de Maria Teresa; depois de amanhã, às 18, no salão de festas do Coliseu, de pintura a óleo de Maria del Carmen Valenzuela Tavares, que ficará patente ao público até ao dia 27; e no dia 20, às 18, na Galeria Divulgação, também de Aquarelas de Martins da Costa.

No domingo, às 18 horas, será inaugurada, na Pinacoteca, uma exposição de trabalhos de pintura da artista Yara.

Confraternização de antigos estudantes

Os antigos alunos da Escola de Oliveira Martins estão a preparar mais uma reunião de confraternização, num restaurante da Foz do Douro. Serão também convivas antigos professores.

CALENDÁRIO DESPORTIVO

HANDEBOL DE SETE — Torneio do Candal — (Série A): Novos-Veteranos e Morenos-Metalúrgicos, no ringue do Candal, a partir das 21 e 30 horas.

AUTOMOBILISMO — Rallye de Maio — Sorteio dos numerosos dos concorrentes, às 24 horas, na sede do Targa Clube.

BASQUETEBOLE — Taça de Portugal (Zona Norte — Série A): Educação Física F. C. do Porto, no ringue do Educação Física, às 21 e 30 horas.

TÊNIS DE MESA — (A. D. de Braga) — Campeonato Regional de Juniores: Guimarães (A)-Guimarães (B), Arte e Recreio-Braga, às 21 horas, nas salas dos primeiros.

DIVERSOS — Jantar de homenagem a Laureano Barrosa, às 20 e 30 horas, promovido por uma comissão de associados do Clube Fluvial Portuense, num restaurante da cidade.

Necrologia FALECIMENTOS

Mário da Silva Cabral

PORTO, 16 — Na sua residência, na Avenida da Boavista, 969, faleceu, esta manhã, o sr. Mário da Silva Cabral, de 85 anos, viúvo, comerciante.

O funeral, a cargo da Companhia Funerária, sai amanhã, às 10 e 30, para o cemitério de Agra-monte.

Delegação:

Rua do Almada, 30, 2.º
T. 20954/5 ★ Telex 2782

Uma conferência de Fernando Lopes Graça

Fernando Lopes Graça vem a esta cidade e fará hoje às 21 e 30, uma palestra-colóquio sob o tema: «Um Encontro com Beethoven e Bela Bartók», que será ilustrada com música gravada.

ESPECTÁCULOS para esta noite

TEATROS
SA DA BANDEIRA — As 21 e 45: «A flor do cacto» (17 anos)
ANTÓNIO PEDRO — As 21 e 45: «Vestir os nus» (17 anos)

CINEMAS
S. JOÃO — As 21 e 30: «Madame X» (17 anos)
RIVOLI — As 21 e 30: «O Estrangeiro» (Adultos)
COLISEU — As 21 e 30: «1 mulheres para os Mac Gregor» (12 anos)
AGUIA D'OURO — As 21 e 30: «O que aconteceu em Campo Grande» (12 anos)
TRINDADE — As 21 e 30: «Longe da multidão» (12 anos)
BATALHA — As 21 e 30: «Livra-me desta mulher» (17 anos)
OLÍMPIA — As 21 e 30: «Hondo, o destemido» (12 anos)
CARLOS ALBERTO — As 21: «A Scotland Yard contra Mabuse» e «007 missão em Lisboa» (Adultos)
VALE FORMOSO — As 21 e 30: «O amor desceu em pára-quedas» (12 anos)
JULIO DINIS — As 21 e 30: «Quatro damas para um ás» (17 anos)
ESTUDIO — As 21 e 30: «Por favor não me morda o pescoço» (17 anos)

para amanhã à tarde

CINEMAS
S. JOÃO — As 15 e 30: «Madame X» (17 anos)
RIVOLI — As 15 e 30: «O Estrangeiro» (17 anos)
TRINDADE — As 15 e 30: «Longe da multidão» (12 anos)
BATALHA — As 15 e 30: «Livra-me desta mulher» (17 anos)
OLÍMPIA — As 15 e 30: «Hondo, o destemido» (12 anos)
AGUIA D'OURO — As 15 e 30: «O que aconteceu em Campo Grande» (12 anos)
CARLOS ALBERTO — As 15: «Trinta Winchester» e «Teia de Aranha» (12 anos)

Farmácias de serviço esta noite (5.º turno)

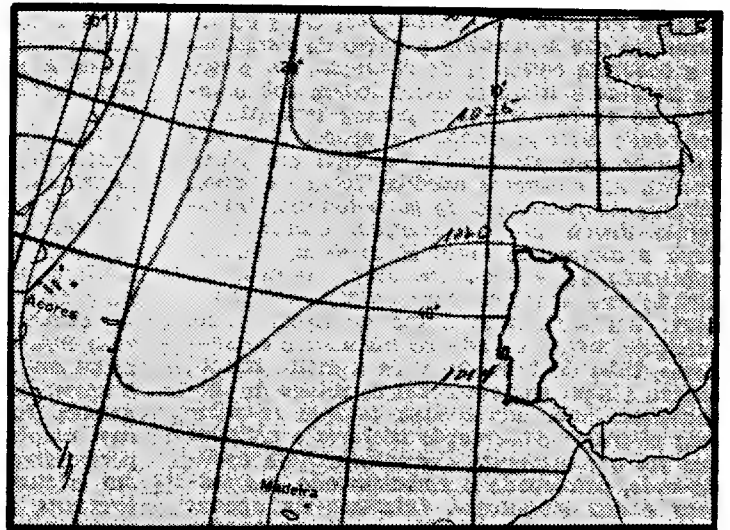
AMEAL, R. do Anel, 1227 (T 4-3550)
* BIRRA, Praça da Liberdade, 125 (T 2-0463)
* COSTA LIMA, Av. da Boavista, 855 (T 6-0606)
* FALCÃO, Rua do Santo Ildefonso, 6 (T 2-1566)
* INVICTA (Rua do Bonfim, 330 (T 5-1212)
* LAPA, Rua Antero de Quental, 211 (T 4-0697)
* MARTINHO, SUCR., Praça Marquês de Pombal, 22 (T 4-0747)
* ORDEM DA TRINDADE, Rua da Trindade, 19 (T 2-7420)
* RAMOS, Rua do Exército Libertador, 9 (T 6-4935)
* SANTA TERESA, P. G. Gomes Fernandes, 100 (T 3-5713)
* TERREIRO, Rua do Reboleira, 2 (T 2-3576)
* VAZ TEIXEIRA, SUCR., Rua do Heroísmo, 56 (T 5-2851)
* VILARINHA, Rua da Vilarinha, 161
* NACIONAL — P. S. do Luz, 156 — 5.º

O TEMPO QUE FAZ

Informação do Serviço Meteorológico Nacional:

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ AS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: 32°. Elvas; mínima: 8.º, Penhas da Saúde

TEMPERATURAS OBSERVADAS, AS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — Na atmosfera: 5.º, na água do mar: 21.º, 3.



Carta de prognóstico para as 24 horas de hoje

TUGAL CONTINENTAL ATÉ AS 24 HORAS DO DIA 17 — O anticiclone assinalado a noroeste da Irlanda e a depressão centrada a nordeste das Canárias transportam na sua circulação conjunta uma massa de ar seco que manterá o bom tempo em todo o continente português.

Previsão geral até às 24 horas de amanhã

BOM TEMPO, COM CÉU GERALMENTE POUCO NUBLADO E VENTO FRACO PREDOMINANDO DE LESTE.

SOL Amanhã: Nascer às 6 e 24

Ocaso às 20 e 43
PREIA-MAR: Dia 16 — As 7 h (3,7 m); 19 e 20 (3,8 m). Dia 17 — As 7 e 57 (3,4 m); 20 e 14 (3,6 m). Dia 18 — As 9 h (3,3 m); 21 e 20 (3,5 m). BAIXA-MAR: Dia 16 — As 0 e 20 (1 m); 12 e 32 (1,2 m). Dia 17 — As 1 e 09 (1,2 m); 13 e 20 (1,5 m). Dia 18 — As 2 e 10 (1,4 m); 14 e 23 (1,7 m).

FASES DA LUA

Dia 19 Dia 27 Dia 4 Dia 10

TIRO AO VOO

O Clube Industrial de Pevidem vai novamente organizar provas internacionais de tiro ao voo, a partir de amanhã e até ao próximo domingo. Entre muitos troféus a disputar, haverá também prémios pecuniários que atingem, na totalidade, 220 mil escudos. Amanhã, o torneio inicia-se com a «Prova Ensaio», seguindo-se a disputa das taças «Caves Monte Crasto» e «Beneficência». No sábado, efectua-se o Campeonato do Clube Industrial de Pevidem, numa «poule» para a taça «Coelima» e, depois, a taça «Federação». No domingo, haverá o «Grande Prémio», taça «Indústria» e, finalmente, a taça «Vencedores».

CHIBANGA

em Sá da Bandeira

SA DA BANDEIRA, 16. — (L.) — O novilheiro moçambicano Ricardo Chibanga toureará nesta cidade no próximo dia 18 de Agosto, numa corrida em que actuará a cavaleira espanhola Amina Assis ou a francesa Pierret Lebordier.

A corrida integra-se nas Festas a N.º S.º do Monte, cujo programa incluirá também diversas provas desportivas, com particular destaque para um torneio de futebol e competições automobilísticas.

FRIGAZ, L. DA

ELECTRODOMÉSTICOS

15.º ANIVERSÁRIO

Iniciamos hoje o 16.º ano de actividade profissional, sob o lema: «SERVIR BEM PARA CONTINUAR A SERVIR». Talvez também, tenhamos falhado nalguma coisa, mas procuraremos tirar lição... Lutaremos para que se mantenha o apoio espontâneo dos nossos amigos de até agora, amigos esses que sempre nos têm proporcionado novas amizades.

Faremos por merecer a atenção dos primeiros, conquistando os segundos, na esperança de conhecermos terceiros. Gostosamente, o nosso obrigado

A GERÊNCIA
João Caeiro
Maria de Lurdes Caeiro

RUA MARIA, 43-C

LISBOA

TELEF. 84 91 07

LICEU — ADM. INSTITUTOS — SECÇÃO PREPARATÓRIA

Cursos: BASICO, NORMAL, ACELERADO

Cursos de VERÃO com início em Maio e Junho

EXTERNATO LICEAL E TÉCNICO ARQUIMEDES

Rua Marques da Silva, 99-2.º — Telef. 532702

CURSOS INTENSIVOS — AULAS DIURNAS E NOCTURNAS — PROFESSORES ESPECIALIZADOS — LIVROS PRÓPRIOS

EXTERNATO TÉCNICO PITÁGORAS

R. Conde Redondo, 56, 1.ª-Esq. — Tel. 536380

Torre



de Babel

João Medina

BONS TEMPOS

ENTRE AS DUAS GUERRAS, nos anos de sobressalto que separaram o pacto de Versalhes e a cobardia colectiva de Munique, um grupo de artistas e literatos amotinou-se sob o lábaro do supra-real, para grande irritação da sociedade bem-pensante da época. Não vou historiar esse movimento nascido em plena guerra, na neutral e bucólica terra helvética, paraíso da finança e do gado leiteiro, transferido depois para a margem esquerda do Sena e anunciado «urbi et orbi» no famoso manifesto de Aragon em 1924: Anuncio ao mundo esse acontecimento de primeira grandeza: um vício novo acaba de nascer, uma vertigem mais foi dada ao homem: o surrealismo, filho do frenesim e da sombra. Entrai, entrai, é aqui que começam os reinos do instantâneo. Não, não é meu intento recordar essa pitoresca amotinação literária e artística que foi o movimento surrealista, hoje encadernado, catalogado e embalsamado nos museus e nas bibliotecas. Interessam-me apenas recordar, entre os mil ritos novos suscitados pela tribo surreal, um curioso passatempo, hoje esquecido.

Reunidos no café Cyrano, os amigos e fiéis de Breton escreviam cartas de injúrias colectivas aos escritores, artistas e críticos em voga. Beberricando o péssimo café que neste país se consumia e ainda se consome, esses satânicos fundâmbulos escolhiam a vítima do dia e começavam a redacção de um texto invariável: Monsieur, j'ai l'honneur de vous informer que je vous tiens pour un porc et un con... Bons tempos, aqueles. Bons tempos, com efeito. Imagine-se um Claudel, poeta e diplomata, ou um Giraudoux, igualmente artista e homem de carreira, a abrirem essas missivas anarquistas. Imagine-se o autor de Tête d'Or, o ventre já volumoso, o papo cheio, a bochecha fiávida e prosaica, sentado numa velha poltrona de coiro velho, a abrir a carta do café Cyrano, as pupilas focadas para a leitura daquelas linhas: Monsieur Claudel, j'ai l'honneur de vous informer que je vous tiens pour un redoutable emmerdeur. Etc. Imagine-se agora a expressão de Claudel, o tremulo cardíaco, a percussão destas amáveis palavras na Alma do Poeta francês.

Evidentemente que o texto acabado de transcrever nunca deve ter sido escrito, pelo menos nunca o foi nestes exactos termos que agora fantasio, embora haja uma grande probabilidade estatística de vir a ser encontrado

um dia no espólio claudeliano. Seja como for, cartas deste teor choveram sobre os académicos e pré-académicos autores da época. Bons tempos, vos dizia eu. Bons tempos, aqueles.

Hoje, nesta Europa cada vez mais ciosa de gravidade, semelhantes missivas parecem improváveis, por duas grandes e evidentes razões: por um lado, já nenhum neo-anarquista se lembraria de ir ao Cyrano escrevinhar injúrias a quem quer que fosse e, por outro, nenhum membro da Academia Francesa teria o mau gosto de ficar indignado com aquela fórmula, Monsieur X, j'ai l'honneur de vous informer que je vous tiens pour un porc et un con... E é precisamente isto que me entristece: já ninguém zomba de ninguém ou, quando tal acontece, já ninguém se zanga com ninguém. Digamos mesmo que se tornou perigosamente conformista utilizar o sarcasmo, a surriada e a chacota. Pensemos em Brassens, premiado pela Academia Francesa, mau grado o clamoroso antiacademismo de todas as baladas e trovas canalhas daquele gollardo.

A Europa lembra-me às vezes uma senhora de chinelos que vivesse da sua reforma numa velha mansão dos arredores, o quarto cheio de fotografais murchas, as gavetas dos armários atulhadas de flores secas, cartas de amor que fariam rir os netos da boa anciã, recortes de antigos jornais cujos títulos já ninguém reorda. No meio dessas cartas ridículas, duas ou três folhas de papel com a mesma frase: Monsieur j'ai l'honneur de vous informer... Etc. Vamos, leitor, anda daí comigo, vamos visitar esse velha senhora, ouvir as suas canções de embalar. Que diz ela? Diz que há muitos anos, quando era nova e louça, frequentava um bando de jovens anarquistas que se reuniam no café Cyrano... Ei-la que suspira, que olha o horizonte vago e baixa a voz. Que diz ela. Diz que os netos dela perderam de vez o gosto e a prática do motim literário, que um espírito burocrático e severamente positivo parece reinar de vez na República das Letras, república que, por sua íntima e indomável natureza, devia viver sempre no caos da criação, na irreverência salutar, no tumulto, na iconoclastia. Lá está ela a suspirar de novo. Que diz? Diz que nunca mais soube dos amáveis bombistas de outrora, que a vida os dispersou. Pobre, pobre senhora. Estrasburgo. Março de 1968



Everret C. Thomas deitado na cama do Hospital de St. Luke de Houston (Texas), folheia um livro, onze dias depois de ter recebido o coração de uma rapariga de 15 anos. O seu estado foi descrito como sendo excelente

Três novas lanchas vão ser entregues à Armada em cerimónia que se efectua amanhã

O ministro da Marinha, acompanhado do chefe do Estado-Maior da Armada e do superintendente dos serviços da Armada, visita amanhã pelas 17 horas, as carreiras do Arsenal do Alfeite, em inspecção às lanchas da classe «Bellatrix» e «Cacine», que ali se encontram em construção, presidindo à cerimónia da entrega à Armada de 3 lanchas da primeira daquelas classes: «Arc-turus», «Aldebaran» e «Procion».

As lanchas desta classe são idênticas às 3 lanchas da classe «Alvor» construídas em 1967. Mais duas restantes em construção apresentam-se já com os cascos concluídos; deslocam 28 ton., têm o comprimento de 20 m. e alcançam a velocidade de 15 nós.

As 4 lanchas da classe «Cacine» que ali se encontram em construção, duas das quais já bastante adiantadas, têm o comprimento de 48 metros, deslocam 313 ton. e atingem a velocidade de 20 nós.

O ministro da Marinha visitará também o antigo navio-tanque «Sam Brás» que está a ser transformado em navio de apoio logístico, equipado com oficinas diversas e instalações hospitalares, incluindo sala de operações, instalações de ar condicionado e dispo-

sitivo para reabastecimento de combustível; a navegar, poderá transportar viaturas no convés e no castelo, bem como duas barcas de desembarque e ficará dotado de plataforma para aterragem de helicópteros.

O ministro da Marinha observará ainda os trabalhos de transformação do N. R. P. «S. Rafael» em navio de transporte e oficina, e apreciará outras construções em curso.

Contrastes Geográficos e Históricos em Portugal

— tema da conferência proferida em Paris pelo prof. Orlando Ribeiro

PARIS, 16 — (A.N.I.) — «Contrastes geográficos e históricos em Portugal» foi o título de uma conferência que o professor da Faculdade de Letras de Lisboa, actualmente professor do Instituto de Geografia da Faculdade de Letras de Paris, prof. Orlando Ribeiro, proferiu no salão do Centro Cultural Português, da Fundação Calouste Gulbenkian em Paris.

Assistiram altas individualidades da vida cultural francesa, elementos representativos da colónia portuguesa e muitos jornalistas.

A seguir à conferência a convite do director do Centro Português de Cultura, prof. Veríssimo Serrão, todos os presentes se reuniram num Porto de honra.

Concerto sinfónico na Estufa Fria

A Orquestra Sinfónica de Lisboa, sob a regência do maestro Fernando Cabral, exhibe-se, hoje, às 21 e 45, na Estufa Fria, interpretando a abertura da ópera «A Clemência de Tito», de Mozart, a «Sinfonia n.º 8», de Beethoven; a abertura da ópera «Hansel e Gretel», de Humferdinck; «Vito», de Viana da Mota; «Pavana», de «Fauré»; e a abertura da ópera «Rienzi», de Wagner.

CHOCOLATES TAGIDES

BARREIRO • LISBOA • QUELUZ

CONFIE NA

Ourivesaria da
GUIA

COMO O FAZ, HA QUASE 100 ANOS.
UMA CLIENTELA CADA VEZ MAIS NUMEROSA

RUA D. DUARTE, 4-B
(Edifício do Hotel Mundial)



LIBRAS OURO

Começaram a sair as Libras na PASTA COUTO VULGAR

- 1.º — Sr. VIRGINIO A. DIAS DE SOUSA — PORTO
- 2.º — Sr. ANDRÉ DE JESUS GARCIA — GAIA
- 3.º — D. MARIA DA CONCEIÇÃO COUTO — PORTO
- 4.º — D. MARIA MARGARIDA MACEDO — GAIA
- 5.º — Sr. MANUEL BOCHA FRANCISCO — PORTO
- 6.º — Sr. MANUEL J. CARLOS — S. MAMEDE

A PASTA COUTO VULGAR dá-lhe a brancura natural dos dentes e libras, mas a Pasta Medicinal Couto, DÁ-LHE A SAÚDE DA BOCA E DOS DENTES.

NOIVOS

As alianças e prendas da
OURIVESARIA DA MODA
dão felicidade
RUA DA PRATA, 257

CHAVE D'OURO O MELHOR CAFÉ...

Em ALVERCA o «DIÁRIO DE LISBOA» encontra-se à venda na TABACARIA CAMPINAS, Rua Joaquim Sabino Faria, 18-A.

Morreu quando tomava banho na praia do Clube Naval um estudante da Escola Técnica do Barreiro

BARREIRO, 16 — O Joaquim já não volta à escola. Ainda ontem era a alegria em pessoa porque era a vida que desfrutava em toda a sua plenitude. Hoje não é mais do que uma saudade que principia a marcha para o esquecimento, para o tempo que não regressa...

O calor fortíssimo que tem feito levou-o até à praia do Clube Naval. Era meio da tarde. E o que prometia ser uma festa, transformou-se num drama. Quando tomava banho, o Joaquim Valente Fa-

quinha sentiu-se indisposto. Socorrido imediatamente, foi transportado ao hospital onde chegou já morto.

Ninguém na praia sabia aplicar a respiração boca-a-boca. Talvez por esse processo, o Joaquim tivesse regressado à vida, a Alhos Vedros, sua terra natal, talvez ainda hoje pudesse voltar à escola técnica onde todos os seus colegas o estimavam — e agora o choram.

JOALHARIA MERGULHÃO

Fornecedora do Corpo Diplomático — Fundada em 1895

A MAIOR VARIEDADE EM PRATAS ARTÍSTICAS

162, Rua de S. Paulo, 162-B
Telefone 30013 — L I S B O A

JÓIAS

ANTIGAS E MODERNAS
Compro cobrindo todas as ofertas
OURIVESARIA PIMENTA
RUA AUGUSTA, 253
Telef. 324564

PISCINA DO TAMARIZ

REABRIU AO PÚBLICO

Tratamento de água sob a direcção técnica do eng.º químico B. de Mesquita

Informações no CASINO ESTORIL — Tel. 260730

30 toneladas de níquel para fazer moedas

A administração da Casa da Moeda aceita propostas, até às 14 horas do dia 28 do corrente, para o fornecimento de 30 toneladas de níquel puro.

Da proposta deverá constar o grau de pureza do níquel, se é em esferas, cátedos ou pedaços, cujas dimensões serão indicadas. Deve, também, ser indicado o prazo de entrega. Tudo isto se transformará, depois, em moeda sonante.

NOVO ESTATUTO E NOVO REGULAMENTO DO SINDICATO DOS CONSTRUTORES CIVIS

A assembleia geral do Sindicato Nacional dos Construtores Civis aprovou por unanimidade e aclamação o novo estatuto e um novo regulamento daquele orga-

nismo. O estatuto, agora remodelado, datava de 1933 e o regulamento constituía uma aspiração da classe desde há 18 anos.

A assembleia foi presidida pe-

lo sr. Arménio Pires Serro, tendo comparecido numerosos sócios que participaram na discussão dos dois documentos elaborados pela direcção.

BANCOMAT BFB

**A MAIS MODERNA
TÉCNICA BANCARIA
DESDE JÁ
PERMANENTEMENTE
AO SEU SERVIÇO
NAS 24 HORAS DO DIA**



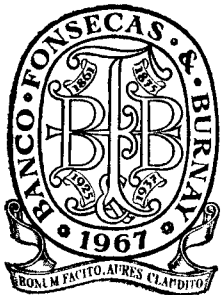
FACTOS HISTÓRICOS PORTUGUESES.

Al. Pires Serro, 27 de Maio de 1968, Lisboa, e uma deliberação da sua Presidência.

O BANCOMAT É UM DISTRIBUIDOR AUTOMÁTICO, QUE LHE ENTREGARÁ A TODO O TEMPO, AS NOTAS QUE DE MOMENTO POSSA TER NECESSIDADE, QUER NUM FIM DE SEMANA, QUER NUM FERIADO... MESMO DURANTE A NOITE

LARGO DO
CHIADO 24

1.º BANCOMAT EM FUNCIONAMENTO



BANCO FONSECAS & BURNAY

CAPITAL E FUNDOS DE RESERVA 852 000 000\$00

SEDE: LISBOA—RUA DO COMÉRCIO, 132

AINDA ESTE MÊS, INAUGURAÇÃO DE UMA NOVA MÁQUINA NO PORTO—AVENIDA DOS ALIADOS, 28/32 E NO PRÓXIMO MÊS DE JUNHO EM LISBOA—AVENIDA DE ROMA, 5D-5E

DO ESTRANGEIRO • DO ESTRANGEIRO • DO ESTRANGEIRO • DO ESTRA

O SISMO NO JAPÃO MATOU 14 PESSOAS

TOQUIO, 16 — (R.) — Um violento terramoto — o maior dos últimos 16 anos — assolou hoje a Norte do Japão, destruindo centenas de edifícios, provocando incêndios e dando origem a marés sísmicas que flagelaram as cidades do litoral.

Ao princípio da tarde o número de mortos contado era de 14, havendo três pessoas desaparecidas e mais de 50 feridas.

O terramoto atingiu a ilha de Hokkaido e a parte norte de Honshu pouco depois das 9 e 30 da manhã locais (0 e 30 T.M.G.).

O número de casas destruídas ou danificadas aproxima-se de 200. As comunicações telefónicas ficaram interrompidas em várias cidades assim como o tráfego rodoviário, aéreo e marítimo.

Os serviços meteorológicos japoneses informaram que a intensidade do sismo foi de 7-8 na escala Richter, ou seja ligeiramente inferior ao catastrófico terramoto de Kanto, que em 1923 causou a morte a cerca de 80 000 pessoas e avultados prejuízos na região de Tóquio.

Vagas sísmicas de cerca de 6 metros de altura começaram a flagelar a costa nordeste do Japão, cerca de 20 minutos depois do sismo e a população foi avisada que viriam ainda ondas maiores.



Eleições presidenciais no Panamá, há dias realizadas, deram origem a motins na capital durante os quais se registaram dois mortos e vários feridos

A população dos Estados Unidos

WASHINGTON, 16 — (F. P.) — A população dos Estados Unidos atingiu em 1 de Abril de 1968 o total de 199 387 000 pessoas (200 658 000) contando com os americanos de serviço ou residentes no estrangeiro, anuncia o departamento nacional de recenseamento. Trata-se de um aumento de 11,2 por cento em relação a 1960.

O total de 200 milhões fora registado em Novembro último.

Os estudantes franceses mantêm-se na Sorbonne há já três dias

PARIS, 16 — (F. P.) — A Sorbonne viveu, da noite de ontem para hoje, a sua terceira jornada «revolucionária». A animação e a alegria mantiveram-se, acrescentando-se-lhes uma actividade febril. Os anfiteatros estiveram à cunha, prosseguindo neles as apaixonadas discussões dos problemas estudantis, desde os exames até ao cinema.

No pátio interior tocava uma banda. No interior como no exterior os cartazes nas paredes multiplicaram-se. Vêem-se retratos de Mao, de «Che» Guevara, de Trotsky. Como em Nanterre, aparece-

ram as frases pintadas também nas paredes.

A «Assemblée Geral», que funciona no grande anfiteatro, pôs em leilão os frescos de Puvion de Chavannes que ornamentam o pátio interior deste anfiteatro.

Na província o movimento estudantil repercutiu-se. Em Nantes, uma centena de estudantes foi passar a noite com os operários que ocupam a Sul-Avição. Em Bordéus, os estudantes de Medicina decidiram o adiamento dos exames por quinze dias. Em Reims, os liceais suspendem as aulas e substituem-nas por sessões de discussão. Mas Toulouse é pelos exames, e a Federação dos Estudantes declara que a supressão dos exames seria catastrófica. Em Lyon a greve é total na Faculdade de Ciências.

Violentos tornados nos E. U. A.

(Continuação da 1.ª página)

City como em Oelwein, depara-se com um espectáculo de desolação: Nada resta do centro comercial, quase todas as casas foram mais ou menos gravemente abaladas. Aqui, como ali, todas as comunicações ficaram cortadas com o exterior, o que demorou a chegada dos socor-

ros. Ambulâncias, médicos, socorristas, equipas de guardas nacionais e da Polícia estadual afluem, agora, às localidades sinistradas. As autoridades solicitam o apoio das populações vizinhas, porque não dispõem de meios imediatos para alojar e alimentar os milhares de sem-tecto. Também o Arkansas, Estado ao sul do de Iowa, foi varrido, esta

noite, por tornados que provocaram 10 mortes pelo menos. Quase simultaneamente, quatro furacões desabaram sobre Jonesboro (24 000 habitantes), matando 3 pessoas. Oil Trough, matando igualmente três habitantes, Tuckerman (1 morto) e um acampamento de caravanas, em Mountain Home (3 mortos). Pouco depois, o quinto tornado varria Ma-nilla, destruindo grande parte do centro da localidade e causando vários feridos. No Arkansas, como no Iowa, as comunicações estão a ser restabelecidas com dificuldade, razão porque não é possível ainda fazer uma estimativa exacta da extensão dos danos e do número das vítimas.

BALANÇO DA SEGUNDA OFENSIVA DO VIETCONG

SAIGÃO, 16 — (A. N. I. e F. P.) — A última ofensiva inimiga no Vietnam do Sul custou aos Estados Unidos o número mais elevado de mortos num período semanal — anunciam as autoridades.

Esta ofensiva do Vietcong e norte-vietnamiana, uma versão em menor escala da ofensiva do «Tet», representou para as forças norte-americanas durante a semana passada 562 mortos e 2225 feridos.

Com referência a um período semanal, nem a ofensiva do ano novo

lunar, a batalha de Hué ou o cerco de Khe Sanh, produziram tão elevado número de baixas entre os norte-americanos.

A ofensiva da Primavera atingiu 122 locais no Vietnam do Sul, mas o alvo principal foi Saigão onde nas ruas do bairro chinês, se lutou de porta a porta durante mais de oito dias.

O Ataque custou ao inimigo mais de 8000 mortos em todo o Vietnam do Sul, a maior parte na capital e seus arredores. Só a semana passada foram mortos 5552 comunistas.

As baixas sul-vietnamianas, a semana passada, foram de 675 mortos e 1999 feridos.

A segunda ofensiva envolveu também pesadas destruições: 13 650 casas no conjunto formado por Saigão-Cholon-Gia Dinh, anunciou o ministério dos Refugiados. No sexto bairro de Cholon, com quarteirões inteiros arrasados pela aviação e pela artilharia, são retirados todos os dias cadáveres das ruínas do casario.

INUNDAÇÕES NA MACEDÓNIA

BELGRADO, 16 — (F. P.) — Sete pessoas, entre as quais duas crianças, pereceram nas inundações que assolam as regiões sul e este da Macedónia. As inundações são causadas pelas chuvas torrenciais que sucederam a seis semanas de seca.

DE GAULLE EM CRAIOVA

BUCARESTE, 16. (A. N. I.) — O presidente de Gaulle, que ontem foi homenageado com um banquete de gala pelo Governo romeno, continua hoje a sua viagem oficial de cinco dias ao país, deslocando-se à cidade industrial de Craiova, a 300 quilómetros da capital.

O presidente francês, que percorrerá alguns complexos industriais, discursará na praça principal da cidade, que tem 120 000 habitantes.

Popularidade de Humphrey e Bob Kennedy junto dos jovens

WASHINGTON, 16 — (F. P.) — A popularidade do vice-presidente Humphrey junto dos jovens eleitores aumentou nitidamente no mês passado, enquanto que a do senador Robert Kennedy declinava — revelou ontem uma sondagem a opinião efectuada pelo instituto George Gallup.

Entre os eleitores de 21 a 30 anos, 22 por cento declaravam-se a favor do vice-presidente Humphrey contra 16 por cento no mês anterior, enquanto que 34 por cento se declaram a favor de Robert Kennedy contra 41 por cento no mês anterior. A popularidade do senador McCarthy mantém-se estável: 33 por cento contra 32 por cento. A mesma tendência encontra-se, mais atenuada, nos eleitores entre 30 e 50 anos.

Conversações de Paris

Continuação da 1.ª página

qualquer mudança básica nas suas conhecidas atitudes.

Funcionários americanos acalentavam certa esperança de que o intervalo antes da próxima sessão, no sábado, poderia dar ao delegado principal de Hanói, Xuan Thuy, tempo para consultar a sua capital sobre vários problemas importantes apresentados ontem pelo delegado americano, Averell Harriman.

Thuy insistiu ontem que uma suspensão total dos bombardeamentos americanos continuava a ser o ponto fundamental. Os Estados Unidos devem cessar incondicionalmente todos os bombardeamentos e outros actos bélicos, antes de poderem começar conversações sobre assuntos substanciais de interesse comum.

Observadores notaram que os norte-vietnamianos exigiram, ontem, que os Estados Unidos retirassem as suas forças da zona, mas não afirmaram especificamente se fariam o mesmo. Entretanto, o informador oficial

americano declarou que o seu país não tinha qualquer desejo de impor um Governo de coligação que inclua comunistas no Vietnam do Sul.

Contudo, os Estados Unidos concordariam com participação comunista em futuras eleições gerais se a Constituição sul-vietnamiana, que proíbe organizações comunistas, fosse modificada, a fim de o permitir.

Funcionários sul-vietnamianos afirmaram mais tarde que essa era uma suposição impossível visto a legislatura de Saigão se opor a participação comunista.

Um informador americano disse que o Vietnam do Norte não apresentara qualquer nova sugestão e que Harriman não encarára seriamente as alegações norte-vietnamianas.

O delegado americano propôs que o Vietnam do Sul fique livre de coersão, que os acordos sobre a neutralidade do Laos sejam cumpridos metodosamente e que tanto os Estados Unidos como o Vietnam do Norte apoiem a independência e a neutralidade do Camboja.

Disse ainda que ambos os lados poderiam encontrar posições semelhantes quanto ao seguinte:

Paz com base no acordo de Genebra de 1954 sobre a Indochina; solução pelo Vietnam do Sul dos seus próprios problemas; reunificação do Vietnam por meios pacíficos e respeito estrito das cláusulas militares do acordo, especialmente na restauração da zona desmilitarizada do Vietnam como uma genuína área-chave.

INTRODUÇÃO A APLICAÇÃO DE CONJUNTOS

pelo Dr. Duarte Gama — Prof. Metodólogo do 11.º Grupo (1.ª Grau) do Ensino Técnico

Um trabalho afeito por alunos, de feição prática e linguagem acessível

Preço 40\$00

Ed. da Livraria Almedina — COIMBRA



FINAL DA TAÇA DOS CAMPEÕES EUROPEUS

EM LONDRES

VIAGENS DE AUTOCARRO E AVIÃO
VÁRIAS MODALIDADES

PARTIDAS JÁ ASSEGURADAS

PROGRAMAS, INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES

WAGON-LITS // COOK

LISBOA — AV. DA LIBERDADE, 103 — TELEFS. 361521-361541
PORTO — COIMBRA — ESTORIL — FUNCHAL — LUANDA
— LOURENÇO MARQUES

DO ESTRANGEIRO • DO ESTRANGEIRO • DO ESTRANGEIRO • DO ESTRANGEIRO

Prevê-se a aprovação das Leis de excepção na República Federal

BONN, 16 — (F. P.) Apesar da oposição liberal, os deputados da Ligação (CDU-CSU-SPD) adoptaram ontem, em segunda leitura, os principais artigos das novas Leis de excepção. Os debates recommençaram hoje, mas parece certo que esta legislação de urgência será adoptada com a maioria de dois terços requerida.

Os seis principais textos adoptados ontem pela Bundestag concernem:

— Limitação do segredo postal; — Limitação da liberdade de circulação; — Protecção do direito de greve e das medidas da «lock-out»; — Mobilização das mulheres para os serviços hospitalares militares; — O direito de resistência contra os adversários da constituição; — A composição e as mis-

sões do «Parlamento de perigos» destinado a substituir a Bundestag e o Bundesrat se eles não estiverem em condições de funcionar.

Atentado à bomba em S. Paulo

S. PAULO, 16 — (F. P.) — A explosão de um engenho terrorista causou, ontem à noite, importantes prejuízos na sede da Bolsa de Valores de S. Paulo. Não houve vítimas. Este atentado é o sétimo perpetrado em dois meses em S. Paulo por um grupo terrorista que a Polícia se esforça por identificar.

A bomba, de fabrico caseiro, estava munida de um dispositivo retardador e tinha sido colocada nos locais da Bolsa de Valores pouco depois do fecho das operações.

EMPRESAS PARTICULARES NA CHECOSLOVÁQUIA

PRAGA, 16 — (F. P.) — As condições de exploração de pequenas empresas vão ser fixadas por lei, talvez antes do fim do ano declarou hoje o informador do Ministério das Finanças checoslovaco, Domalif, segundo anunciou a agência Ceteka.

A entrevista de Domalif, publicada pelo jornal «Rude Prava», diz nomeadamente: «Conclui-se dos projectos de lei em preparação, que as empresas privadas vão ser geridas por particulares, por vezes

assistidos por membros da família. Noutros casos, poderá tratar-se de grupos de indivíduos.

A existência das lojas poderá ser comprada ou alugada.

O projecto de lei prevê, por fim, que o proprietário da pequena empresa possa ter um aprendiz.

Daqui até ao fim do ano, vão ser concedidas cerca de 20 000 licenças de exportação a particulares — indicou o representante do ministério das Finanças.

Abateu um edifício de 23 andares

LONDRES, 16 — (F. P.) — Um edifício de 23 andares abateu, esta manhã, no bairro de Canning Town em Londres. Numerosas pessoas ficaram soterradas nos escombros e quinze delas foram hospitalizadas.

O edifício fora construído a partir de unidades pré-fabricadas. Tendo ficado concluído há algumas semanas, encontrava-se já habitado.

Uma testemunha disse que o fragor do desmoronamento dera a ideia de um exército de cilindros compressores a descer a rua. «Uma das empenas do edifício abateu como um castelo de cartas», declarou outra testemunha da catástrofe.

A Polícia, os bombeiros e os serviços sanitários continuam a remover os escombros à procura de sobreviventes.

O estado de saúde do padre Boulogne

PARIS, 16 — (F. P.) — A direcção do hospital Broussais distribuiu, esta manhã, uma nota, dizendo a propósito do estado do padre Boulogne: «Durante a noite, surgiu um elemento de preocupação: a temperatura subiu a 40 graus, enquanto tudo continua normal nos planos cardiovascular, respiratório e renal. Esta manhã, a temperatura do doente é de 39 graus. Fazem-se exames para determinar a origem».

O próximo boletim deve ser publicado pelas 17 horas.

CONVITE A PAULO VI PARA VISITAR O MÉXICO

CIDADE DO MÉXICO, 16 — (A. N. I. e R.) — A Acção Católica mexicana e os cavaleiros de Colombo convidaram oficialmente o Papa Paulo VI a visitar o México em Agosto, antes ou depois da sua anunciada visita a Bogotá, onde se deslocará para presidir ao Congresso Eucarístico — anunciou ontem José Alvarez Icaza, presidente do Centro Nacional para Comunicação Social.

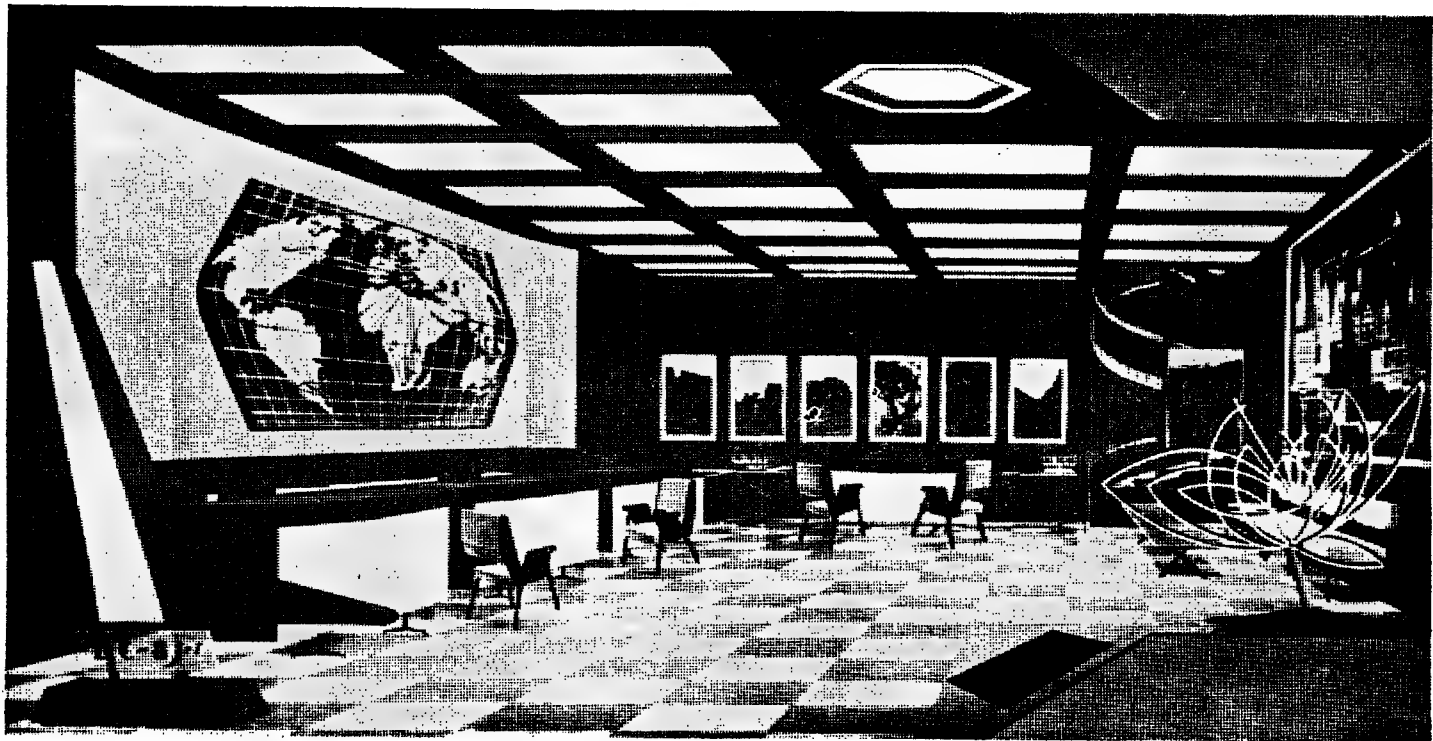
O telegrama foi enviado, na terça-feira, para a Cidade do Vaticano, apesar de anteriormente o Vaticano ter anunciado que o Papa não visitaria qualquer outro país do hemisfério ocidental durante a sua viagem à Colômbia.

Por outro lado, a Venezuela fez também um convite, sem carácter formal, a Paulo VI para visitar o país depois de assistir ao Congresso.

ALITALIA

NOVAS INSTALAÇÕES

DA AGÊNCIA DE PASSAGENS E RESERVAS



Temos o prazer de comunicar que a partir do dia **15 de Maio** abriremos ao público as nossas novas instalações na Av. da Liberdade, 223 com o telefone 53 61 41. A todos os nossos clientes e amigos agradecemos a preferência dispensada.

LISBOA

PORTO
Rua D. João IV, 114; 4.º D.
Telef. 57480

Representação para Portugal: Praça Marquês de Pombal, 1, 5.º
Tel. 53 61 41
Agência de Passagens e Reservas: Avenida da Liberdade, 223
Tel. 53 61 41

FUNCHAL

Travessa Quinta dos Reis, 2
Telef. 23576

Leitores de Lisboa e Setúbal premiados em «Basta um Palpite»

Os cronómetros do júri do nosso concurso «Basta um Palpite» marcavam 68 minutos e 14 segundos (e aí se imobilizaram) quando a bola preta e branca, despedida de longe pelo inevitável Eusébio, bateu pela primeira e única vez o guarda-redes Anzolin, confirmando o favoritismo do Benfica para a final de Wembley. Era, pois, o minuto 69.º e nessa base iriam ser conhecidos os nomes de três dos nossos leitores, contemplados com a anunciada viagem à capital

britânica. Tinha bastado um palpite, uma simples aposta com maior ou menor intuição — se é que a intuição, mais que a sorte, tem alguma coisa a ver com palpites futebolísticos. Mas faltava a abertura dos invólucros onde os cupões estavam guardados e todo o restante cerimonial. Foi hoje de manhã, com a assistência da sr.ª D. Adelina Rosa Varandas Rosa Matos, em representação do Governo Civil de Lisboa, acompanhada de um re-

presentante do nosso director, membros do júri e alguns leitores.

O minuto da sorte, o 69.º, teve bastantes mais apostadores que igual fracção de tempo por ocasião do Benfica-Juventus, de 9 de Maio. Aqui fica para os amadores de estatísticas—427.º. Resta acrescentar que a maioria dos palpites incidia, com aquela lógica que a lógica do futebol muitas vezes atraiçoa, nos minutos 1.º a 30.º, e ainda no minuto 90.º (a pensar no 0-0, tão pouco do agrado de Eusébio).

O competente sorteio foi efectuado imediatamente após a abertura do sobrescrito (lacrado) onde estavam os cupões «felizes», e nele colaboraram vários dos presentes, até mesmo a sr.ª D. Adelina Rosa Matos, instada a contemplar, se possível, uma leitora...

Os três leitores premiados são os seguintes, por ordem de sorteio: 1.º, Sérgio Marques Valen-



O momento exacto (minuto 14.º depois das 10 da manhã) em que era retirado o invólucro com os palpites do minuto londrino, o 69.º, tornado realidade merecê de um «golão» de Eusébio

É aluno do Liceu Camões o primeiro premiado



O jovem estudante Sérgio Marques Valente junto de seu pai, que se apressou a dar-lhe parabéns, no Liceu onde estuda

Calu das nuvens o primeiro premiado no sorteio, Sérgio Marques Valente, aluno da turma C do 5.º ano do Liceu Camões, quando, esta manhã, o repórter do «Diário de Lisboa» lhe deu a notícia. Pudera! O Sérgio esperava tudo menos uma viagem a Londres. E a sorte foi bater a boa porta, porque, além de ser adepto «ferrenho» do Benfica,

O premiado de Setúbal é ajudante de despachante

O sr. Jorge Moreira Raposo, que é o premiado de Setúbal, tem uma profissão pouco sedentária: ajudante de despachante. Procurámo-lo por toda a parte, deixámos recados, avisos, pedidos lancinantes de contacto. Nada feito até agora.

O que mais nos custa é o sr. Raposo vir a ser avisado, por interposta pessoa, antes mesmo de comprar o seu exemplar do «Diário de Lisboa». Queríamos suavizar-lhe a emoção decorrente do prémio, evitar-lhe sustos demasiados. Não há direito, sr. Raposo!

concorreu apenas com 20 cupões, dos quais apenas um levava escrito o minuto 69 para o encontro Juventus-Benfica.

— Estou muito contente, mas não sei se poderei ir, por causa das aulas. Os exames estão à porta — começou por nos dizer.

— E como vamos de estudos?

— Mais ou menos. Em Ciências, estou seguro, em Letras, um pouco mais fraco.

— Esperava ganhar?

— Esperar, esperava. Mas... tenho entrado em todos os concursos do «Diário de Lisboa» e nunca me saiu nada. Gostei muito daquele dos barbudos, mas agora estou a gostar mais deste.

— Como preencheu os cupões?

— À sorte, e apenas vinte cupões...

A alegria do Sérgio contagiou a família. E o pai não esteve com meias medidas: saiu do emprego, foi cumprimentar o filho ao Liceu Camões e aproveitou para dar ao repórter, ainda presente, os parabéns pela iniciativa do jornal.

ALERGIAS E IMUNOLOGIA

Decorreram em Toulouse as VIII Jornadas Provinciais de Alergia, durante as quais o dr. Mário Damas Mora, médico-chefe do Serviço de Doenças Alérgicas da Junta Distrital de Lisboa, fez uma introdução a uma dos recontros sobre «Alergias e Imunologia».

O sócio n.º 192 do Sporting (sr. Amadeu Loureiro)

«adivinhou» o primeiro golo do Benfica

É sócio do Sporting há mais de 40 anos (o seu cartão tem o n.º 192) o concorrente a quem a sorte sorriu no último cupão tirado da caixa, no sorteio. Trata-se do sr. Amadeu Loureiro, profissional de seguros, em Lisboa.

— É o primeiro prémio que ganho em concursos do género e tenho concorrido a todos os que são promovidos pelo «Diário de Lisboa», jornal de que sou leitor desde a sua fundação...

— Com quantos cupões concorreu?

— Com noventa, um para cada minuto. Ou se joga ou não se joga, não é?

— Quanto à viagem a Londres?

— É um caso a pensar. Estou

O MINISTRO DAS CORPORAÇÕES FOI CONDECORADO PELO GOVERNO ALEMÃO

O embaixador da Alemanha no nosso País, sr. dr. Muller-Roschach, procedeu, hoje, ao princípio da tarde, na sua residência, à entrega das insígnias da grã-cruz, com estrela e banda, da Ordem de Mérito Alemã, ao sr. prof. dr. Gonçalves de Proença, ministro das Corporações e Previdência Social, com que foi agraciado pelo presidente Lübke, sob proposta do vice-chanceler e ministro dos Negócios Estrangeiros, Willy Brandt.

Entre outras individualidades, encontravam-se presentes os srs. ministros do Exército e das Comunicações, já agraciados com aquela condecoração.

No acto da entrega da grã-cruz, o embaixador da Alemanha no nosso País salientou «o espírito de colaboração do agraciado, sempre propício à aproximação luso-alemã».

O ministro das Corporações agradeceu a distinção que merecera ao Governo alemão.

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marques de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

te (Rua Martins Sarmiento, 53, 2.º, esq.º, Lisboa); 2.º, Jorge Moreira Raposo (Rua das Areias, lote 3, 3.º, Setúbal); 3.º, Amadeu Loureiro (Rua Gomes Freire, 123, 5.º esq.º, Lisboa 1). Afinal, tudo homens. Torcedores, ou não, do Benfica, estão com um pé em Londres.

A viagem tem o pretexto desportivo. Mas é mais do que isso. Trata-se, em resumo, de umas

férias merecidas, com passeios à mistura e excelentes oportunidades de ver os cabeludos de Carnaby Street, os oradores de Hyde Park e as bonitezas de Picadilly Circus, que saem das lojas aí por volta das 7 da tarde (estamos só a informar).

Não diga «vejo», diga «vou»!

Para os premiados, os três felizes contemplados da fortuna, o slogan passa a ser: não diga «vejo», diga «vou»! Enquanto milhões de telespectadores ficam literalmente «pendurados» do receptor da TV, três leitores do «Diário de Lisboa» estarão em Londres para ver como udo se passa ao vivo. Uns vêem, os outros TVêem apenas.

Assim termina uma grande iniciativa do nosso jornal, concebida para proporcionar alguns dias de descanso + emoções fortes aos seus leitores: cinco em Turim, três em Londres. Sucede, porém, que um dos contemplados de Turim preferiu guardar-se para a final de Wembley. Expôs-nos esse desejo — e aceitámos. Chama-se Vasco Varela Ramos da Silva, e mora em Lisboa. Será mais um «fan» do Benfica na arquibancada londrina.



O sr. Amadeu Loureiro, sócio do Sporting há mais de 40 anos

NOVO VOCAL da Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica

O sr. dr. Bonifácio de Miranda passa a ser o representante do ministro dos Negócios Estrangeiros como vogal do Conselho Geral da Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, em substituição do sr. dr. João Marçal de Almeida, que foi colocado no qua-

REGINA REX
CORRENTES

para
MOTORIZADOS, AUTOMÓVEIS
CAMIÕES
TRACTORES E INDÚSTRIA

REPRESENTANTES
AUTO-LUSITANIA
ALFREDO DUARTE, LDA.
AVENIDA DA LIBERDADE, 73-79
LISBOA

DIÁRIO DE EVA

COISAS DE MULHERES...

PLANOS MATERNOS

por Elina Guimarães

As vezes, expõem - se melhor as situações por meio de enredos romanescos do que por dissertações abstractas. Por isso, vou falar dum romance dum a escritora injustamente esquecida, Mathilde de Alanic, que viveu e escreveu nas primeiras décadas deste século, quando a «promoção feminina» se iniciava. Além de delicada psicologia, há, nas suas obras, certo valor documental sob a forma de viver e pensar da chamada «alta burguesia» de província. Como, porém, cito de memória, os nomes das personagens não são autênticos.

Germaine tinha uma destas mães devotadas que só vivem para as filhas o que, no dizer de Margot Asquith, significa que as filhas só devem viver para ela. Germaine, diz a orgulhosa progenitora, só terá um marido digno num duque milionário. Naturalmente, era quase impossível que semelhante personagem surgisse na existência delas. Apareceu somente um alferes pobre que, depois de um idílio, à moda da época, desaparece sem explicação. O desgosto de Germaine é oculto, mas profundo. Durante anos, vive junto da mãe ao ritmo antiquado que ela impõe. Aos 45 anos, fica órfã. Mas, embalada pelo ramerrão quotidiano nada altera a princípio nos seus hábitos.

O único futuro:
um casamento rico

A providência traz, porém, à vila a sua melhor amiga de infância, e parente afastada, Mme. Lenoir. Esta casou nova e ficou viúva com uma filha, Aline, cujo futuro é a sua maior preocupação porque, para a mentalidade da mãe, o único futuro é o casamento rico. Por isso, frequenta meios abastados fa-

zendo prodígios de poupanças secretas, mas sem resultado. Aline não é feia, mas não chama e sobretudo não fixa as atenções. E quem quer casar rico tira informações.

Mme. Lenoir e Germaine encontram-se com prazer. A primeira censura docemente a passividade da outra. Ela é rica, para que levar uma existência monótona e apagada. Pode viajar, gozar a vida. Ela e a filha ali estarão para lhe fazer companhia. E levam-na com elas para Paris. É a amizade que até certo ponto guia Mme. Lenoir, mas também e principalmente o amor maternal. Com uma «tia» rica junto dela, Aline terá muito mais êxito.

Em Paris, Germaine renova o seu guarda-roupa e o de Aline. É como a crisálida que emerge do casulo. E decide alugar casa na praia elegante onde as amigas passavam, a troco de grandes privações inverniais, duas semanas de férias.

Durante os anos de solidão, Germaine enriquecera o seu espírito com a leitura atenta de livros e jornais. Formara também um gosto sóbrio, mas seguro, na forma de vestir. É naturalmente sociável. Tudo isto não agrada muito a Mme. Lenoir, que quisera dar à filha uma parente rica e não uma rival. No entanto, há já no horizonte um pretendente para Aline.

Ultrapassada a idade
de ser dirigida pela mãe

Surge, porém, de novo, o alferes pobre de outrora que é agora coronel, rico, viúvo e pai de duas gémeas encantadoras de 14 anos. Reencontrando Germaine, ele mostra não embargo, mas o mesmo ressentimento que ela lhe manifesta. Há entre eles uma explicação franca e com tristeza descobrem que ele havia pedido a mão de Germaine à mãe e que esta a recusara sem nada dizer à filha. O pedido é renovado, agora directamente, e acei-

te com entusiasmo. As filhas do coronel saturadas de internatos e perceptoras recebem com satisfação aquela senhora generosa, simpática, que logo lhes mostra carinho maternal.

Tudo está pelo melhor, salvo para a pobre Aline cujo pretendente bate em retirada imediata. E que, além disso, tem de aturar as lamentações da mãe sobre a ingratidão de Germaine...

Esta, contudo, não esquecerá a pobre rapariga. Contando-lhe a sua história, aconselha-a que não deixe a mãe, por excesso de amor ou de egoísmo, a destruir a vida dela como a sua quase o conseguira.

Aline regressará à sua vida modesta, mas aceitando-a como tal. Não fingirá mais de menina filha de família rica. Será a mulher digna e consciente que já ultrapassou a idade de ser dirigida pela mãe, a quem agora cabe servir de apoio. Trabalhará, abertamente e francamente. E talvez a espere ainda uma felicidade sólida, porque será baseada na verdade.

A segunda reunião de cientistas espanhóis e portugueses sobre problemas de Pediatria decorrerá em Coimbra

COIMBRA, 16

Começam na segunda-feira os trabalhos da II Reunião Luso-Castellana-Astur-Leonesa de Pediatria. A sessão inaugural será, às 9 e 30, no Centro de Saúde e Assistência Materno-Infantil Dr. Bissau Barreto, presidida pelo ministro da Saúde, sr. dr. Neto de Carvalho.

Esta importante reunião científica é organizada pela Sociedade Portuguesa de Pediatria, que tem como presidente o sr. dr. Nunes Cordeiro Ferreira, e pela Sociedade Castellana Astur-Leonesa, a qual preside o sr. prof. dr. Ernesto Sanchez Villares. Mais de cento e cinquenta especialistas portugueses e espanhóis tomarão parte nos trabalhos, durante os quais serão apresentados setenta trabalhos sobre tema livre.

Entre muitos outros cientistas, estarão presentes os srs. drs. profs. Sanchez Villares, catedrático de Pediatria de Valladolid; o seu adjunto Salazar Vila Lobos; Casado Frias, catedrático de Pediatria de Salamanca; Salazar de Sousa e Fonseca de Castro, catedráticos de Pediatria das Universidades de Lisboa e Porto, respectivamente.

VIDA SOCIAL

Gina

Participa às suas Ex.ªs Clientes que breve apresentará a sua colecção no Hotel Fénix.

Mário Cordeiro, professor da Universidade de Lisboa; Frederico Collado e Carlos Vazquez, pediatras de «La Paz», de Madrid; Leonardo Castro Freire, catedrático, aposentado, de Pediatria de Lisboa; Manuel Cordeiro Ferreira, antigo director dos Serviços de Pediatria dos Hospitais de D. Estefânia, em Lisboa; Armando Tavares, assistente da Faculdade de Medicina do Porto; e prof. dr. Lucio de Almeida, antigo catedrático de Pediatria da Universidade de Coimbra.

Uma conferência do secretário de Estado da Aeronáutica

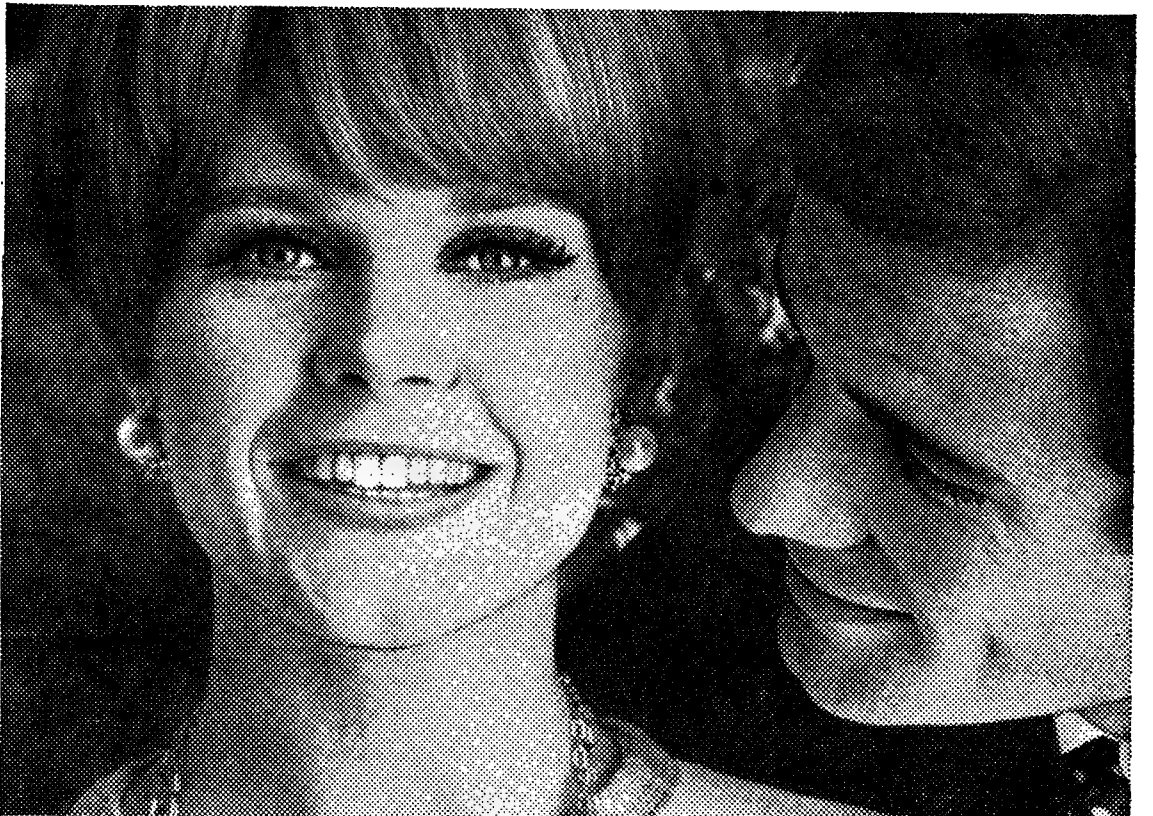
Amanhã, às 21 e 30, o sr. brigadeiro Fernando Alberto de Oliveira, secretário de Estado da Aeronáutica, fará na biblioteca do Colégio Universitário Pio XII, a convite da direcção e estudantes, uma conferência sobre «Tecnologia e decisão militar» em que focará as novas técnicas militares especialmente as originadas pelas descobertas da energia nuclear.

Esta conferência está integrada numa série de lições e conferências organizadas pelo Centro de Ciências Sociais, Políticas e Financeiras daquele Colégio e com ela encerrarão este ano as actividades culturais.



Mulheres elegantes, bem cuidadas,
mas ela...ela tem

UM NÃO-SEI-QUÊ ESPECIAL



TEM UNS DENTES BRANCOS... BRILHANTES!
o adorável sorriso Pepsodent!

Que diferença! Fumar, comer e beber criam nos dentes uma fina película que escurece a sua brancura natural. Retire-a com Super Pepsodent... e sinta uma agradável sensação de pureza e frescura. Diariamente, use Super Pepsodent para ser ainda mais bonita, mais segura de si, para ter mais sucesso!



Super Pepsodent
com PL3-brancura natural dos dentes

PASSAGEM DE MODELOS PRIMAVERA-VERÃO

Com a presença de 15 000 espectadores, realizou-se no Palácio dos Desportos do Real Madrid uma passagem de modelos para a Primavera-Verão.

Dezassete manequins de ambos os sexos apresentaram uma colecção de noventa e sete modelos para praia, tarde, noite e cerimónia, destinados a todas as

idades e ocasiões, mas sem características extravagantes.

Sem abandono das linhas clássicas, notou-se nos trajes masculinos uma evolução que não os desvia, contudo, da sua linha varonil. Nos conjuntos femininos para praia ou desporto predominaram os calções bermudas em cores, numa variante do que outrora se denominou saia-calça.

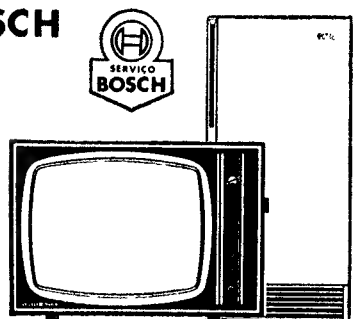
LOPES, BATISTA & NAFZ LDA.

Electrodomésticos BOSCH
e PONTO AZUL



Venda e Assistência Técnica

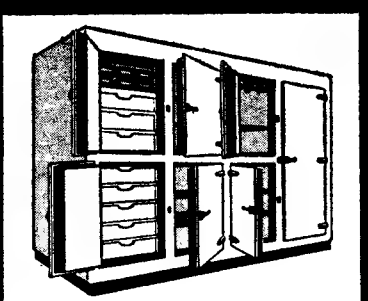
Rua Luis de Camões 5-A (a Santo Amaro)
Tel. 633061/2 - 633031

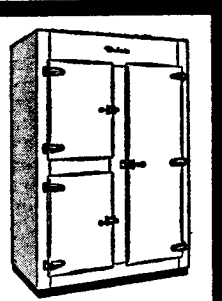


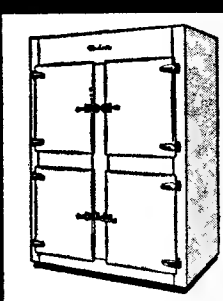
Refrigeração

POLAR

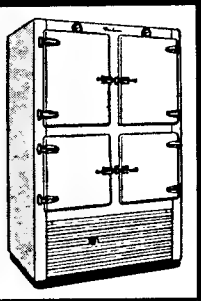
APRESENTA ALGUNS
MODELOS DE FRIGORÍFICOS COMERCIAIS
PARA TODOS OS FINS

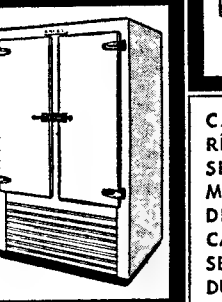


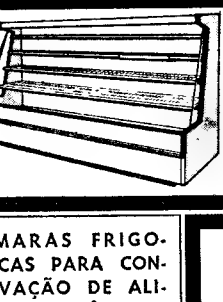




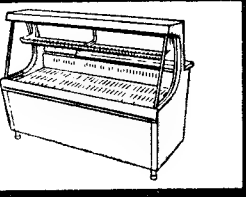
ESTRUTURAS TOTAL-
MENTE METÁLICAS
COM ACABAMENTO
EXTERIOR EM AÇO
INOXIDÁVEL OU PIN-
TURA A ESMALTE
DE ESTUFA







CÂMARAS FRIGO-
RÍFICAS PARA CON-
SERVAÇÃO DE ALI-
MENTOS • CÂMARAS
DE CONGELAÇÃO •
CÂMARAS DE CON-
SERVAÇÃO DE PRO-
DUTOS CONGELADOS.



INDÚSTRIA HOTELEIRA •
HOSPITAIS • LABORATÓ-
RIOS • PASTELARIAS •
CAFÉS • SUPERMERCADOS
• MERCEARIAS • TALHOS

AV. ALM. REIS, 94-C-TEL. 53 37 55 - LISBOA



O MAIS EFICAZ IMPERMEABILIZADOR DE CIMENTO, BETÃO E MARMORITE

Empregado pelos Serviços do Ministério das Obras Públicas, Defesa Nacional, Aviação, Marinha, etc.; C. M. L. e outras; Comp. C. P., Águas e Electricidade, Telefones, Sacor, Shell, Mobil, B. P., C. U. F., U. F. Azoto, Siderurgia, Laboratórios Eng. Civil, Fundação Gulbenkian, etc.; Fábricas, Moagens, Bancos, Hotéis, Hospitais, etc.

AS MELHORES REFERÊNCIAS DOS MELHORES CONSTRUTORES FACULTAMOS FOTOCÓPIAS

Eficiência total nos trabalhos mais difíceis

Aditivos para cimento e tintas de alta protecção «EVODE» «EVOTRUF» — Betuminoso impermeabilizante à base de asfalto, de fácil aplicação, para coberturas, terraços, empenas, etc.

FLASHBAND — Fita irradiante de alumínio adesiva para juntas, vedação e impermeabilização

DISTRIBUIDORES GERAIS:

TITO PEREIRA DE SOUSA

Rua de S. Nicolau, 41, 3. — LISBOA 2 — Telef. 361805 - 322113

HIPOTECAS

FAZEM-SE EM LISBOA, ARREDORES E PROVÍNCIA

AO JURO DA LEI

A CONFIDENTE

ROSSIO, 3-2°

TELEF. 369384

FORNECIMENTO DE : Ovos, azeite, legumes secos, estimulantes e complementos, peixe congelado, criação e vinho

CONCURSOS PÚBLICOS

No Serviço Central de Aquisições do Instituto de Assistência Nacional aos Tuberculosos — Avenida 24 de Julho — Lisboa, onde se encontram patentes as condições dos concursos, recebem-se propostas para os fornecimentos em referência.

N.º do concurso	Artigo	Abertura das propostas
		Dia Hora
37/68	Ovos	31/5/68 10
38/68	Azeite	31/5/68 11
39/68	Legumes secos	31/5/68 15
40/68	Estimulantes e complementos	31/5/68 16
41/68	Peixe congelado	5/6/68 11
42/68	Criação	5/6/68 10
43/68	Vinho	31/5/68 14,30

O prazo para entrega das propostas e dos depósitos respectivos termina às 15 horas e 45 minutos dos dias úteis imediatamente anteriores aos acima indicados.

Lisboa, 16 de Maio 1968.

SETÚBAL



VIRGÍLIO SARAIVA
FERNANDES
FALECEU

Pátria Paulino da Graça Fernandes, Fernando Guilherme da Graça Fernandes, mulher e filhas, Filipe da Graça Fernandes mulher e filha, Maria Manuela da Graça Fernandes Rica marido e filha e mais família, cumprem o doloroso dever de participar a todas as pessoas de suas relações e amizades o falecimento do seu muito querido marido, pai, sogro, avô e parente e cujo funeral se realiza amanhã, dia 17, da Capela do Socorro para o cemitério desta cidade.

A CARGO DA AG. ARMINDO
Telef. 23515

SETÚBAL



VIRGÍLIO SARAIVA
FERNANDES
FALECEU

A IMPERIAL FILMES, LDA., cumpre o doloroso dever de participar o falecimento do seu sócio-gerente sr. Virgílio Saraiva Fernandes e que o funeral se realiza amanhã, dia 17, da capela do Socorro para o cemitério desta cidade.

A CARGO DA AG. ARMINDO
Telef. 23515

SETÚBAL



VIRGÍLIO SARAIVA
FERNANDES
FALECEU

A FUNDAÇÃO SETUBALENSE cumpre o doloroso dever de participar o falecimento do seu proprietário sr. Virgílio Saraiva Fernandes e que o funeral se realiza amanhã, dia 17, da Capela do Socorro para o cemitério desta cidade.

A CARGO DA AG. ARMINDO
Telef. 23515

SETÚBAL



VIRGÍLIO SARAIVA
FERNANDES
FALECEU

REFILME, LDA., cumpre o doloroso dever de participar o falecimento do pai do seu sócio-gerente, sr. Fernando Guilherme da Graça Fernandes e que o funeral se realiza amanhã, dia 17, da Capela do Socorro para o cemitério desta cidade.

A CARGO DA AG. ARMINDO
Telef. 23515

Subdelegado de Saúde
do concelho de Moncorvo

BRAGANÇA, 16 — Na sede da delegação de Saúde foi empossado pelo respectivo delegado, sr. dr. António Sampaio, o novo subdelegado do concelho de Moncorvo, sr. dr. João Celestino Machado Leonardo. Ao referido acto de posse assistiram autoridades e individualidades do maior relevo, tanto nesta cidade e na referida vila e concelho de Moncorvo, bem como todos os funcionários em serviço na delegação de Saúde deste distrito.

Novo vice-presidente
do Município da Batalha

BATALHA, 16 — No Governo Civil de Leiria tomou posse do cargo de vice-presidente da Câmara Municipal desta vila o sr. Alfredo de Azevedo Mendes, da Costa, comerciante local.



ADRIANO GUEDES
(CONSTRUTOR CIVIL)

CONFORTADO COM TODOS OS SACRAMENTOS
DA SANTA MADRE IGREJA

FALECEU

Sua Esposa, Filho e mais Família, cumprem o doloroso dever de participar que foi Deus servido chamá-lo à Sua Divina Presença e que o funeral se realiza hoje às 16,30 horas, da Basilica da Estrela, para o cemitério do Lumiar.

P. N. A. M.



ADRIANO GUEDES

FALECEU

MARTINS & GUEDES, LDA., com o mais profundo pesar, participa a todos os seus clientes, fornecedores e amigos, o falecimento do seu prezado fundador e sócio gerente, e que o funeral se realiza hoje às 16,30 horas, da Basilica da Estrela, para o cemitério do Lumiar.



ADRIANO GUEDES

FALECEU

O PESSOAL DE MARTINS & GUEDES, LDA., com o mais sentido pesar participa o falecimento do seu saudoso Patrão e Bom Amigo, e que o funeral se realiza hoje às 16,30 horas, da Basilica da Estrela para o cemitério do Lumiar.

PEQUENO MAGAZINE

HA 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 16 de Maio de 1938 publicava:

«LONDRES, 16 — A imprensa concebe que da questão sudeta poderá resultar a guerra, e que nessa guerra a Grã-Bretanha será forçosamente envolvida. Eis um facto novo. A leitura dos jornais de há um mês não permitia fazer uma observação tão nítida. Discutia-se, então, a possibilidade de a Inglaterra se manter neutra. Já se não discute isso. Hoje a imprensa consagra-se acima de tudo a assinalar os meios de evitar que estale o conflito. Não pôr a Grã-Bretanha no caso de fazer a guerra é a preocupação essencial.»

CURIOSIDADES

Testemunhos do passado

Na povoação espanhola de Aguila-fuente foram descobertos magníficos mosaicos do tempo da dominação romana, ornamentados com motivos geométricos e florais, que se julga remontarem aos séculos II e III da nossa era.

Num lugar da província gaditana, chamado «Campo de las vacas», encontraram os investigadores de arqueologia dois túmulos fúnebres, no interior dos quais havia restos de um certo animal e recipientes deteriorados. Será tudo reconstituído e enviado para o Museu Arqueológico de Cádiz.

Contrabando de ouro e jóias

Um viajante detido, em Hamburgo, por agentes da Alfândega num compartimento de primeira classe do «Expresso da Escandinávia» (Mila-Hamburgo-Estocolmo), trazia nas cuecas 40 quilos de jóias em ouro. Era um dos muitos contrabandistas que levam, anualmente, cerca de 2000 kg das mesmas jóias no valor de 30 milhões de marcos (o equivalente a 7,5 milhões de dólares) da Itália para a Alemanha Federal sem pagarem os direitos alfandegários e vendendo-as a bom preço.

A um joalheiro foram, também, descobertos no cós das calças 70 quilates de brilhantes; e esse negócio de contrabando mobilizou vendedores de frutas e sorvetes.

ANEDOTAS

A ama para o petiz:

— Carlinhos, que diria o seu pai se soubesse que o menino tinha quebrado o ramo da cerejeira?

— Ora, dizia que as árvores não são tão bem feitas agora como eram antes da guerra.

★

— Eu, por mais que tente, não sou capaz de viver com dez contos por mês.

— Então por quê?

— Porque não os tenho.

★

O professor pergunta ao aluno:

— João, que é que separa o riso das lágrimas?

Resposta triunfante do pequeno:

— O nariz.

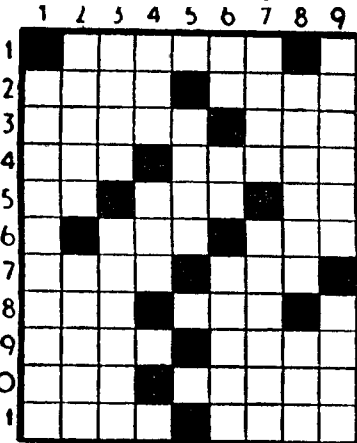


— Mas, minha senhora, como podíamos nós adivinhar que V. Ex. desejava que as fotografias saíssem parecidas?

PALAVRAS CRUZADAS

(COM PROVERBIO)

PROBLEMA N.º 4820



HORIZONTAIS: 1 — Alforje. 2 — De elevado preço. Qualquer porção, duma curva. 3 — Gostara muito de. Doença. 4 — Lista. Ligara. 5 — Reis. Ovario dos peixes. Sufixo que designa estado. 6 — Falda. Fileira. 7 — Tange. Prende. 8 — Pedra de altar. Senhor em inglês. 9 — Tempo do verbo ser. 10 — Cauda. Mestre. 11 — Nome de uma letra. Antigo direito aduaneiro sobre o bifele seco, em Bombaim. 12 — Hábito. Caruma.

VERTICAIS: 1 — Acarretaram. 2 — Uma das Espóradas. Ordácul. 3 — Terra nova e arroteada de fresco. Terminar. 4 — Colorido. Pequena barra de ouro que serve de moeda entre os japoneses. 5 — Artigo definido. O apontar da manhã. 6 — Nota musical. Seguiu. Encoleriza. 7 — Classe de tropa. Açambarca. 8 — Fonático. Felicidade. 9 — Pegara. Terreno duro e liso onde se secam e malmam cereais.

Resolva completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o PROVERBIO nele inscrito.

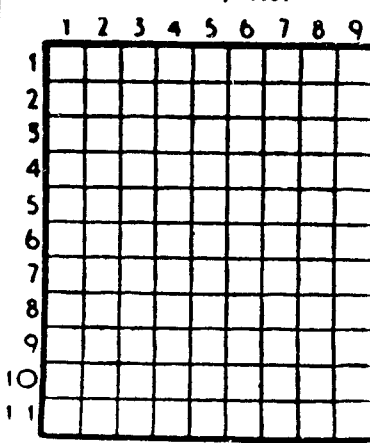
SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 4819

HORIZONTAIS: 1 — Mais. As. 2 — Acorrenta. 3 — Zarca. Ar. 4 — Mão. Prós. 5 — Bor. Fora. 6 — Rs. Meto. 7 — FARTURA. 8 — Vamra. 9 — Ugar. ML. 10 — Rega. Aoto. 11 Amamentar.

VERTICAIS: 1 — FAZ. BAVURA. 2 — Camas. Agem. 3 — Morar. Fraga. 4 — Arco. Marram. 5 — Ira. Fera. 6 — Se. Pitt. Mon. 7 — Narrou. Lot. 8 — Atrou. Ri. Tá. 9 — Sa. Aa. Pôr. Provérbio: A FARTURA FAZ BRAVURA.

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 8664



HORIZONTAIS: 1 — Lembrara. 2 — Prender com eles. Escarne'am. 3 — Re-bento ou botão de planta. Classe de tropa. 4 — Membro de ave. Rio da Suíça. 5 — Colocou. 6 — Ajustaria. 7 — Harmonizaria. 8 — Prende. Bisnaga. 9 — Irmão de Abel. Verdadeiro. 10 — Divisões de uma casa. 11 — Troça. Ruído. Cobalto (s. q.).

VERTICAIS: 1 — Borrifara. Serra. de Portugal. 2 — Gavinhas. Pesquisa. 3 — Leito. Prendeis com eles. 4 — Rezo. Ponto de vista ilusório (pl.). 5 — Apellido. O lado do vento. 6 — Doutor. Curaram. 7 — Encoleriza. Versejes. 8 — A folhagem das plantas. Logoa do estado da Baía (Brasil). 9 — Tem gosto amargo. Líquido gorduroso.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 8663

HORIZONTAIS: 1 — Repisaras. 2 — Elar. Cimo. 3 — Amo. Mol. 4 — Tá. Ala. Rã. 5 — Clara. 6 — Curvada. 7 — Per. Iva. 8 — Aros. Cais. 9 — Ir. Ido. As. 10 — Raia. Revi. 11 — Aro Sam. **VERTICAIS:** 1 — Reato. Pairo. 2 — Elmo. Cerrar. 3 — Pao. Curo. 4 — Ir. Air. Sia. 5 — Olavo. 6 — AC. Ara. Cor. 7 — Rim. Adia. Es. 8 — Amar. Aviava. 9 — Solar. Assim.

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotundo da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

MONTEPIO GERAL
ASSOCIAÇÃO DE SOCORROS MÚTUOS
Fundada em 1840
ASSEMBLEIA GERAL
SESSÃO EXTRAORDINÁRIA

3.ª CONVOCATÓRIA

Reune-se hoje, 16, pelas 21 horas, no edifício da Sede, para apreciar e votar o parecer da Comissão eleita na sessão da Assembleia Geral de 29 de Março p. p. sobre a oportunidade e conveniência da reforma dos Estatutos do Montepio Geral e da Caixa Económica de Lisboa, naquilo que se torna necessário para a fusão ou absorção respectivamente, do Montepio Madeirense e da Caixa Económica Madeirense e, ainda, em quaisquer outros aspectos que considere também de oportunidade e conveniência alterar ou inovar, e eleger a Comissão de 5 membros que, nos termos do § 1.º do Art.º 162.º dos Estatutos, elaborará o projecto da alteração dos Estatutos do Montepio Geral e da Caixa Económica de Lisboa.

Nos termos do § 2.º do Art.º 163.º dos Estatutos a Assembleia poderá deliberar com qualquer numero de sócios.

VENDA DE TERRENOS EM CASCAIS, REBELVA E PAREDE

A Câmara Municipal de Cascais anuncia que no próximo dia 18 do corrente, pelas 15 horas, procederá à venda em hasta publica de 5 lotes de terreno situados no Bairro da Assunção, em Cascais, com as áreas de 50 m2 cada, destinados à construção de prédios com um fogo, pelo preço base de licitação de 1.600\$00 cada metro quadrado; 4 lotes de terreno no Bairro das Fontainhas, também em Cascais, com as áreas entre 164,40 m2 e 184,80 m2, pelo preço base de licitação de 1.400\$00 cada metro quadrado, para 6 fogos; 4 lotes na Rebelva, com as áreas entre 388 m2 e 326,60 m2, pelo preço base de licitação entre 800\$00 e 1.050\$00 cada metro quadrado, sendo dois destinados a estabelecimentos comerciais e os outros dois para prédios de 6 fogos e cave; e um lote na Rua José Elias Garcia, em Parede, com a área de 340 m2, para 6 fogos e cave, pelo preço base de licitação de 1.800\$00 cada metro quadrado.

Todos os projectos da construção, excepto os do Bairro da Assunção, serão mandados elaborar pelos compradores dos lotes, dentro dos condicionamentos estabelecidos pela Câmara. As plantas dos lotes encontram-se patentes na Secretaria, todos os dias úteis dentro das horas de expediente.

Cascais, 6 de Maio de 1968.
O PRESIDENTE DA CÂMARA
António Azevedo Coutinho

Câmara Municipal do concelho de Sesimbra

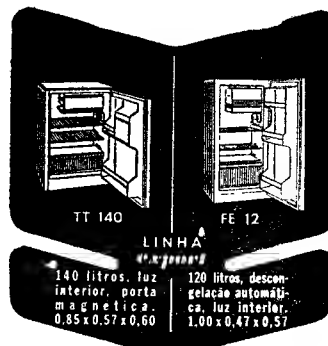
AVISO

PARQUE DE CAMPISMO DO FORTE DO CAVALO

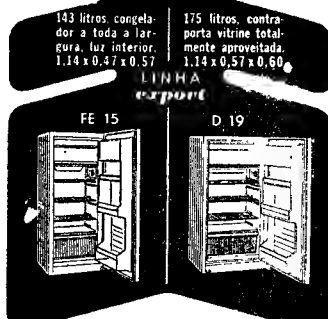
A Câmara Municipal de Sesimbra, faz público aviso de que, em virtude do condicionalismo criado pelo Decreto n.º 47 860 de 25 de Agosto de 1967, não lhe é possível permitir o acampamento no parque de campismo que funcionou junto do Forte do Cavallo, nesta Vila.

Sesimbra, 1 de Maio de 1968.

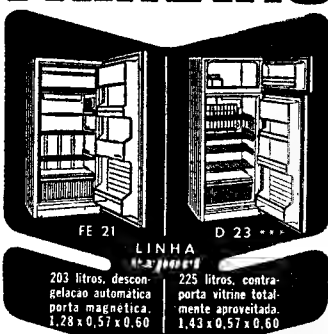
A Câmara Municipal
Dr. António da Silva Vergueiro



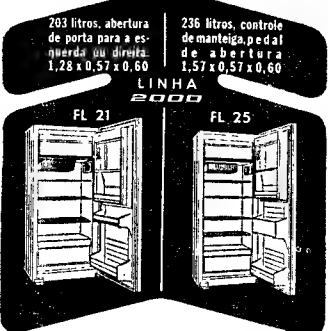
o sucesso do ano é...



FRIMATIC



o sucesso do ano é...



FRIMATIC



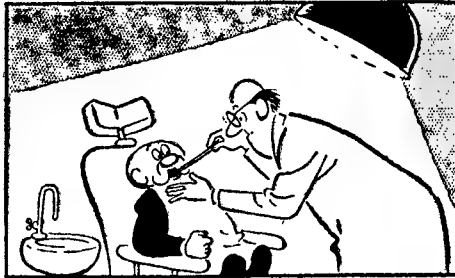
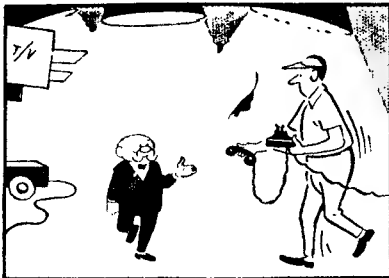
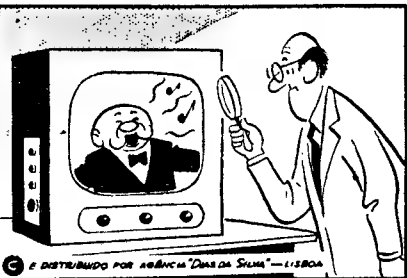
MARCA HÁ LONGOS ANOS CONSAGRADA • ELEGÂNCIA DE LINHAS • ACABAMENTO IMPECÁVEL • ESTRUTURA SÓLIDA • MAIOR ESPESURA DE ISOLAMENTO • MENOR CONSUMO • 5 ANOS DE GARANTIA PARA O GRUPO COMPRESSOR «L'UNITE HERMETIQUE S.A.»

REPRESENTANTES

REFRIGERAÇÃO POLAR, LDA.
Stand: Av. Almirante Reis, 94-C — Tel. 53 37 53
Rua da Emenda, 64, 1.º — LISBOA

À VENDA NOS AGENTES FRIMATIC

AVENTURAS DO TIO CARLOS



CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

EDITAL N.º 125/68

Faz-se saber que, no dia 5 de Junho de 1968, pelas 15.30 horas, terá lugar, na 4.ª Repartição — Armazéns e Imprensa Municipal da Direcção dos Serviços Técnico-Especiais, Avenida 21 de Julho, 171-C, o concurso público para a «EMPRESA N.º 115/68 — BENEFICIAÇÃO GERAL DO EDIFÍCIO ONDE ESTÁ INSTALADA A 1.ª COMPANHIA DO B. S. B., SITO NO LARGO DO REGEDOR», com a base de licitação de 477.740\$90 (Proc. n.º 76/68/CP/DSTE).

O depósito provisório é de 11.944\$00, e o definitivo de 5 % da importância da adjudicação, sendo o primeiro efectuado na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, suas filiais, agência ou delegações, mediante guia preenchida pelo concorrente de harmonia com o modelo 1, anexo ao «Programa de concursos para adjudicação de empreitadas e de fornecimentos da Câmara Municipal de Lisboa», publicado no «Diário Municipal» n.º 7673 de 24/10/1960.

O processo de concurso encontra-se patente, todos os dias úteis, na referida repartição.

Paços do Concelho de Lisboa, em 10 de Maio de 1968.

O Presidente,

António Vitorino França Borges

QUINTINHA
VENDE-SE

A 2 km da vila de Torres Vedras, situação excelente, composta por 2 boas casas de habitação, com área total, cerca de 1.000 m². Não interessa intermediários. Respostas para Bairro Barreto, Lote AACC—TORRES VEDRAS — Tel. 518.

CARTÃO DIPLOMATA

O mais distinto bilhete de visita em relevo executado em placa de cobre ou cunho de aço de absoluta necessidade em praxes protocolares para pessoas de distinta condição social bem como de bom gosto

ANIBAL GRAVADOR

Rua Nova do Almada, 64 — LISBOA

A casa que melhor trabalha

NONO CARTÓRIO NOTARIAL
DE LISBOA

A CARGO DO NOTÁRIO
LICENCIADO

JOSÉ EDUARDO PIRES DO RIO
CERTIFICADO

para efeito de publicação:

Que por escritura de vinte e três de Fevereiro de mil novecentos e sessenta e oito, lavrada de folhas noventa e nove do livro número E-dozé a folhas oito verso do Livro número E-treze, das notas deste Cartório, foi constituída uma sociedade anónima de responsabilidade limitada, sob a denominação de «Escape — Assistência Automóvel Permanente, S. A. R. L.», que se regerá pelos estatutos que constam dos artigos seguintes:

CAPÍTULO PRIMEIRO

Denominação, sede, objecto e duração

ARTIGO PRIMEIRO

Com a denominação de Escape — Assistência Automóvel Permanente, S. A. R. L., é constituída uma sociedade anónima de responsabilidade limitada, que se regerá exclusivamente pelas leis portuguesas e pelos presentes estatutos.

ARTIGO SEGUNDO

A sociedade tem a sua sede social em Lisboa, na Rua Castilho, número setenta e dois A, podendo no entanto o conselho de administração criar, estabelecer, transferir e extinguir em qualquer ponto do território português, como entender necessário ou conveniente e observada as formalidades legais, agências, filiais, delegações, sucursais ou

quaisquer outras formas de representação.

ARTIGO TERCEIRO

A sociedade destina-se à exploração da indústria de reparação, recolha e estação de serviço de automóveis e à venda de combustíveis e lubrificantes, peças e acessórios para automóveis e tudo o mais que directa ou indirectamente se relacione com estas actividades e ainda ao exercício de qualquer outro ramo de comércio ou indústria que o conselho de administração, com o consentimento do conselho fiscal, deliberar exercer.

ARTIGO QUARTO

A duração da sociedade é por tempo indeterminado e, para todos os efeitos, o seu começo conta-se a partir da data desta escritura.

CAPÍTULO SEGUNDO

Capital social

ARTIGO QUINTO

O capital social é de dois milhões de escudos, em dinheiro, dividido em duas mil acções de mil escudos cada uma e encontra-se integralmente subscrito e realizado.

ARTIGO SEXTO

Um. As acções são nominativas ou ao portador e reciprocamente convertíveis mediante autorização do conselho de administração.

Dois. Poderá haver títulos de uma, cinco, dez, cinquenta e cem acções.

Três. O conselho de administração poderá emitir certificados provisórios de qualquer número de acções.

ARTIGO SÉTIMO

O capital social poderá ser aumentado, por uma ou mais vezes, até dez milhões de escudos, por simples deliberação do conselho de administração, com parecer favorável do conselho fiscal, mediante a emissão de novas acções ou a valorização das existentes, tendo os accionistas preferência na subscrição das novas acções, em proporção das acções que possuam no momento em que se realize a nova subscrição.

CAPÍTULO TERCEIRO

Assembleia Geral

ARTIGO OITAVO

A assembleia geral representa a universalidade dos accionistas, sendo as suas deliberações obrigatórias para todos eles, nos termos da lei.

ARTIGO NONO

Um. São membros da assembleia geral todos os accionistas que tenham acções averbadas ou depositadas nos cofres da sociedade ou nos estabelecimentos bancários nacionais ou estrangeiros indicados pelo conselho de administração até oito dias antes do dia designado para reunião da assembleia geral em primeira convocação.

Dois. As pessoas colectivas com direito a participar na assembleia geral serão representadas por quem tiver para isso qualidade, nos termos legais.

ARTIGO DÉCIMO

A assembleia geral reunir-se-á ordinariamente no primeiro trimestre de cada ano e extraordinariamente sempre que o conselho de administração ou o conselho fiscal o julgarem necessário, ou quando o requeiram accionistas que representem, pelo menos, sessenta por cento do capital social.

ARTIGO DÉCIMO PRIMEIRO
As deliberações da assembleia geral serão tomadas por votos, correspondendo um voto a cada acção salvas as restrições legais.

ARTIGO DÉCIMO SEGUNDO
Um. Salvo quando a lei ou os estatutos disponham diversamente, a assembleia geral considerará-se regularmente constituída e poderá deliberar válidamente em primeira convocação logo que estejam presentes ou representados, pelo menos, cinco accionistas representando um mínimo de cinquenta e um por cento do capital social.

Dois. Os accionistas podem fazer-se representar por outro accionista, mediante simples carta dirigida ao presidente da mesa.

ARTIGO DÉCIMO TERCEIRO
A mesa da assembleia geral será composta por um Presidente e dois Secretários, eleitos trienalmente e reelegíveis uma ou mais vezes.

CAPÍTULO QUARTO

Administração

ARTIGO DÉCIMO QUARTO
A administração da sociedade é exercida por um conselho de administração composto de três a cinco accionistas, eleitos trienalmente pela assembleia geral e reelegíveis uma ou mais vezes.

ARTIGO DÉCIMO QUINTO
Dentro dos limites estabelecidos pela lei ou pelos presentes estatutos, cabem ao conselho de administração os mais amplos poderes de gerência, incluindo os de representar a sociedade em juízo ou fora dele, activa ou passivamente, praticar todos os actos atinentes aos fins sociais e os de comprar, vender, hipotecar ou por qualquer forma onerar bens imóveis e móveis ainda que sujeitos a registo.

ARTIGO DÉCIMO SEXTO
O conselho de administração, na sua primeira reunião, escolherá, de entre os seus membros, um presidente e um administrador-delegado.

ARTIGO DÉCIMO SÉTIMO
Um. Ao administrador-delegado com-

pete fazer executar as deliberações do conselho de administração, como particularmente encarregado da gerência e expediente ordinário dos negócios.

Dois. Na falta ou impedimento do administrador-delegado, exercerá as respectivas funções o administrador para esse efeito designado pelo Conselho de Administração.

ARTIGO DÉCIMO OITAVO

Um. Em actos de mero expediente é suficiente a assinatura de qualquer dos administradores. Em documentos de responsabilidade nomeadamente em contratos, acções, obrigações, letras e cheques, a sociedade só ficará obrigada pela assinatura de dois administradores, uma das quais terá necessariamente de ser a do presidente do conselho de administração ou a do administrador-delegado.

Dois. O conselho de administração poderá delegar em qualquer pessoa os poderes especiais que entender.

ARTIGO DÉCIMO NONO

Nenhum administrador poderá tomar posse do seu lugar sem que tenha depositado nos cofres sociais, como caução da sua responsabilidade, em acções da sociedade, devendo as nominativas estarem endossadas em branco.

ARTIGO VIGÉSIMO

O conselho de administração, se assim o julgar conveniente, proverá até à primeira assembleia geral ordinária as vagas que por qualquer motivo nele se verificarem. Na referida assembleia se procederá às eleições necessárias e o mandato dos administradores assim eleitos durará até final do triénio em curso.

ARTIGO VIGÉSIMO PRIMEIRO

A administração, ou quem a represente, não poderá, em caso algum, aceitar, sacar ou endossar letras que não representem operações comerciais da própria sociedade, nem concederem a outrem, por qualquer modo, garantias comuns ou cambiais fora dos negócios da sociedade.

CAPÍTULO QUINTO

Conselho Fiscal

ARTIGO VIGÉSIMO SEGUNDO

Um. A fiscalização dos negócios da sociedade cabe a um conselho fiscal, composto de três membros, eleitos por um triénio, reelegíveis uma ou mais vezes e dispensados de caução.

Dois. Na sua primeira reunião o conselho fiscal escolherá, de entre os seus membros, um para servir de presidente.

CAPÍTULO SEXTO

Exercício social, lucros, dissolução e liquidação

ARTIGO VIGÉSIMO TERCEIRO

O exercício social corresponde ao ano civil.

ARTIGO VIGÉSIMO QUARTO

Os lucros líquidos apurados no balanço, depois de deduzidos cinco por cento para o fundo de reserva legal, terão a aplicação que a assembleia geral decidir.

ARTIGO VIGÉSIMO QUINTO

A assembleia geral que deliberar a dissolução da sociedade providenciará acerca do modo da sua liquidação.

CAPÍTULO SÉTIMO

Disposições gerais e transitórias

ARTIGO VIGÉSIMO SEXTO

O exercício das funções de administração e fiscalização é retribuída pela forma que for determinada por uma comissão de fixação de vencimentos, composta de dois a três membros, eleitos trienalmente pela assembleia geral e reelegíveis uma ou mais vezes.

ARTIGO VIGÉSIMO SÉTIMO

O primeiro exercício social terminará em trinta e um de Dezembro de mil novecentos e sessenta e oito.

ARTIGO VIGÉSIMO OITAVO

Para o primeiro triénio social, que se considera findo em trinta e um de Dezembro de mil novecentos e setenta são desde já designados para o Conselho de Administração os seguintes accionistas:

Carlos Alberto Pavão Pereira da Rosa, Joaquim Filipe Fonseca Nogueira e Fernando Aleixo da Costa Cabral.

ARTIGO VIGÉSIMO NONO

Convocação da primeira Assembleia Geral.

Fica desde já convocada uma reunião da Assembleia Geral para hoje, imediatamente após a assinatura desta escritura, para se proceder à eleição dos membros do Conselho Fiscal, da Mesa da Assembleia Geral e da comissão de fixação de vencimentos, bem como para deliberar sobre qualquer outro assunto que lhe seja proposto por algum dos Accionistas presentes.

Por verdade e me ser pedido fiz escrever o presente que assino, em Lisboa, aos dois de Março de mil novecentos e sessenta e oito.

O Ajudante,

Eduardo Jorge da Assunção Baêta



VITÓRIA CASTROL

RALLY DAS TÚLIPAS (HOLANDA)

GRANDE TURISMO

- 1.º ROGER CLARK / JIM PORTER (FORD ESCORT)
- 2.º OVE ANDERSON / JONH DAVENPORT (FORD ESCORT)
- 3.º JULIAN VERNEAVE / MIKE WOOD (BMC MINI COOPER «S»)

TURISMO

- 1.º JULIAN VERNEAVE / MIKE WOOD (BMC MINI COOPER «S»)
- 2.º R. SLOTEMAKER / R. JANSSEN (BMW 2002)

ELES SABEM QUE A QUALIDADE DO ÓLEO É O FACTOR MAIS IMPORTANTE PARA PODEREM OBTER DOS MOTORES OS MAIS ALTOS RENDIMENTOS. COMO TODOS OS CONHECEDORES ELES USAM

CASTROL SUPER 20 W-50

COM TUNGSTÊNIO LÍQUIDO

VULCAIN

RELÓGIO SUIÇO DE
PRESTÍGIO MUNDIAL

DESPORTO

VITÓRIA EM TURIM (1-0): LIVRE-TRÂNSITO PARA WEMBLEY

... E ENTÃO O BENFICA DISSE:
«NÃO LUTAS MAIS QUE EU
E EU JOGO MELHOR QUE TU...»DO NOSSO ENVIADO ESPECIAL
MÁRIO ZAMBUJAL

TURIM, 16 — Na quinta-feira passada, quando a «Juve» perdeu na Luz por dois golos, a desolação caiu sobre uma cidade. Tudo era cepticismo entre os italianos e a própria Imprensa se fazia eco de uma geral incredulidade quanto à recuperação. Depois começou a falar-se em «milagre». E quando a selecção soviética (derrotada em Budapeste por 0-2) respondeu com 3-0 em Moscovo, eliminando os húngaros do Campeonato da Europa, a ideia de que era possível, de que AFINAL ERA POSSÍVEL, foi criando raízes. E veio o empolgamento, a esperança tornou-se cada vez mais forte. Os «milagres» não se esperam — acontecem. Mas a «Juve», Turim, a Itália toda começou a esperar, febrilmente que se desse... o inesperado.

Muito antes do jogo começou o arraial da esperança, setenta mil almas a quererem soprar as velas da nau juvenina. Bandeiras aos milhares. Tambores e clarins, numa sugestão guerreira, gargantas roucas, roucas, mas gritando sempre. O Benfica ia ser aquecido numa fogueira humana como jamais presenciáramos. Assim passou muito tempo. Sem que o calor da fogueira lograsse, sequer, quebrar a frieza soberana de uma equipa endurecida em muitos combates.

Depois, um rapaz de nome Eusébio acendeu no jogo a chama da sua classe-extra. E a multidão foi emudecendo. E ficou, ainda e sempre, a evidência de uma superior categoria dos portugueses. Na hora da batalha, ante um antagonista cego de ambição, os rapazes da camisola encarnada disseram que não ficariam a perder em tenacidade, força e espírito de sacrifício. E nas brechas da luta, quando houve tempo para jogar futebol, um Benfica ativo, superior, respondeu assim ao desatio: «Tenham paciência, mas disto sabemos nós...»

● «Herr Gloeckner quis prolongar a emoção?...

Foi logo aos cinco minutos. Cinco minutos soprara a borrasca juvenina, toda feita de nervos e músculos, o Benfica a parar os golpes sem indícios de perturbação. E, aos cinco minutos, um contra-ataque, um centro da esquerda, e aí está Torres a elevar-se mais que Salvador e a cabecear a bola para dentro da baliza. Há um clamor de decepção antes que se perceba um apito do árbitro «Herr» Gloeckner,

Os intérpretes

JUVENTUS — Anzolin; Roveta, Leoncini, Bercellino, Coramini e Salvatore; Magnusson e Del Sol; De Paoli, Sacco e Zigoni.

BENFICA — José Henriques; Adolfo, Humberto, Jacinto e Cruz; Jaime Graça e Coluna; José Augusto, Torres, Eusébio e Simões.

Árbitro: o alemão oriental Gloeckner.

um corpulento alemão, anulou o golo — o golo que cedo teria apagado as labaredas do Comunale. Não vimos qualquer «falta». As vezes há «faltas» que de longe se não vêem, mas...

Do alto da sua atlética figura, Gloeckner dir-nos-ia depois: «Torres cometeu «falta». Empurrou o defesa do Juventus com os braços antes de chegar com a cabeça à bola».

Torres, porém, no final do jogo, bradava o seu inconformismo: «Empurrei eu? Saltei com os braços colados ao corpo... Eu é que levei o jogo todo a ser agarrado e empurrado sem que «ele» se incomodasse a apitar. Do que estou convencido é que qualquer golo que marcássemos seria anulado. A não ser um assim, como o do Eusébio. A trinta metros, num «divre» nada havia a fazer...»

Como quer que seja, se houve erro do juiz germânico, teve uma consequência positiva: a de prolongar a esperança turinense e tornar possível um duelo de rara ri-

queza emocional. Até meio da primeira parte, a ansia atacante do Juventus teve qualquer coisa de épico, só comparável ao esforço tenaz da posição benfiquista. Com uma diferença: o Benfica defendia-se bem e o Juventus, atacando muito, fazia-o mal. Vieram à superfície as dificuldades de todas as



Eusébio — a pantera negra — que feriu mortalmente no 69.º minuto as pretensões da «Juve»

equipas italianas quando têm de se lançar em franco ataque, estruturadas como estão no sistema defensivo que é o seu quotidiano. Quando o campeão português fechava um anel rubro em torno da sua baliza, os italianos tentavam furar de qualquer modo, sem um mínimo de engenho e de subtilidade. Em pura força. E essa força, só podia triunfar se não encontrasse pela frente força idêntica, vontade idêntica, e servidas por uma superior lucidez. Coramini (um nome que sugere problemas cardíacos condizentes com o jogo) torna-se um homem-símbolo da equipa, por

utar bravamente, procurando lançar a ofensiva, mas de uma forma confusa, cega, destrambelhada.

Heriberto afirmara que Castano jogaria. E os jornais da noite, que se vendiam no estádio, festejavam o facto a toda a largura da 1.ª página. Mas, quando os altifalantes anunciaram as formações, não havia Castano: havia Coramini. E, setenta mil corações bateram apreensivos. Houve um «Ho» de desapontamento. Mas não seria por causa de Coramini que o Juventus não encontrou remédio. O seu mal chamava-se Benfica. Era muito grave...

Nessa primeira metade da primeira parte, a baliza de José Henriques foi um alvo ameaçado. E correu perigo duas ou três vezes, nomeadamente num cabeceamento de Magnusson junto ao poste. De uma maneira geral, porém, a serenidade benfiquista ia vencendo o frenesim italiano. Serenidade que não excluía entrega total à luta. Uma exemplar abdicção do brilho pessoal, uma admirável renúncia aos pergaminhos de vedetas, fizeram do grupo português onze vontades unidas num mesmo objectivo. E veem-se aristocratas do futebol (como Eusébio e Simões) a envergar o fato de ganga de operários anónimos. A ir ao desarme sem receio do fracasso.

É, justamente, graças ao esforço dos dianteiros, que o Benfica começa a dominar as operações de meio-campo. E começa a defender, na própria defesa do Juventus, estorvando a acção que se propunha começar lá longe, secando o rio caudaloso na sua nascente.

Com a bola nos pés, os benfiquistas afagam-na, trocam-na entre si, desenham-lhes de uma finura técnica jamais presente no canseiro «porfiado» da «Squadra» adversária. Eusébio é atingido, derrubado, ao simples anúncio de cada uma das suas arrancadas. E Torres tinha razão nos seus lamentos sobre as faltas constantes e sem castigo que sobre ele são cometidas. Há todo um capítulo de extrema dureza e alguns jogadores do Benfica também não hesitam em bater essa tecla, ante os protestos ensurdecadores da multidão.

O imperturbável senhor Gloeckner dir-nos-ia depois, aparentemente agradado pelo tom do despique: «Foi uma partida muito correcta. Apenas tive de repreender o «N.º 5» do Benfica (Cruz)».

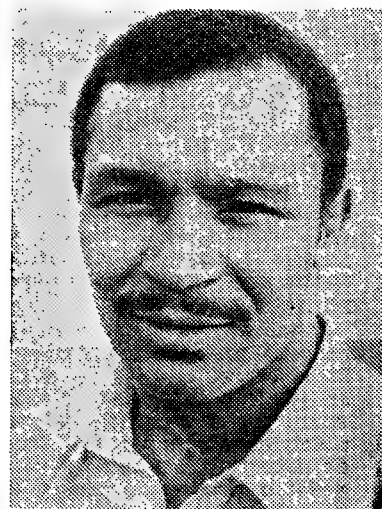
● Zero-a zero? Eusébio está lá...

Também no segundo tempo a «Juve» entrou disparada, frenética, disposta a levar pela frente o pesado obstáculo. Mas foi a mesma coisa. A defesa do Benfica, quer encorpada com a presença de Coluna, José Augusto, Graça, Torres, todos afinal, quando necessário. Ou entregue a si só quando a equipa se distendia no rectângulo, aguentou a pé firme, e como os «centro-campistas» Del Sol e Sacco e todos os vários que colaboraram na função, não trouxeram do balneário talento que juntassem ao esforço, todos esses ataques tinham alguma coisa de aleatório, de ao sabor do acaso, de entregar o caso à Divina Providência. E, como ainda por cima lhe faltavam rematadores, foi-se vendo que o tão desejado «milagre» dificilmente podia entrar no estádio superlotado.

Muito mais cedo que no primeiro tempo, o Benfica estancou esta corrente opressiva e começou a espraizar-se pelo relvado, furtando a bola aos italianos. Verdade se diga que sem grandes ideias de marcar golos, que o necessário era que o adversário os não marcasse. O zero-zero começou a avultar como hipótese de desfecho. Mas, havia lá



O meio-campo benfiquista formado por Jaime Graça e Coluna, os homens que garantiram um eficiente apoio à retaguarda e furtaram o esférico aos italianos, para lançar depois através de Eusébio, o pânico no último reduto transalpino



um jogador de nome Eusébio. E houve um «livre», aí a uns vinte e cinco, trinta metros da baliza de Anzolin. Os italianos fizeram barreira, mas nem eles nem o «keeper» puderam mais que olhar, desoladamente, a bola dentro da baliza.

Anzolin, depois do jogo, disse apenas: «Não me considero culpado do golo. Nem eu, nem os meus companheiros que fizeram a barreira. Não houve

culpados, houve apenas mérito de Eusébio».

O estádio emudeceu a partir daí. Mortas todas as dúvidas, o Benfica entrou em alardes de classe, escamoteando a bola da sempre generosa tentativa dos turinenses.

● Manchester United ou qual-quer outro...

Aí está o Benfica na sua quinta «final» da «Taça dos Campeões». (Continua na página seguinte)

OTTO GLÓRIA:

«SIM, A EQUIPA ESTÁ BEM. E, DAQUI ATÉ LONDRES, AINDA VAI MELHORAR»

No balneário benfiquista, a alegria era a nota dominante.

Disse-nos Cabrita:

— Foi um jogo muito difícil para nós, especialmente nos primeiros vinte e cinco minutos, pela impetuosidade com que o Juventus procurou o golo. Mas a nossa equipa, sempre de cabeça fria, aguentou isso, sabendo reter a bola e lançando os seus ataques com perigo.

Por seu lado, Otto Glória afirmou-nos:

— Dentro das características deste jogo, a equipa voltou a corresponder, jogando com a calma que se impunha perante o ardor do Juventus.

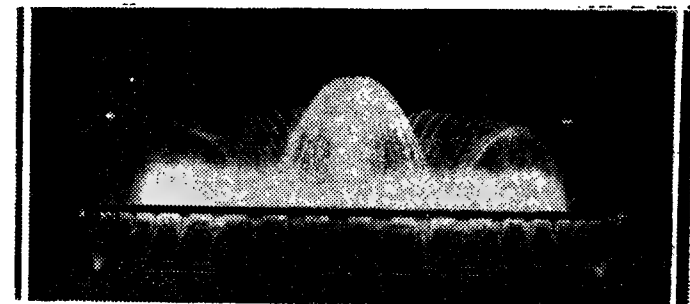
Perguntámos-lhe se considera a equipa em condições de bem actuar na final de Wembley. Otto Glória responde:

— Sim, a equipa está bem. E, daqui até lá, ainda vai melhorar, se Deus quiser...

— Teme o Manchester?

— O adversário é sempre de temer. Em Londres, ver-se-á...

FONTES LUMINOSAS



Electro Reclamo, Lda
R. DA MÃE D'ÁGUA 30-32
LISBOA • TELEFONE • 325383

DESPORTO

ONTEM À NOITE, NA CAPITAL DE ESPANHA

A inteligência do Manchester «soltou o pássaro da gaiola»

• Best, o apitador, que fez oscilar a (zaga) madrilena

MADRID, 16 — Afinal, os nossos vizinhos não conseguiram eliminar os ingleses do Manchester, ainda que, no decorrer do encontro, os espanhóis chegassem a usufruir de uma vantagem (3-1) que lhes garantia a presença em Londres.

Como se previa, a equipa «merengue» começou o encontro em larga ofensiva, e, também como se admitia, os britânicos não se eximiram a sacrificar algumas unidades atacantes nas tarefas de cobertura, na missão de impedir a progressão dos fogosos espanhóis.

Todavia, o ritmo infernal, diabólico, que os madridistas imprimi-

do os esforços dos espanhóis pareciam resultar estérteis. PIRRI abriu o activo, aos 32 minutos, num «disparo» de cabeça, desferido na sequência de um «livre» que Amâncio marcou. E até ao intervalo a emoção atingiu o rubro no Estádio «Santiago Bernabéu» com as arquibancadas completamente ocupadas por um publico apaixonado, que, sem cessar, incitava o conjunto madrileno. Três golos se registaram neste curto período que colocavam a marca em 3-1 e pareciam encarecer o Real Madrid para mais uma final nesta competição que lhe é familiar.

Com euforia viveram-se os minutos do descanso. O optimismo entre os espanhóis era o sentimento reinante, mas o Manchester revelou depois que não era uma equipa conformada, que não era, ainda, um conjunto definitivamente afastado do título que há tanto tempo persegue: o de campeão europeu.

Mais apoiados no meio do campo e sempre com esse talentoso Best em permanentes deambulações, a pôr os «nervos em franja» aos defensores «merengues», os ingleses, nem sequer moralmente se sentiam diminuídos. E, ante o constante nervosismo evidenciado pela «zaga» espanhola, face à duplicidade de Grosso na marcação a Charlton, os britânicos, agora mais empenhados numa esquemática ofensiva, fizeram o 3-2, que sugeria a ideia de jogo de desempate, e quando começava a pensar-se na viagem a Lisboa, Best burrou, em internamento pela direita, a defensiva contrária e colocou o esférico frente a Foulkes, que «garantiu» a presença em Wembley. O Madrid via, assim, desfazerem-se as ilusões de discutir mais uma final.

Não iludiu a expectativa a partida de Chamartin. Primeiro, o Real Madrid em busca do golo que inspirasse o conjunto para a «arancada» para o triunfo indispensável para a consecução dos seus desejos, numa movimentação diabólica, que envolveu o adversário numa «cortina de aço», que quase lhe não permitia sair do seu meio-terreno. Depois, o Manchester, uma equipa forte e moralmente sã, que nem mesmo na situação desagradável de vencia, se perturbou, se confessou fracassado nas suas pretensões. No decurso dos quarenta e cinco minutos complementares, os ingleses, aproveitando, até, inteligentemente a distribuição esparada das unidades «merengues», desferiram as suas contra-ofensivas com uma invejável lucidez, com o acerto e segurança próprios de uma equipa de

excelente craveira, e, ainda que considerando a ausência de Dennis Law, nem por isso faltou objectividade aos lances desenrolados. O Manchester, rectilíneo, sereno e realista, foi, sobretudo, um «team» de raciocínio claro e limpo. Os espanhóis, impetuosos, frenéticos e, consequentemente, nervosos, não tiveram a calma necessária para manter as vantagens que a partida lhes ofereceu. Os ingleses recusaram aos «merengues» o «visto» para Wembley.

HERIBERTO HERRERA:

«ESTAVA ESCRITO...»

No final do jogo, nas cabanas da «Juve», o técnico paraguaio Heriberto Herrera não conseguia disfarçar o seu enorme aborrecimento. E foi mesmo em tom levemente desabrido que nos disse:

— Estava escrito que o Juventus seria eliminado. No entanto, a equipa fez quanto pôde. Colocou em jogo todas as armas ao seu alcance.

A seguir:

— No conjunto dos dois encontros, em somatório de futebol exibido e de oportunidades para golo, foi superior ao Benfica. Mas, o futebol é assim: ganha quem marca.

Concluindo:

— Estou muito satisfeito (?) com a minha equipa, que foi inextinguível de vontade. Bem merecia um prémio. Mas estava escrito...

(Disse isto sem se rir. Antes pelo contrário: visivelmente «chateado»).

O BENFICA EM TURIM

(Continuação da pág. anterior)

nos últimos oito anos. E' já um marco de glória, o que se consumou nesta jornada de Turim, mas cremos que está ao alcance da formação rubra uma glória maior. O Manchester United, ou qualquer outro que seja o adversário, encontrará pela frente uma equipa de grande experiência, com jogadores da melhor classe e, o que é importante, se encontra agora em excelente forma física e técnica.

Este jogo com o Juventus representou, antes de mais, um teste à condição atlética e à resistência psíquica dos campeões nacionais. E todos responderam do modo mais satisfatório. Desde um

José Henrique sempre atento e decidido, até um Simões que simbolizou a ideia geral de preferir ser útil a ser brilhante. A defesa foi o grande compartimento de equipa (bem apoiada, é certo) com Jacinto e Humberto magníficos, de perto seguidos por Cruz, enquanto Adolfo se mostrou menos seguro. Coluna voltou a ser enorme. De actividade e de talento. José Augusto, excelente a «congelar» a bola, não teve uma renúncia, nem na fase mais dura da luta. Graça foi um jogador de acção dispersa, parecendo a certa altura ultrapassado pela velocidade do jogo, o que não pode surpreender, dado o seu largo afastamento dos campos. Torres... o costume: no ataque, na defesa, no meio-campo, onde fossem úteis a sua estatura, as suas longas pernas, o seu impressionante espírito de sacrifício. Eusébio estava «proibido» de rematar. Berceño, sempre, e Sacco, muitas vezes, perseguiram-no e travavam-no impiedosamente, logo que o extraordinário rematador se propunha mostrar a força do seu disparo. Acabaria por chegar o tal «livre» e Eusébio, que foi, acima de tudo, um extraordinário jogador de equipa, fez, uma vez mais, o resultado de um jogo...

O Juventus — os onze que jogaram — fez tudo quanto lhe era possível. Mas, os da bancada não podiam marcar golos e os do relvado também não mostraram grande capacidade para o fazer. Muito brio, muita dureza, mas evidente modestia em capacidade ofensiva.

O «libero» Roveta, Coramini (como exemplo de pundonor) e Berceño, foram as figuras mais em evidência. Os outros lutaram muito. Um muito que foi pouco... Uma referência especial ao sueco Magnusson: fricção nórdica perdida no calor latino.

O árbitro, um alemão de Leste, andou muito a leste no que respeita a dureza. Ou ignorou faltas evidentes ou limitou-se a assinalar no livrezinho da ordem sem se preocupar em pôr ponto final nesse estilo de polémica. Na primeira parte, mesmo sem falar no golo anulado a Torres, pareceu influenciado pelo ambiente e o Benfica teve as suas razões de queixa. Depois, mostrou mais equilíbrio, mas nunca atingiu um plano de agrado.

MARIO ZAMBUJAL

OITO MIL CONTOS — RECEITA DO JOGO

Despertou enorme interesse este encontro da meia-final da «Taça dos Clubes Campeões Europeus». A receita total apurada já, cifra-se em 166 milhões de liras: 151 na venda de bilhetes e 15 de direitos de transmissão pela TV.

Em moeda portuguesa, o jogo Juventus-Benfica rendeu oito mil contos! Soma impressionante, sem sombra de dúvida...

20 CONTOS — PRÉMIO DO BENFICA

O triunfo dos benfiquistas nesta eliminatória valerá o prémio de vinte mil escudos para cada jogador: ao prémio oficial de dezasseis mil escudos, instituído pelo clube, acrescenta-se o prémio-extra de quatro contos, oferecido pelo presidente do Sport Lisboa e Benfica, comendador Adolfo Vieira de Brito.



Best cuja acção abriu fendas na defensiva «merengue»

miram à partida, a velocidade impressionante como o giravam esférico e jogadores, acabou por render seus frutos, depois de ultrapassada a meia hora e quan-

ESGOTADA (JÁ) A LOTAÇÃO PARA WEMBLEY!

LONDRES, 16 — (F. P.) — Mal o resultado do encontro Real Madrid-Manchester foi conhecido, a administração do Estádio de Wembley anunciou que todos os lugares para a final da «Taça dos Clubes Campeões Europeus», entre o Manchester e o Benfica, em 29 de Maio, no «Empire Stadium», estavam já vendidos.

Isso não quer, no entanto, dizer que os adeptos do Benfica não possam arranjar bilhetes. Com efeito, um certo número de lugares foi reservado para os adversários do Manchester United.

FINAL DE LONDRES WEMBLEY

NÃO PERCA TEMPO E VEJA O JOGO
IDA E VOLTA A 29 DE MAIO
POR 3380\$00

VEJA LONDRES E VEJA O JOGO
IDA A 25 DE MAIO — VOLTA A 29 DE MAIO
POR 4480\$00

QUARTOS INDIVIDUAIS
REFEIÇÕES E TRANSPORTES
BÂNCADA CENTRAL

SOC. COM. OREY ANTUNES

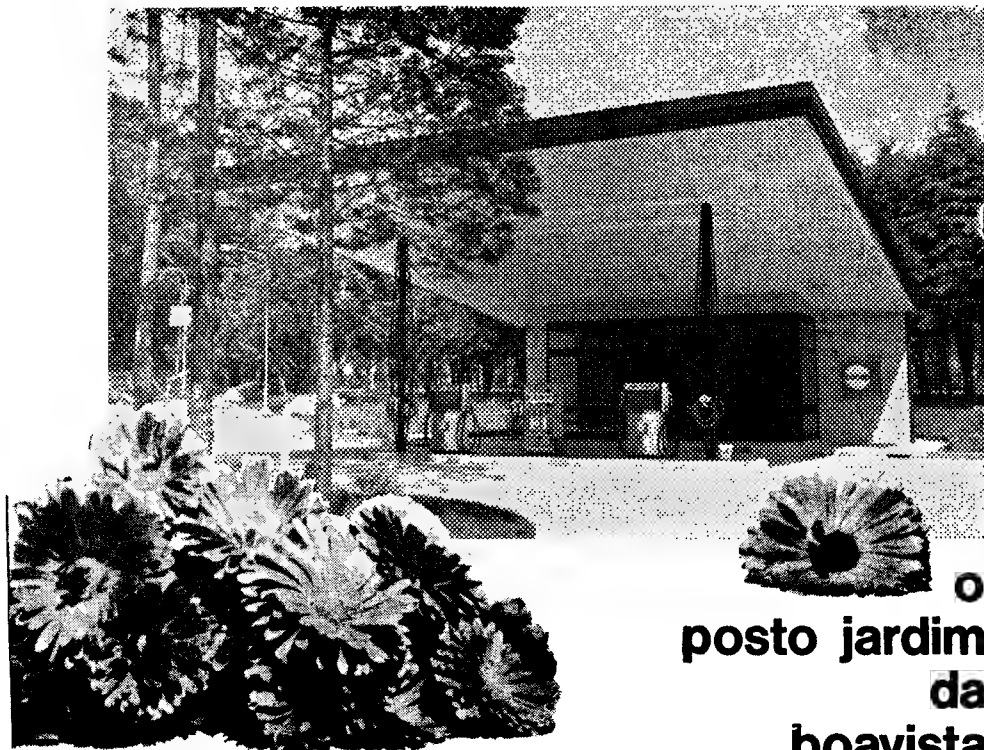
E. PINTO BASTO

PR. D. DA TERCEIRA, 4
TEL. 36 93 46

PR. D. DA TERCEIRA, 20
TEL. 36 86 59



mais uma
maravilha para si



av. boavista - porto

o
posto jardim
da
boavista

O QUE DISSE HOJE A IMPRENSA ITALIANA

«O Benfica em Wembley (1-0); à «Juve» a honra das armas»

«A equipa lusitana soube lutar quando era o momento de lutar. Soube unir-se com todos os seus 11 homens, quando era altura de defender; estender-se com os seus passos de redobrado valor.

«Atacada com furor respondeu com calma exemplar».

(Gazetta de lo Sport)

● O Benfica é, realmente, um conjunto de estatura mundial

«O grão não é bastante. A sorte aliou-se com o mais forte. A crónica dirá como a Juve havia atacado, com uma veemência tal, que outra equipa que não fosse o Benfica não saberia (provavelmente) evitar a derrocada.

«Mas, o Benfica é, realmente, um conjunto de estatura mundial, que, em Lisboa, garantira, praticamente, o acesso à final».

(Tretto-Sport)

● «Só a equipa do Benfica podia levar de vencida esta «Juve».

● Ausência de Menichelli, Castaño e Chinezinho.

«Não se podem render três titulares a uma equipa como a do Benfica que, há 10 anos exerce a profissão de «gira-mundo futebolístico» e disputa 80 jogos ao ano, dos quais só vinte no seu campo e todos os outros em viagem (Portugal, Europa, Ásia, África, América — todo o mundo).

«Depois de se referir à equipa

experiente do Benfica, censura os portugueses, considerando que zombaram do público, do árbitro, do adversário. Pouco mostrou do seu jogo, que quando realizado a sério é, sem dúvida, excelente».

(Il Giorno)

Noutro lugar do mesmo jornal:

● Imbatível Benfica: Ataca a «Juve». Eusébio não falha. Nada a fazer: 1-0.

O cronista faz o elogio do esforço excelente, o esforço do Juventus e diz que ao Benfica com dois centros-campistas de luxo, em Eusébio e Torres, foi fácil à nascença matar o ataque adversário.

Romagem do BENFICA a Superga

O Benfica vai hoje a Superga, render homenagem à memória da malograda equipa do Torino, vítima de desastre quando, a 4 de Maio de 1949, no regresso de Lisboa (onde actuara na festa de homenagem ao internacional benfiquista Francisco Ferreira) o avião em que se transportava embateu com a catedral de Superga.

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os COMBOIOS ELÉCTRICOS

HOJE, À NOITE

DESPORTO UNIVERSITÁRIO — Torneio quadrangular de basquetebol feminino: Económicas-Técnico e C. D. U. L. (A)-C. D. U. L. (B), no Ginásio do Técnico, a partir das 18 e 15.

TÊNIS DE MESA — Campeonato de Lisboa, individual, da 1.ª série, nas mesas do Avila, C. Católico e Ateneu; da 2.ª série, nas mesas do Amadorese, Arte e Sport e Económicas; da 3.ª série, nas mesas do Benfica, Bela Vista e Combatentes.

— Torneio popular de seniores (poule final): E. Alvalade-F. Ciências e Acad. Ajuda-Rec. Apolo, nas mesas dos primeiros, às 21,30.

VOLEIBOL — Campeonato Nacional, Divisão de Honra, Técnico-C. N. Ginástica, às 21,30.

ACTIVIDADES DA F. N. A. T. — Campeonato nacional de Ténis de mesa (distrito de Lisboa), para fi-

nal; Radio Marconi-S. P. Seguros (na mesa da F.N.A.T. e Celcat Sorefame, às 19 horas; L. E. Civil-Ferrovários e Comp. Carris-B. Encarnação, às 21,15.

— Campeonato Nacional de voleibol (distrito de Lisboa: A. E. Portuguesa-B. Agricultura, Alentejo-I. N. Estatística, S. C. Cervejas-Sorefame e B. Borges & Irmão-C. Telefones, no ginásio da Escola «Francisco Arruda», a partir das 19 horas.

O Leixões seguiu para a Madeira

Por via aérea, seguiu hoje para a Madeira, a equipa do Leixões que ali vai disputar um encontro de futebol com o campeão local.

A TV ITALIANA DEU O JOGO

Afinal, a televisão italiana acabou por dar o jogo também para a zona de Turim, beneficiando assim milhares (muitos milhares) de espectadores que não tinham conseguido obter bilhetes.

No final, havia largo movimento de desgosto com os comentadores, que se puseram a discutir táticas e não diziam o que se passava em campo...

Basquetebol

Apuradas as equipas que prosseguem na Taça

Depois dos jogos ontem à noite disputados em Lisboa e no Porto para a primeira eliminatória da Taça de Portugal ficaram também qualificados para a ronda seguinte, as equipas do Sporting, Belenenses e Técnico na Zona Sul e a do Vasco da Gama na Zona Norte.

Os resultados verificados foram: Zona Norte — Vasco da Gama-C. D. U. P., 54-41.

Zona Sul — Ateneu-Sporting, 39-38; Belenenses-Algés, 59-51; Técnico-Atlético 50-31.

JOSÉ MAGALHÃES e as OLIMPIADAS

Entrou já em regime de preparação intensa com vista aos Jogos Olímpicos, o atleta moçambicano José Magalhães, que se encontra em Lisboa, como noticiámos em primeiro mão. O presidente da Federação e o atleta em questão foram recebidos pelo sr. dr. Justino Mendes de Almeida, director geral de Educação e Ensino do Ministério do Ultramar, a fim de manifestar o seu reconhecimento pelo êxito das diligências que permitiram contar com a participação de José Magalhães nos treinos de preparação para as Olimpíadas do México.

O atleta moçambicano que treina diariamente no Estádio José Alvalade, sob orientação do prof. Moniz Pereira, deve participar já no decorrer do próximo mês em provas oficiais, tanto em Lisboa como no estrangeiro.

pronto a partir?
permita-nos
lembrar-lhe...



- * Avisar da partida os seus fornecedores habituais
- * Deixar a pessoa de confiança um itinerário da sua viagem e um jogo de chaves
- * Tomar providências para que alguém se ocupe do seu jardim
- * Entregar em boas mãos os seus animais domésticos
- * Verificar os documentos e bilhetes de viagem
- * Mandar arranjar
- * Mandar limpar
- * Pagar as contas cujo prazo expire durante a sua ausência
- * Desligar o frigorífico e deixá-lo aberto (mas não o congelador)
- * Fechar cuidadosamente as torneiras da água e do gás
- * Fazer a lista dos amigos a quem deve escrever

sobretudo não esqueça...

- * Confiar-nos os seus objectos de valor
- * Adquirir os cheques de viagem de que necessitar
- * Levar o nosso porta moedas do viajante
- * Pedir-nos todas as informações acerca da moeda dos países que tenciona visitar.

BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA

onde cada um conta mais do que a sua conta



BOLETIM DO DIA

DADOS E INFORMAÇÕES
DE CONSULTA QUOTIDIANA

Programa da Rádio

EMISSIONA — 1.º Programa — 451 m — 665 kc/s — As 16: Noticiário; 16 e 05: Luz no horizonte; 16 e 30: Que quer ouvir?; 17: Programa da tarde; 18 e 05: Sucessos franceses; 18 e 20: Programa da mulher, por Maria Emilia Canele de Abreu e Judite Navarro; 18 e 40: Música e sonho; 19 e 10: Rádio Universidade; 19 e 50: Música, só música; 20: Diário sonoro; 20 e 20: Solistas ligeiros; 20 e 87: 9.º episódio do folhetim «Leonardo da Vinci»; 21: Jornal de Actualidades; 21 e 30: A Onda Roberto Delgado; 21 e 40: Canções de Portugal; 22 e 15: Melodias; 22 e 30: Noite de teatro: «A Toucinha Real», de D. João da Câmara, numa adaptação de Leopoldo de Araújo; 2 e 25: Variedades; 1: Fecho.

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s — As 16 e 30: 1.º acto da ópera «D. João» (Mozart); 18: Música do século XX; 9: Horizonte, semanário de Letras e Artes; 19 e 30: Folclore português — Música da Beira Alta e da Beira Baixa recolhida por Artur Santos; 19 e 45: O pianista Artur Schnabel; 20: Diário sonoro — Boletim Meteorológico; 20 e 20: Concurso Internacional de Agrupamentos Corais «Let the Peoples Sing 1968»; 21: Quinteto em mi bemol maior op. 44 (Schumann); 21 e 30: Panoramas da História, pelo dr. João Ameal; 21 e 50: Recital de violino e piano por René Félix da Costa e Maria Luísa Metello — Obras de Vitali e Schubert; 22 e 20: Poemas sinfónicos de Respighi; 1 e 15: Fecho.

3.º Programa (Cultural em MF) — 94,3 mc/s — As 23: Música de piano; 23 e 80: Música sinfónica — Obras de Schubert, Saint Saens, Joaquim Turina; 0 e 24: Quinteto em sol maior op. 88 n.º 3 (Anton Reicha) — Quinteto de Sopro Danzi; 1: Fecho.

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s — As 16: Programa C. D. C.; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 15: Isto é Brasil; 18 e 30: Lisboa à tarde; 19 e 15: No mundo aconteceu; 19 e 30: Rádio-Jornal; 20 e 15: Grandes do ritmo; 20 e 30: Jornal dos espectáculos; 20 e 45: Canções líricas; 21 e 03: Diapasão; 21 e 32: «Impacto»; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 08: Grande roda; 0 e 02: «P. B. X.»; 2: Contacto; 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Talismã.

Modulação de frequência — 97,4 mc/s — As 16 e 04: Clube das Donas de Casa; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 20 e 52: Boa noite em FM; 22 e 02: Programa 6 Gô-Gô; 0 e 02: Alta Fidelidade Philips; 1 e 03: Banda sonora; 2: FM-67; 4: Fecho.

Emissor de Miramar — 383,6 m — 782 kc/s — As 16: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: «Matinées» teatral; 19 e 03: Miscelânea; 19 e 17: Ela; 19 e 30: Robbalaria; 19 e 45: Melodias para si; 20 e 05: Rádio Placard; 20 e 21: Norte Dia a Dia; 20 e 45: «Crónica Feminina»; 21 e 02: Orquestra; 21 e 15: Sô-Rádio; 21 e 30: Lettura; 22 e 02: Banda de som; 22 e 30: Clube da Juventude.

RÁDIO RENASCENÇA — 233,2 m — 1286 kc/s — As 16: Radiograma; 18: Vozes da Europa; 18 e 20: Boletim religioso; 18 e 30: Terço e bênção da basílica dos Mártires; 19: Crítica de livros recebidos; 19 e 05: Grande Plano; 9 e 25: Lettura do programa; 19 e 30: Página 1; 20 e 55: Meditando; 21: Variedades; 21 e 30: Organistas famosos; 21 e 45: Artistas portugueses; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Melodias para ouvir e recordar; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

Estação do Porto — 256,6 m — 1169 kc/s — As 16: Radiograma; 18: Uma orquestra; 18 e 15: Boletins de filmes e religioso; 18 e 30: Terço, da basílica dos Mártires, em Lisboa; 19 e 05: Crítica de livros recebidos; 19 e 10: Música seleccionada; 19 e 25: Resumo do programa, publicações recebidas e boletim de filmes; 19 e 30: Página um; 20 e 55: Meditando; 21: Mosaico; 21 e 30: Chamadas musicais; 22: A música é boa companhia; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

EMISSIONES ASSOCIADAS DE LISBOA — Onda média — 188 m — 1594 kc/s — 94,4 mc/s: Rádio Peninsular — Das 7 às 8 e das 12 às 14 e 30; Rádio Voz de Lisboa — Das 10 às 12 e das 19 e 30 às 22; Clube Radiofónico de Portugal — Das 8 às 10 e das 22 às 2; Rádio Graça — Das 14 e 30 às 19 e 30.

PROGRAMA DA TV

As 19: Curso para professores; 19 e 30: Telejornal — Agenda da Praça; 19 e 50: Harmonia e Bom Gosto; 20 e 15: «Carrossel Mágico»; 20 e 30: Vamos jogar no Totobola; 20 e 40: Vida Sá em Corpo Sá; 20 e 55: Notícias do Espectáculo; 21 e 30: Telejornal e Boletim Meteorológico; 21 e 55: Concerto «Música da Renascença», pelo coro da Universidade de Lisboa; 22 e 30: «Cosei com uma Feiticeira»; 23: Variedades. Transmissão directa do Casino Estoril, com Juliette Greco, The Other Brothers, Palermo and Phillips, Helena Tavares e Jorge Costa Pinto e a sua Orquestra; 0 e 05: Telejornal; Meditação e Fecho.

— TELEVISORES GRUNDIG —

AMANHÃ — As 14 e 40: Curso Unificado da escola; 19: Curso de Formação de Professores do Ciclo Preparatório do Ensino Secundário; 19 e 30: Telejornal e Agenda da Praça; 15 e 50: TV Educativa (Iniciação Desportiva); 20 e 15: «Carrossel Mágico»; 20 e 25: História da Música; 20 e 55: Cartaz TV; 21 e 30: Telejornal; 21 e 55: Noite de Cinema; 28 e 50: Telejornal e Fecho.

TUDOR

PILHAS BLINDADAS ESTANQUES

BOLSA DE LISBOA

AS COTAÇÕES DO DIA ANTERIOR

FUNDOS DO ESTADO	Efec	Compra	Venda	C.ª Diversas		
Consolidado 2 3/4% 1. 10	—	—	—	Cimentos Leiria	—	1.900\$00
Consolidado 3% 1. 10	—	—	560\$00	Cimentos Tejo	2.400\$00	2.400\$00
Consolidado 3 1/2% 1. 10	655\$00	650\$00	660\$00	Co. Navegação	580\$00	575\$00
Centenários 4% 1940	1.515\$00	1.510\$00	1.520\$00	C. U. F.	1.000\$00	1.035\$00
Ogs Tes 4 1/2% 942	—	—	—	Industrial Aliança	—	650\$00
Ogs Tes 2 1/2 % 943	—	—	—	Nac. Navegação	—	—
Ogs Tes 2 1/2 % 944	—	—	—	Petroquímica	—	2.300\$00
Externo 1.ª série	—	820\$00	900\$00	Portugal e Colónias	—	1.225\$00
Externo 1.ª série car.	—	—	895\$00	Port de Celulosa	—	3.100\$00
Externo 2.ª série	—	—	—	Port de Pesca	—	680\$00
Externo 2.ª série car.	—	—	—	Port de Tabacos	—	392\$00
Externo 3.ª série	—	900\$00	—	Sacar	—	4.700\$00
Externo 3.ª série car.	—	910\$00	—	Siderurgia Nacional	—	1.150\$00
Caut de 3.ª série s/huro	—	210\$00	230\$00	Socel	2.100\$00	2.050\$00
				Tabacos de Portugal	—	760\$00
				U. F. Azoto	—	695\$00
OBRIGAÇÕES				Aguas, Electricidade e Gás		
Aguas de Lisboa 5 %	—	480\$00	490\$00	Aguas de Lisboa 1934 ...	—	420\$00
C. P. 4 1/2 %	—	880\$00	895\$00	Aguas de Lisboa 1936 ...	—	420\$00
Gás e Electricidade 3 3/4 %	—	846\$00	—	Eléctrica das Beiras	—	1.510\$00
Gás e Electricidade 4 % ...	820\$00	815\$00	825\$00	Gás e Electricidade	381\$00	381\$00
Gás e Electricidade 4 1/2 %	—	—	—	H. E. Alto Alentejo	159\$00	159\$50
Gás e Electricidade 5 %	—	925\$00	935\$00	H. E. Cávado	1.245\$00	1.240\$00
H. E. Dourado	—	860\$00	—	H. E. Dourado	1.205\$00	1.205\$00
H. E. Norte de Portugal...	—	870\$00	880\$00	H. E. Portuguesa	—	109\$00
H. E. S. Estrela	—	915\$00	925\$00	H. E. S. Estrela	—	1.750\$00
Metropolitano	—	—	900\$00	H. E. Zêzere	—	1.410\$00
Petroquímica	795\$00	790\$00	800\$00	Nacional de Electricidade	1.310\$00	1.310\$00
Sonete	—	—	930\$00	Termoelectrica Portuguesa..	1.450\$00	1.450\$00
T. A. P.	—	—	—	União Eléctrica Portuguesa	—	213\$00
Termoelectrica Portuguesa	—	—	—			
U. Eléctrica Port 3 3/4% ..	—	83\$00	—	F. DE INVESTIMENTOS		
U. Eléctrica Port. 4% 1945	—	85\$00	86\$00	F. I. Atlântico	—	153\$70
U. Eléctrica Port. 4% 1948	—	85\$00	86\$00	F. I. D. E. S.	—	105\$50
U. Eléctrica Port. 4 1/2% ..	—	90\$00	—			
U. Eléctrica Port. 5% 1951	83\$00	83\$00	83\$50			
U. Eléctrica Port. 5% 1952	83\$00	83\$00	83\$50			

ÍNDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACCÕES (Base: Dez. 65-100)

GERAL	8/5/68	14/5/68	15/5/68
METROPOLITANAS ..	105,0	104,4	104,4
ULTRAMARINAS	103,8	103,1	103,1
	114,1	113,9	114,2

PAISES	Compras	Vendas
África do Sul — Rand ...	36\$00	38\$50
América:		
Dollars de 1 a 2	28\$25	28\$65
Dollars de 5 a 1000	28\$45	28\$85
Canadá — Dollar	26\$10	26\$60
Alemanha — Marco	7\$10	7\$30
Argentina — Peso	—	—
Austria — Schilling	1\$08	1\$15
Brasil — Cruzeiro Novo ...	6\$50	9\$50
Espanha — Peseta	\$40	\$41,5
Holanda — Florim	7\$80	8\$05
Inglaterra — Libra	67\$50	69\$50
Itália — Lira	\$04,5	\$04,68
Marrocos — Dirham	4\$75	5\$25
Bélgica — Franco	\$56,5	\$58,5
Frância — Franco	5\$70	5\$90
Suécia — Coroa	6\$52	6\$72
Dinamarca — Coroa	3\$70	4\$05
Noruega — Coroa	3\$85	4\$15
Suécia — Coroa	5\$40	5\$70
Ouro:		
Inglaterra — Libra	312\$00	327\$00
Inglaterra — 1/2 Libra ...	230\$00	250\$00
Ouro Fino — Barra	36\$00	38\$50

J. BURNAY, L. DA Notas estrangeiras
RUA DO OURO, 72 papeis de crédito
Tel. 321273

Telefones

AGUA, GAS e ELECTRICIDADE — Companhia das Aguas, 361353 * Companhias Reunidas, 537011 * Gazcilda, 538821 * Gazcilda (dom. e feriados), 382069.
BOMBEIROS — Sapadores, 322222 * Voluntários, 538524.
POLICIA E G. N. R. — Serviço de emergência, 115 * Segurança Pública, 366141 * Judiciária, 535380 * Marítima, 326456 * Internacional, 362721 * Viação e Trânsito, 42205 * G. N. R. (área rural), 36865.
SAÚDE — Cruz Vermelha, 665342 * Enfermagem permanente, 766161 * Enfermagem de urgência, 43738 * Hospital de Santa Maria, 775171 * Hospital de S. José, 860131 * Sangue, oxigénio e soros, 771168 e 771169 * Transfusões, soros e oxigénio, 538524 * Centro de Intoxicações (informativa), 767777, 761176 e 763456.

Farmácias de serviço

Em Lisboa — Turno C

ALCANTARA — Vieira Rosa, R. Prior do Crato, 74 (660187).
ALMIRANTE REIS — Castro, Av. Almirante Reis, 16-A (44373).
ALTO DO PINA — Ibéria, R. Barão de Sabrosa, 235-A (á Alameda) (728277).
AVENIDAS NOVAS — Campo Pequeno, (ao), Av. da República, 58-D-E, (771661) * Figueiras, Av. Marquês de Tamar, 20 (44995) * Cruz Nunes, Pr. Duque de Saldanha, 14 (á 845) * Novais, Av. Luís Bivar, 11-13 (44324).
ALVALADE — Sanex, Av. da Igreja, 31-C (776905) * Aeroporto, Av. Gago Coutinho, lote 101-D (á Av. D. Rodrigo da Cunha) (72384) * Rio de Janeiro, Av. Rio de Janeiro, 4-C (á Av. Estados Unidos da América) (721409).
ARCO DO CEGO — São Jorge, Av. R. Vasco Pais, 32, A-B (534027).
AREIRO — Algarve, Av. de Roma, 7-8 (777478).
ARROIOS — Bastos, R. Moraes Soares, 91-f (844350).
BAIRRO DA ENCARNACÃO — Ascenso, R. 27, n.º 41 (311216).

BELEM

BELEM — Bom Sucesso, R. Bartolomeu Dias, 63-A (61454).
BENFICA — Santa Cruz, Av. Gomes Pereira, 34-A (704888) * Vitex, Est. de Benfca, 373-B (780548).
CAMGÊS — Sanitas, Pr. Luís de Camões, 24 (322198).
CAMPO DE OURIQUE — Pinheiro, R. de Campo de Ourique, 131-133 (686640) * Elma, R. D. Maria Pia, 358-A (686761) * Urbano de Freitas, R. Silva Carvalho, -9 (662838).
BAIXA — Silva Carvalho — R. dos Fanqueiros, 26 (326575).
CAMPO DE SANTANA — Silmar, R. de S. Lázaro, 28 (48829).
ENTRECAMPOS — São Miguel, Pr. Francisco de Morais, 1 (771469).
ESTRELA E LAPA — Tagus, Praceta do R. Possidónio do Silva, 162-A (669485). * Mata Calção, R. de S. Félix, 45-A (560720).
CAMPO GRANDE — Cabrita Campo Grande, 220-222 (772397).
CHARNECA — São Bartolomeu, Vila Paulo Jorge, 1 — Golinheiros (790969).
CAMPOLIDE — Júdice de Oliveira, R. de Campolide, 54-A (684424).
GRACA — Silva, Calçada de St. André, 6 (862074) * Branquinho, Rua dos Sapadores, 87 (842725).
ESTEFANIA — Pancada, R. Rebelo da Silva, 9 (43340).
JANELAS VERDES — Reis Garrido, R. das Janelas Verdes, 90 (662327).
LUMIAR — Central, R. do Lumiar, 77 (790480).
MARQUES DE POMBAL — Liberal, Av. da Liberdade, 219 (43641).
OLIVAS — Olivais, R. Alves Gouveia, 19 (31237) * Fernandes Borges, R. C. 3, lote 300 — Olivais Sul (311091).
PICHELEIRA — Luzmar, R. João do Nascimento Costa, 6-A (Tels. P. P. C. 728395-720703).
RATO — Vicente de Jesus, Largo do Rato, 3-C-D (681947).
REGO — Laranjeiras, R. Filipe do Mata, 60-162 (761035).
RESTELO — Belém, R. Tristão Vaz, 10-A (á Encosta do Restelo) (612248).
SANTO AMARO — Gomes, Suc., R. do Junqueira, 326 (638193) * Costa, R. das Lusadas, 32 (636704) * Dilema, R. Aliança Operária, 49-A-B (636620).
DE SANTA APOLÔNIA AO BEATO — Concelção, Calç. D. Gastão, 30-32 (381279).
S. BENTO — Fenix, R. da Cruz dos Países, 52 (678531).
MOSCAVIDE — Santa Bárbara, R. Francisco Marques Beato, 75-A (2518918).

Linha de Cascais

ALGÊS — Branco — Av. Comb. G. Guerra, 29 (Tel. 212081).
CAXIAS — Nova — Rua Bernardino Ribeiro, 1-A (Tel. 242839).
PAÇO DE ARCOS — Godinho da Silva — Av. Patrão Lopes, 4 (Tel. 2420039).
OEIRAS — Central — R. João Teixeira Simões, 8 (Tel. 2430058).
PARDE — Almir — Av. Gago Coutinho — Bairro das Calças (Tel. 2472948).
ESTORIL — Parque — Arcadas do Parque, 3 (Tel. 260191).
CASCAIS — Cordelira — Av. Comb. G. Guerra, 40 (Tel. 281419); Nova — Est. de Alvide — Fontainhas (Tel. 281044).

Linha de Sintra

AMADORA — Cavaco — R. Elias Garcia, 209 (Tel. 930019). Flama — R. Elias Garcia, 78-B (Tel. 932485). Conflança — Av. D. Nuno Álvares Pereira, 15 (Tel. 938149).
DAMAIA — Confiança — Est. Militar, lote D (Tel. 971023).
QUELUZ — Correia — L. do Mercado, 3 (Tel. 950905); Zeller — R. da República, 83 (Tel. 950043).
CACÉM — Central — R. Elias Garcia, 55 (Tel. 2940034).
MÉM MARTINS — Quilma — Est. Mem Martins, 285 (Tel. 2910012).
S. PEDRO DE SINTRA — Valentim (Tel. 980456).
SINTRA — Marrazes — L. Afonso Albuquerque (Tel. 980058).
COLARES — Colares — Abreja (Tel. 299088).

Na Outra Banda

ALCOCHETE — Nunes — L. Coronel Ramos do Costa, 10 (Tel. 234137).
ALHOS VEDROS — Portugal — Av. da Bela Rosa, 8 (Tel. 224250).
ALMADA — Central — R. de Oliveira, 11 (Tel. 270504).
BAIXA DA BANHEIRA — Nova Fátima — Est. Nacional, 221-B (Tel. 224141).
BARREIRO — Santa Marta — R. do Lavradio, 77-C (Tel. 2272141).
COVA DA PIEDADE — Rainha Santa — Est. dos Barrocos, 50-A (Tel. 275182).
MOITA — União Moitense — Av. Dr. Teófilo Braga, 3 (Tel. 299025).
MONTIJO — Giraldes — R. Almirante Reis, 45 (Tel. 290008).
SESIMBRA — Leão — Av. Salazar (Tel. 2294711).
SETÚBAL — Soromenho — P. Machado Santos (Tel. 22691); Alice — P. do Quebedo (Tel. 23743).
SEIXAL — Soromenho — R. Palva Coelho, 38 (Tel. 2218560).

CENTRO DE ENFERMAGEM PERMANENTE
Injeções — Tratamentos — Velas — Soros — Origénio — Camas articuladas — Ambulância
Telf. P. P. C. 766161

MÉDICO PERMANENTE
CLÍNICA GERAL
CHAMADAS TELEFÓNICAS 76 61 46

CENTRO ENFERMAGEM DE URGENCIA SANTA MARTA
INJEÇÕES, TRATAMENTOS E VELAS, OXIGÉNIO, SOROS E CAMAS ARTICULADAS
Rua Conde Redondo, 56, 2.º
Telf. 43738

Limpeza e restauro de carpetes

Consulte os serviços especializados da **FABRICA DE TAPETARIAS SULTAO**. Pedidos aos escritórios: R. Conde Redondo, n.º 64, 2.º Dir. — Telef. 59288.
Orçamentos grátis

Aluguer sem condutor

CARROS NOVOS — PREÇOS ACESSÍVEIS



Avenida Padre Manuel da Nóbrega, 10-B

Telefones: 72 76 54 - 72 49 75

LISBOA

LUSTRES

Fazemos novos, re

CARTAZ DOS CINEMAS



As 15.15 e 21.30
(Adultos)
2.ª SEMANA
Um filme de alto nível

A BEIRA DO PÂNICO
c/ Laurence Harvey - Mia Farrow
- Tom Courtenay
- TECHNICOLOR -



As 21.45
(M. 12 anos)

Conforme foi anunciado, volta o filme que é obra-prima de Masaki Kobayashi

KWAIDAN

As 15.30 e 18.30 - Últimas exhibições
UM IDIOTA EM PARIS
(Adultos)



As 3 da tarde (p. r.) e 9.30 da noite
(M. 12 anos)

UMA AVENTURA FASCINANTE!
2.ª SEMANA

O HOMEM QUE VEIO DO FUTURO
(«PLANET OF THE APES»)
com Charlton Heston



Tel. 76 30 80
As 15.45 e 21.45
2.ª SEMANA
Technicolor
(Adultos)

OS DEVASOSS

Anthony Quinn, Faye Dunaway e Robert Walker



As 15.15, 18.15 e 21.30
(M. 17 anos)
3.ª SEMANA

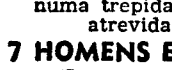
Um dos melhores filmes do ano
O PERFUME DO DINHEIRO
com Rex Harrison, Susan Hayward, Cliff Robertson e Capucine



As 15.15 e 21.30
(Adultos)

JEAN MARAIS
numa trepidante e multissíma atrevida aventura...

7 HOMENS E UMA MULHER
(7 hommes et une Garce)
com Sidney Chaplin e Marilu Tolo
Real. Bernard Borderie
Scope Technicolor



As 15.15 e 21.30
(M. 12 anos)

O filme escolhido para comemorar o génio imortal de WALT DISNEY
FANTASIA
TECHNICOLOR



As 21.30 (Adultos)
Uma comédia sensacional reunindo os nomes mais famosos

em Panavision e Cor de Luxe
GUIA PARA UM HOMEM VOLÚVEL
(A GUIDE FOR THE MARRIED MAN)

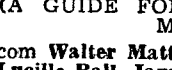
com Walter Matthall, Robert Morse, Lucille Ball, Jayne Mansfield e Terry-Thomas



As 15.15, 18.15 e 21.30
(Adultos)
2.ª SEMANA
Um filme ousado

Technicolor
OS DEVASOSS

Anthony Quinn, Faye Dunaway e Robert Walker



As 15.15 e 21.30
(12 anos)
3.ª SEMANA

ADIVINHA QUEM VEM JANTAR?
com Spencer Tracy - Sidney Poitier
- Katharine Hepburn
TECHNICOLOR



As 15.15, 18.30 e 21.45
(Adultos)
Technicolor

WILL PENNY
Um filme na linha dos clássicos do «western»
com Charlton Heston - Joan Hackett
- Donald Pleasence



HOJE, às 21.30
EM ÚLTIMA EXIBIÇÃO

A HISTÓRIA DE UMA AVENTURA INFERNAL

O AGENTE DIABOLICO

com Wendell Corey e Barbara Bouchet
(Col.) (Maiores 12 anos)

HOJE, às 18.30 - Sessão Clássica
(Maiores 17 anos)



As 15.15, 18.15 (p. r.) e às 21.30
4.ª SEMANA DE

EXITO TOTAL DO FILME PORTUGUES

O AMOR DESCEU EM PARA-QUEDAS

com António Calvário e Paula Ribas
Uma comédia que é o retrato de uma juventude estouvada e libertina...

Canções de João Nobre (M. 12 anos)

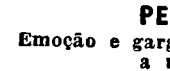


As 15.30 e 21.45
(M. 12 anos)
2.ª SEMANA

CATHERINA CASELLI, NINO FARANTO, LAURA ERIKIAN e DOLORES PALUMBO numa comédia musical plena de juventude e de ritmos «yé-yé»...

PERDÃO

Emoção e gargalhada de minuto a minuto!



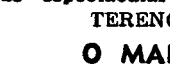
As 15.30 e 21.45
(Adultos)
3.ª SEMANA

Anthony Quinn, Rosana Schiaffino e Rita Hayworth no espectacular filme colorido de

TERENCE YOUNG

O MARINHEIRO

A história de um homem para quem o mar era a vida e as mulheres um suave refúgio...



Tel. 77 90 95
As 15.30, 18.30 e 21.45
(Adultos)
10.ª SEMANA DE SENSACÃO

A PRINCESA
Realização de Ake Falck, com Crymlet Molvig e Lara Passgard



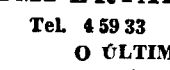
As 15 e 21 horas
(Adultos)

O ÚLTIMO DEGRAU MURIETA



As 21.30
(M. 17 anos)
Magistral interpretação de James Stewart e Henry Fonda

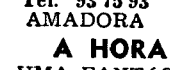
A HORA DA FÚRIA
UMA FANTÁSTICA HISTÓRIA DO «FAR-WEST»



As 21.30
(M. 12 anos)

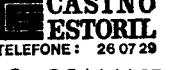
O COMANDANTE «ROBIN CRUSOE»

TECHNICOLOR
com Dick Van Dyke, Nancy Kwan e Akim Tamiroff



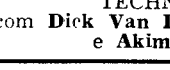
As 15.15, 18.15 e 21.30
(Adultos)
2.ª SEMANA
Um filme importante e oportuno!

O ÚLTIMO COMBOIO DO KATANGA
Panavision-Colorido
Rod Taylor e Yvette Mimieux



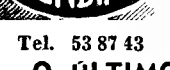
As 15 e 21
(M. 17 anos)

PARAÍSO DO HOMEM «JAPÃO PROIBIDO»



Tel. 32 41 94
As 21 horas
(M. 17 anos)

MAJOR DUNDEE
O HOMEM QUE LUTA SÓ



As 14.45 e 21 h.
(Adultos)

A RAPARIGA E O GENERAL
O ENIGMA DO APARTAMENTO

• • OUTROS ESPECTÁCULOS • •

TEATROS

MARIA VITÓRIA — As 20 e 45 e às 23: «Pão, pão, queijo, queijo!» (17 anos).
CAPITÓLIO — As 21 e 45: «As três perfeiticas casadas» (17 anos).
ABC — As 20 e 45 e às 23: «Arroz de miúdas» (17 anos).
CASA DA COMÉDIA — As 19: «Os dias felizes» (17 anos).
VILLARET — As 21 e às 23: «Agora que é milionário» (17 anos).

CINEMAS

ARCO IRIS — As 21: «A máscara do superargo» (12 anos).

TEATRO «ABC»

TELEF 36 67 45

HOJE: às 21 e 23 horas

JOSÉ MIGUEL apresenta

A REVISTA DO EXITO

ARROZ DE MIÚDAS



TONY DE MATOS

com
AIDA BAPTISTA ★ CARLOS COELHO ★ NATALINA JOSÉ ★ OSCAR ACÚRCIO ★ DELFINA CRUZ e a grande atracção
TONY DE MATOS

Coreografia de CHARLES

OLÍMPIA — As 19: «A Mafia do Crime» (17 anos).
IMPERIAL — As 21: «O último degrau» (17 anos).
CINEARTE — As 21: «O charlatão» (12 anos).
SALÃO LISBOA — As 21: «Perseguição impiedosa» (17 anos).
PARIS — As 21: «As donzelas de Rochefort» (12 anos).
ORIENTE — As 21: «A marca do vingador» (17 anos).
MOSCAVIDE — As 21: «Estradas do Inferno» (12 anos).
JARDIM — As 21: «Vem aí os russos» (12 anos).
ROYAL — As 21: «Vidas secas».
CAMPOLIDE — As 21: «Morituri» (17 anos).
SPORT LISBOA E BENFICA — As 21: «Missão mortal» (17 anos).
PROMOTORA — As 21: «Um homem chamado Adão» (12 anos).
UNIVERSAL — As 21: «Ninguém foi tão valente» (12 anos).
BOMBEIROS V. LOURES — As 21.30: «Missão em Hong-Kong» (12 anos).
VOZ DO OPERÁRIO — As 21: «A beira do abismo» (17 anos).

• Linha de Cascais

ALGÉS — STADIUM — As 21 e 30: «A rapariga» (17 anos).
OBRAS — OBRAS-CINE — As 21: «Arizona Colt» (17 anos).
PAREDE — ROYAL-CINE — As 21: «Sete contra o mundo» (17 anos).
ESTORIL — CASINO — As 21 e 30: «O comandante «Robin Crusoe» (12 anos).
CINE-ESPLANADA — As 21 e 30: «Do alto do terror» (17 anos).
CASCAIS — S. JOSÉ — As 21 e 30: «Duelo sem tréguas» (17 anos).

• Outra Banda

ALMADA — INCRÍVEL — As 21: «Doutor Jivago» (17 anos).
BARREIRO — GINÁSIO — As 21: «A última aventura de James Tont» (12 anos).
TRAFARIA — PAVILHÃO JARDIM — As 21 e 15: «Eu vi a morte» e «Meus amores no Rio» (12 anos).
COVA DA PIEDADE — UNIÃO ARTÍSTICA — As 21 e 15: «Matá-me Johnny Ringo» (17 anos).

• Linha de Sintra

VENA NOVA — CINE-PORTUGAL — As 21 e 15: «353 — Passaporte para o Inferno» e «A procura do ídolo» (12 anos).
AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — As 21 e 15: «Uma aventura a quatro» (17 anos).

QUELUZ — QUELUZ-CINE — As 21 e 15: «Aquele endiabrado freirinho» e «F. B. I. chama istambul» (12 anos).
MEM MARTINS — CINE-CHABY — As 21 e 30: «A francesa e o americano» (12 anos).
SINTRA — CARLOS MANUEL — As 21 e 30: «Sete balas para Selma» (17 anos).
DAMAIA — D. JOÃO V — As 21 e 30: «Piratas de Bikini» (12 anos).

TEATRO ADULTOS

HOJE À noite 2 sessões
As 20.45 e 23 horas

★ SÓ ESTA SEMANA LISBOA PODE RIR A BOM RIR COM A FASCINANTE REVISTA

PÃO, PÃO... QUEIJO, QUEIJO

A CAMINHO DE UM ANO DE EXIBIÇÃO UM CARTAZ DE OURO:

• SALVADOR • VIANA

• vedeta AFRICA PRATS

• actriz MARIEMA MAN • ANITA DORA

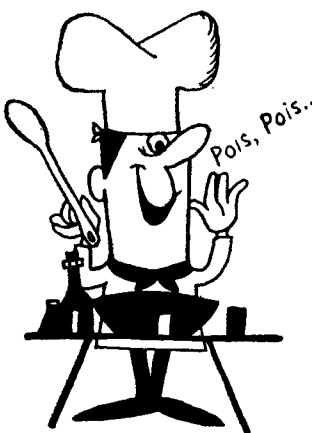
o colossal JOSE VIANA o famoso

AUTOMÓVEL VOADOR • BAILARINAS INTER-NACIONAIS

2.ª feira, em Setúbal: no Teatro Luísa Todi

3.ª feira, em Beja: no Teatro Pax-Julia

4.ª feira, em Faro: no Cine Teatro Farense



J. PIMENTA, LDA.

ANDARES DE 2 A 10 DIVISÕES ASSOALHADAS

TEM 150 CONTOS?...

Aplice as suas economias na nossa, que é a vossa organização e obterá rendimentos de 8 % na compra de apartamentos mobilados.

ESCRITÓRIOS

EM LISBOA — Rua do Conde de Redondo, 53, 4.ª-Esq. — Tel. 4 58 43 e 4 78 43

EM QUELUZ — Rua de D. Maria I, 30 — Tel. 95 20 21/22

EM REBOLEIRA — AMADORA — SERVIÇO PERMANENTE — Telefone 93 36 70

bom apetite



RESTAURANTE CASTANHEIRA

DECLARADO DE UTILIDADE TURÍSTICA

Est. da Torre - Lumiar - tel. 79 01 68

ESPECIALIDADES DIÁRIAS

AOS SÁBADOS E DOMINGOS

ORQUESTRA PRIVATIVA

DESTE RESTAURANTE

(Maiores de 15 anos)

RESTAURANTE-BAR BAIUCA

BAR

ISTRO

(antiga casa Júlio de Sousa)

R. da Barroca, 86 — T. 34700

SERVIÇO DE BAR E CEIAS,

ATÉ DE MADRUGADA

QUINTA DE S. VICENTE

RESTAURANTE

Telheiras de Cima, 144—Tel. 790211

(2.ª Circular ao Campo Grande)

Aos Sábados e Domingos

JANTARES DANÇANTES

com o conjunto privativo

AMBIENTE FAMILIAR

(Maiores de 15 anos)

RESTAURANTE SANCHO

Trav. da Glória, 14 — Telef. 369780

ALIMENTOS DE 1.ª QUALIDADE

NO MELHOR AMBIENTE

SALA PARA 40 e 80 PESSOAS

• AR CONDICIONADO •

ILHOTA

RESTAURANTE

R. ILHA DO PICO, 19-21

Telef. 49063 (Junto à Estefânia)

PRATOS VARIADOS TODOS OS DIAS

AMANHÃ

BACALHAU A ILHOTA

XANGAI

DELICIOSAS ESPECIALIDADES

DE AUTÊNTICA COZINHA

CHINESA

AV. DUQUE DE LOULE, 20-B

Frente à Embaixada Americana

Telefone 5 73 78

Parreirinha do Rato

Restaurante, snack-bar, cervejaria,

mariscos

Ambiente acolhedor

Todos os dias pratos diferentes

Especialidades de churrasco de

frango, pato, porco e cabrito

Largo do Rato, 11

(entrada pelo arco) — Tel. 685908

Parque para automóveis

BOITE «PRÍNCIPE» RESTAURANTE

JANTARES E CEIAS

(M. 21 anos)

Alegria e boa disposição com música constante desde as 8 horas até

às 5 da madrugada

Saões próprias para banquetes e lanches de casamento

Ambiente seleccionado — Ar condicionado

Rua da Madalena, 107 — Tel. 33814

Um estudante de 9 anos foi o vencedor do Concurso de Pintura Mural Infantil sobre os Jogos Olímpicos do México

— Pois claro, gosto muito de pintar, de fazer desenhos. E também gosto muito de estudar.
— Pois é, já sei que és um bom aluno, uma disciplina de que gostes menos, um bocadinho?
— Não, gosto de todas. Tanto fazer História, como Ciências ou Aritmética ou Ditado, Leitura e Redacção. Seja o que for. E também gosto muito de jogar Andebol e futebol. E de nadar.
— Bravo, Miguel. E' assim mesmo. E's um rapaz como se quer.

(O Miguel é o Miguel Parreira de Salles Pereira, tem 9 anos e frequenta a 4.ª classe, na Escola Primária n.º 110, na Rua António Nobre, a Benfca. E venceu, com todo o mérito, o concurso de Pintura Mural Infantil da XIX.ª Olimpíada na cidade do México, promovido pela Mocidade Portuguesa em colaboração com o «Comité Olímpico Português» e cuja exposição está patente, após a inauguração, desde o fim desta tarde, no pavilhão da Associação Industrial Portuguesa na Junqueira.
O seu trabalho, grande e rico de imaginação e cor, representa cavaleiros em prova, cavaleiros a desfilarem. Alguns caem).

— Lembrei-me de pintar cavaleiros de várias nações, porque nos Jogos Olímpicos há provas dessas. Mas também concorre com outros trabalhos.

— Eu sei. Até já os vi. E também são bons. Quanto tempo te demorou o trabalho vencedor?
— Meio dia. Foi em meio dia.
— Mas já o tinhas pensado, imaginado antes, ou não?
— Não. Foi tudo ao mesmo tempo. Lembrei-me de pintar cavaleiros e pronto, pintei.

(O prof. sr. Vítor Chaves — jovem entusiasta da sua nobre missão — está ufano. Naturalmente. E elogia o Miguel: «E' inteligente e gosta de estudar. E é extremamente dedicado aos seus companheiros. Por isso aqui continua, tendo, como tem, possibilidade de frequentar outros estabelecimentos. Entretanto, pelo seu lado, a Escola também procura cativar, interessar os alunos, com

iniciativas culturais, desportivas e recreativas». Alto, bem constituído, de olhar vivo e cabelo sobre a testa o Miguel é filho do subdirector da Ziemens sr. Parente e da sr.ª D. Maria Amélia Parreira que tem «atelier» e dá aulas de pintura. Tem, assim, bom ambiente de estímulo à sua vocação).

— Todos os anos tenho apresentado trabalhos no concurso «O Natal visto pelas crianças» do «Diário de Lisboa».

— E sempre tens sido premiado, não é?

— Sim, todos os anos. E com muitos trabalhos. Uns ficam nos dez primeiros, outros a seguir. E' conforme. A minha irmã que se chama Maria Madalena (o Miguel tem duas irmãs mais novas, ambas igualmente com muito jeito) também foi premiada no último Natal.
— Afinal, somos conhecidos, não é?! Vocês são da casa, no fim de contas.

O Miguel quer ser arquitecto, quando for grande. E soubemos ainda que o seu entusiasmo maior vai para a concepção e desenho de modelos de automóveis.

— Anda sempre a inventar modelos. A desenhá-los e a dizer que há de construir automóveis, assim. E muitos deles são deveras interessantes. E' uma criança extremamente bem dotada e de uma simplicidade, de uma humildade até, que quase causa espanto.

E viemos embora, deixando o Miguel, feliz e sorridente. O Miguel, que, á despedida, ainda nos confidenciou:

— Gosto muito de nadar.
— E nadas bem?
— Na Praia Grande, «faço» a piscina em 32 segundos.

Uma reunião do Rotary Internacional em Viana do Castelo

VIANA DO CASTELO, 16 — Amanhã, às 21 e 30, no Hotel de Santa Luzia numa reunião de confraternização do Rotary Internacional será servida uma ceia regional a cerca de 300 convidados, entre os quais o cônsul de França. O jardim daquele hotel está engalanado a lumes vivos e o vestibulo, os salões e a esplanada, com motivos regionais, sob a orientação do sr. Amadeu Costa, nosso prezado correspondente.



é o número do "stand" de publicações dom quixote na FEIRA DO LIVRO DE LISBOA

O CASO DO PESQUEIRO AFUNDADO

Enquanto a localidade de Ribamar, subjugada ao peso da tragédia, chora os seus mortos, prosseguem as investigações para encontrar o navio que ontem, às primeiras horas da madrugada, ao largo de Peniche, abalroou o pesqueiro «Certa», causando a morte de quatro pescadores.

A Polícia Marítima vistoriou todos os navios entrados no Tejo

No porto de Lisboa, a Polícia Marítima efectuou uma vistoria a todos os navios que entraram a barra, quer aos que demandaram a área das Berlengas, quer aos que passaram mais ao largo, procurando

do indício de abalroamento, nomeadamente vestígios de tinta amarela, proveniente do pesqueiro abalroado.

Apesar de nada ter descoberto, a Polícia Marítima convocou, para esta tarde, os capitães de todos os barcos portugueses e estrangeiros surtos no Tejo.

Tvoluma-se a ideia de que a fuga do navio abalroador constitua acto criminoso. Mesmo que o navio fosse dirigido por piloto automático, ter-se-iam sentido a bordo os efeitos da colisão. Um oficial da Marinha portuguesa recordou que, por vezes, no alto mar, mesmo a bordo dos mais poderosos navios de guerra sente-se o choque com os toros de pinho á deriva.

De qualquer modo, admite-se que a lagosteira afundada estivesse sem luzes no momento do acidente, porquanto é costume dos pescadores trabalharem às escondidas uns dos outros, na ânsia de descobrir os melhores bancos.

Quanto ao navio abalroador, pensa-se que se destina aos portos do Mediterrâneo, pelo que a Polícia Marítima pediu o auxílio da Interpol.

Dirige as investigações o comandante da Polícia Marítima, capitão-de-fragata Olegário Borges, auxiliado pelo adjunto do comando, sr. Manuel Cabaço, pelo chefe Gonzaga Pratas e pelo subchefe Martins Baptista.

Mini-intérprete de Beethoven quer ser médico como Albert Schweitzer

LOURENÇO MARQUES, 16 — (L.) — Mal chega ainda aos pedais do piano um menino de 13 anos, filho de um modesto funcionário dos Caminhos de Ferro de Moçambique e aluno do Liceu Salazar, nesta cidade, que executa já, com notável perfeição, trechos musicais de grandes mestres como Beethoven — o seu preferido —, Bach ou Chopin.

«O pequeno tem uma vocação musical como nunca encontrei em crianças da sua idade, em toda a minha longa vida de ensino» — diz a professora D. Lúcia Ferreira Conceição, que há seis anos ministra lições de piano ao precoce Luís Filipe de Andrade Pinho.

O pequeno artista, que pretende, á semelhança de Albert Schweitzer e Paderewsky — e estes termos de comparação foram de sua autoria... formar-se em Medicina, também mereceu de uma das professoras de musica do Liceu Salazar o seguinte elogio: «Se estudar sempre, poderá vir a ser um grande intérprete».

A HOMENAGEM AO PROF. IVO SOARES

A Sociedade Portuguesa de Ciências Veterinárias presta, hoje, á noite, homenagem ao reitor dos Estudos Gerais de Angola, prof. Ivo Soares, eleito por aclamação, em assembleia geral, sócio de honra daquela sociedade científica.

No decorrer da sessão, em que o prof. David Ferreira, director do Laboratório de Biologia Celular da Fundação Calouste Gulbenkian (Oeiras) pronunciará uma conferência intitulada «A anatomia dos vírus e das suas relações com os elementos celulares», será descerrado o retrato do reitor Ivo Soares e ser-lhe-á entregue o diploma em pergaminho que o acredita como sócio de honra.



VIAGENS 68

PARIS

SETEMBRO: DE 14 A 29

ANDALUZIA — TÂNGER

MAIO: de 8 a 28

LOURDES — ANDORRA BARCELONA

VALÊNCIA — MADRID

JULHO: de 19 a 31

AGOSTO: de 17 a 30

SETEMBRO: de 14 a 26

TOLEDO — MADRID

MAIO: de 4 a 8

de 15 a 19

JUNHO: de 1 a 5

de 26 a 30

SEVILHA

JUNHO: de 27 a 30

COSTA CANTÁBRICA E LOURDES

AGOSTO: de 9 a 22

CIRCUITO EUROPEU E DESCIDA DO RENO

AGOSTO: de 1 a 30

PEÇA O PROGRAMA GERAL EXCURSÕES 68

PEÇA-NOS PROGRAMAS DETALHADOS

Informações e inscrições: ATLAS—Turismo e Viagens, Lda. Av. Duque de Ávila, 203-D/E—Lisboa Telef. 556229 - 533714 - 533858

CRUZEIRO À MADEIRA

Agosto de 19 a 25

A bordo do Paquete «FUNCHAL»

4 dias completos na Madeira com excursões incluídas

Todas as cabinas com banho ou chuveiro

Viagem acompanhada por um Delegado da ATLAS



Informações, inscrições:

ATLAS — Turismo e Viagens, Lda.

Av. Duque de Ávila, 203-D/E LISBOA

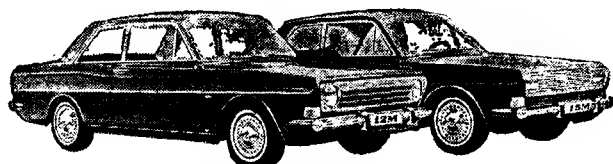
Tels. 556229 - 533714 - 533858

CAMPANHA DA PRIMAVERA

OS 12Me15M

são carros diferentes

agora mais aperfeiçoados e com novos preços



2 e 4 portas

Station 12M 2 portas



NOVAS FACILIDADES DE CRÉDITO
CONSULTEM OS CONCESSIONÁRIOS FORD

STAND MODERNO

R. JOÃO SARAIVA, 15
AV. FONTES PEREIRA DE MELO, 15

LISBOA

LINCURI

AV. DA REPÚBLICA, 32
R. D. FILIPA DE VILHENA, 20

TRANSPORTADO PARA O FUNCHAL NOS AVIÕES DA TAP

APRENDA INGLÊS EM INGLATERRA

Tudo incluído 5.420\$00
preços a partir de:

VIAGENS TURISMO



Rua Braamcamp, 15-D
Telef. 40459 — LISBOA

SUPLEMENTO

Diário de Lisboa

LITERÁRIO

João Gaspar Simões
Jorge Peixinho
José-Augusto França
Júlio Moreira
Mário Sacramento
Sheppard d'Moraes
Vergílio Ferreira

N.º 511/16 DE MAIO DE 1966

Gide e Roger Martin du Gard ou o malogro da objectividade

por João Gaspar Simões

A *Correspondence* entre André Gide e Roger Martin du Gard, que acaba de aparecer em França — dois grossos volumes, perto de mil e quinhentas páginas — abrange cerca de quarenta anos de uma amizade franca e leal entre dois homens tão diferentes um do outro como a noite do dia. Mais velho, muito mais velho que o autor dos *Thibault*, e já com um nome glorioso na altura em que trava relações com este, sempre André Gide acatou as observações literárias do jovem romancista com quem trava conhecimento ao receber na *Nouvelle Revue Française*, em 1913, o manuscrito de *Jean Barois*. E um dos aspectos mais curiosos desta amizade, por vezes severa, é aquele que nos mostra o mais jovem dos dois escritores procurando corrigir aquilo que se lhe afigura o aspecto menos válido da obra do mais velho.

Hoje, quase vinte anos passados sobre a morte de André Gide, podem ver-se melhor as razões que assistiam a Martin du Gard para fazer com que o seu amigo abandonasse a construção dessa «pirâmide» cuja base era ele próprio, a sua complexa personalidade humana, objectivo que considerava movido e perigoso no ponto de vista da criação literária, para empreender a construção de uma obra moldada sobre a observação objectiva da realidade. Com efeito, a esta distância temos diante de nós um André Gide que, em verdade, desenvolveu ao máximo as diferentes facetas da sua personalidade, deixando-nos o exemplo singular de uma das mais ricas individualidades da literatura francesa da primeira metade do século, mas que por isso mesmo não chegou a realizar aquela obra-prima que a posteridade exige de um escritor para que ele possa subsistir mesmo para além da data em que tudo esquece da sua vida e da sua existência pessoal.

Fora Goethe, segundo Jean Delay, biógrafo de Gide e prefaciador dos dois volumes da *Correspondence* que acaba de vir a lume, escritor que Gide muito lera e meditara na sua mocidade, que incutira no autor de *Si le grain ne meurt* que «é de dentro para fora que o homem deve viver e que o artista deve trabalhar». Com efeito, para Gide — e nisso ele se torna mestre das gerações de entre duas guerras — o artista tudo deve tirar de si próprio, do seu próprio fundo humano, das suas experiências. E assim fez, mas, menos dotado que o autor do *Fausto* de predicados criadores, seguindo à risca as suas palavras, acabou por legar-nos uma obra em que o

que salta à vista é a base — isto é, o seu caso pessoal — não a «pirâmide», ou seja, como diz Jean Delay, «o túmulo que o encerra».

Das trações de uma tal concepção da arte e da literatura procurou Roger Martin du Gard precaver o seu amigo, e a vasta correspondência trocada entre os dois abunda em páginas onde avultam as advertências acauteladoras das ciladas que espreitavam Gide a cada esquina da sua obra ostensivamente subjectiva. Enquanto que para o autor dos *Thibault*, Tolstoi, por exemplo, era o malor dos romancistas e a *Guerra e Paz*, a obra-prima da arte do romance, para Gide, Dostolevski constituía o caso literário de maior significado na época, e não naquilo em que o autor de *Os Possessos* atingia, mas nos problemas psicológicos e morais que cada um dos seus romances levantava. A constru-

que na obra do mestre russo se tornam, por assim dizer, nas suas relações mútuas, a matéria-prima dessa ficção genial.

Tinha razão Martin du Gard. E Gide, pouco mais ou menos por esta altura, principia a escrever a sua única obra de ficção com carácter objectivo, *Les Faux-Monnayeurs*, em verdade ainda hoje, no conjunto da vasta bibliografia gideana aguda que mais directamente atinge o leitor e a que mais ricamente entremostra virtualidades literárias do mestre de *La Porte Étroite*.

Estará, porém, nisto o núcleo do relativo malogro da criação artística de André Gide? Eis o problema tratado ao longo de *Correspondence*. Ele nos obriga a reflectir sobre os recursos com que cada escritor conta para levar a cabo uma obra que verdadeiramente o revele e até mesmo o supere. Em verdade, Roger Martin du Gard, que toda a vida cultivou um género de ficção onde eram postos à prova nada mais nada menos que os paradigmas novelísticos dos mestres do género — de Flaubert a Tolstoi —, lega-nos uma obra que nem pelo facto de se nos antolhar mais classicamente concebida — no ponto de vista da criação objectiva —, se eleva, com efeito, mais alto, enquanto expressão de uma personalidade humana, que a própria obra de André Gide. Faltava ao autor de *Paludes* o poder de objectivação dos seus problemas ou a capacidade de construção objectiva das obras em que esses problemas surgissem devidamente conjugados? Parece que sim. Mas por isso mesmo de nada lhe serviria mostrar-se fiel discípulo dos grandes mestres objectivos da literatura — um Goethe, um Flaubert, um Tolstoi, até mesmo um Dostolevski. Sempre a sua obra se quedaria na base: a «pirâmide» nunca chegaria a erguer-se sobre o fundo excessivamente pessoal que nele assumiram os problemas humanos. E o certo é que, mesmo assim, sem nunca haver conseguido essa metamorfose fundamental dos grandes criadores, a sua obra, a sua personalidade, o seu caso, aquilo a que Jean Delay chama o «mistério Gide», sempre terá mais admiradores e conquistará mais discípulos, digamos, que a construída obra do romancista dos *Thibault*, vasto panorama de toda uma época da vida social, política, moral e intelectual francesa, a que falta, porém, aquilo mesmo sem o que não há obras literárias superiores. Que é que lhe faltava: a base profundamente pessoal sobre que Gide gostaria de edificar a «pirâmide» goetheana.



Klein: impressão natural sobre fundo negro

Após a falência, nos dias de hoje, da ópera e do teatro musical tradicional fundados sobre a coexistência paralela de planos artísticos distintos através de uma relativa analogia de estruturas, propôs-se nos últimos tempos uma nova possibilidade de relações, fundada esta não já sobre uma coexistência ou paralelismos, mas sim sobre uma convergência e integração. Tal é o carácter fundamental de uma nova forma de comunicação artística: o «happening».

Pode dizer-se que o «happening» nasceu de certo modo, de uma convergência de várias artes, ou melhor, de várias manifestações artísticas aglutinadas numa e com uma orientação espiritual, com objectivos estéticos particulares.

O 'happening'

por Jorge Peixinho

O «happening» é um acontecimento. Aí se sacraliza um movimento criador num momento efémero e irrepetível. Arte que se faz e se desfaz, mas que nunca se refaz. Podemos verificar como tais manifestações se aproximam do conceito de colaboração activa do fruidor (não já unicamente espectador, mas também actor) perante um certo tipo de obras plásticas e, mais radicalmente ainda, da autodestruição exigida por determinadas obras, que vêm a ser «consumidas» ou «imoladas» no próprio momento da criação ou da exposição.

O «happening» é, justamente, pelo seu carácter efémero, uma manifestação essencialmente interpretativa, tanto em função de um programa ou plano pre-estabelecido, como na simples (e altamente complexa) actuação de impulsos criadores — uma interpretação criadora, porém, elevada ao nível da criação integral e exigindo uma participação colectiva.

O actor interveniente não encarna uma personagem como no teatro, mas cria a situação de ambiguidade inerente à sua actividade lúdica — o movimento «en train de jouer» no próprio momento criador.

Há pouco referi-me ao «happening» como uma espécie de ritual, mais propriamente uma sacralização do momento criador; e isto na medida em que,

conforme assinala Henri Pousseur, uma sacralização é um acto comunitário, polivalente (e por isso mesmo rico de ambiguidades) e instaurador de relações.

O «happening» provém de uma convergência «vectorial» de várias actividades artísticas: o teatro, a música, as artes plásticas, etc. Simplesmente, estas actividades encontram-se intimamente interligadas e participam de uma estruturação comum. Esquemáticamente poderíamos assim individualizar dois tipos fundamentais de estruturas: um de convergência e de fusão entre os vários elementos artísticos, outro de criação colectiva, com as suas interinfluências, conexões e inter-relações.

Proveniente de várias correntes de evolução do pensamento estético, o «happening» apresenta afinidades evidentes com determinados caracteres sociológicos da Pop-Art, no que diz respeito à reabilitação de certos aspectos transitórios e circunstanciais do real quotidiano; ao carácter efémero da obra de arte, patente na destruição exterior ou na autodestruição do objecto artístico; e no novo tipo de relações arte-fruidor, problemática esta em estreita ligação com a teoria da informação e a «Gestalt».

(Continua na página 2)



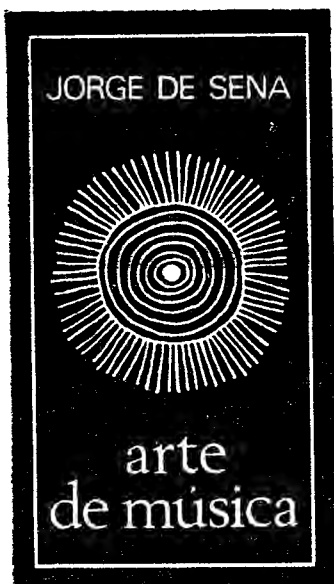
Gide, «uma amizade leal»

ção romanesca em si, a travessura do romance, isto é, as personagens entregues a si próprias e vivendo a sua vida, pouco ou nada lhe dizia. No entanto, após muito batalhar, consegue Martin du Gard que Gide meta ombros a uma obra menos livremente concebida no ponto de vista puramente subjectivo ou pessoal. Em carta datada de 22 de Julho de 1920, chama a atenção do autor do *Corydon* para o que representa um romance como *O Idiota*, de Dostolevski, e faz-lhe ver que enquanto o autor russo entrecruzou e fundiu a série de assuntos que enriquecem esse livro extraordinário, ele, Gide, que «tinha em si tudo quanto era necessário para escrever um livro como esse», se lhe viesse às mãos um tal assunto, em vez de um romance escreveria uma série de breves volumes em que focaria, uma por uma, as personagens complexas

Uma voz inconformada

«A obra poética de Jorge de Sena», diz António Ramos Rosa em resposta a um inquérito de *O Tempo e o Modo*, «é a mais importante entre as que se impuseram nestes últimos trinta anos. As grandes figuras anteriores distanciam-se já e, não vejo, no vácuo que se forma, outro poeta mais salutarmente perturbador e que possa merecer o título de «indisciplinador de alma». O magistério crítico de Jorge de Sena teve influência preponderante na minha formação ética e intelectual...».

Um poeta vivo que fala assim de outro poeta vivo — eis uma lição de dignidade e uma lição à república das letras. Jorge de Sena, com a sua voz ousada e bem dirigida, com o seu tom pessoalíssimo de in-



conformidade, pôs na poesia portuguesa a nota salutar de um talento que se sabe de direito a um lugar de excepção. Sem o pacto de circunstância. Sem o medo dos equilíbrios. Os seus poemas e a, sua obra em prosa, reflectem essa atitude dinamizadora cuja importância já não é cedo para homenagear.

Agora Jorge de Sena acaba de publicar mais um volume de poemas, o oitavo da sua produção: *Arte de Música (trinta e duas metamorfoses musicais e um prelúdio, seguidos de um «pot-pourri»)* — col. Círculo de Poesia, Moraes Editores. E é na realidade um acontecimento poético o aparecimento deste livro. Ele contém algumas propostas pessoalíssimas para a valorização da nossa riqueza intelectual.



ESCAPARATE

(De 6 a 13 DE MAIO DE 1968)

Título — Jornal de Um Romancista — III volume.
Autor — Manuel de Campos Pereira.
Editora — Dep. Livraria Portuguesa — Lisboa.
Número de páginas — 241.
Preço — 40\$00.

Título — O Roubo das Sabinas — Poemas Libertinos — I.
Autor — Almeida Garrett.
Editora — Portugália Editora — Lisboa.
Colecção — Obras Literárias de Almeida Garrett — II.
Número de páginas — 161.
Preço — 65\$00.

Título — Do Ultimatum ao 31 de Janeiro. Esboço de História Política.
Autor — Basílio Teles.
Editora — Portuguesa Editora — Lisboa.
Número de páginas — 364.
Preço — 65\$00.

Título — Divina Voluptuosidade — Missa da Meia-Noite e Outros Poemas.
Autor — Jaime Cortesão.
Editora — Portugália Editora — Lisboa.
Colecção — Poesias — II — Obras Completas de Jaime Cortesão.

Número de páginas — 202.
Preço — 60\$00.

Título — Cantos Cativos — 1938-1958.
Autor — Arquimedes da Silva Santos.
Editora — Portugália Editora — Lisboa.
Colecção — «Poetas de Hoje» — 27.
Número de páginas — 209.
Preço — 45\$00.

Título — Poemas.
Autores — António Viana, Filipe Pimentel e Manuel Ramos.
Editora — Edição de Manuel Ramos — Lisboa.
Número de páginas — 114.
Preço — 25\$00.

Título — Abrantes — Cidade (Análise crítica).
Autor — Arq. José D. Santa-Rita Fernandes.
Editora — Camara Municipal de Abrantes. Dep. Livraria Portuguesa — Lisboa.
Número de páginas — 177.
Preço — 130\$00.

Título — A Califfa.
Autor — Alberto Bevilacqua.
Tradutor — Branca A. Sucena.
Editora — Estúdios Cor — Lisboa.
Colecção — «Latitude» — 66.
Número de páginas — 278.
Preço — 45\$00.

O ensaísta político

As Obras de Basílio Teles começaram a ser reeditadas agora, mais de meio século volvido sobre a sua publicação. Ele é, como acentua Augusto da Costa Dias, na introdução ao «Do Ultimatum ao 31 de Ja-



Augusto da Costa Dias

neiro», saído na Portugália Editora, «o maior pensador político do movimento republicano português». E Costa Dias acrescenta: «Disse «pensador político». Não disse «político» somente. Isto porque faltava a Basílio Teles a matéria-prima com que nas sociedades de interesses antagónicos se fabrica o «político» de carreira. Falta-lhe, efectivamente — e eis aqui a sua primeira e irremediável carência — a maleabilidade. Não de ordem intelectual. Era toda, e exclusivamente, moral».

Os escritos de Basílio Teles têm lição para os dias de hoje, que não apenas para a época em que foram publicados. O homem austero a sobressair numa geração onde não escasseavam, felizmente, nem a austeridade, nem a inteligência, nem o idealismo íntegro e puro,

avulta cada vez mais à medida que os anos passam. Morreu quase à mingua e recusou tudo quanto lhe ofereceram, nessa recusa intervindo bastante aquela carência de maleabilidade a que alude Costa Dias. E — vamos lá — a maleabilidade é essencial, não apenas ao político, mas ao homem social.

Basílio Teles está na sua obra. Para lhe receber a lição há que consultar os seus livros: «Por ora a primeira tarefa consiste, sem dúvida, em reeditar, de entre os seus livros, os de mais viva actualidade e trazer a público os inéditos — estudos, dispersos ou cartas. Assim reintegraremos Basílio Teles no lugar preeminente que ocupa na Cultura portuguesa e restituí-lo-emos ao tempo que lhe cabe: o nosso e o futuro.»

O Festival Internacional do Livro

A inaugurar em Nice daqui a um ano (exactamente a 31 de Maio de 1969) o Primeiro Festival Internacional do Livro mobiliza já as atenções do mercado especializado e dos departamentos oficiais de todo o Mundo. Especialistas de cinco continentes preparam um programa destinado a definir a situação actual do livro nos sectores da criação literária, produção, distribuição e consumo. «As técnicas audiovisuais não são o concorrente perigoso da leitura, como é comum afirmar-se», declarou Hans Brinkmann, professor de estudos de *marketing* da Universidade de Colónia. «O problema está em que o livro, como indústria, não tem os mesmos apoios de promoção comercial das restantes mercadorias e também no desprestígio que os mestres universitários mais velhos têm criado à literatura, impondo aos alu-

nos cursos sem dinamismo nem actualidade.»

Esta declaração a propósito do Primeiro Festival Internacional do Livro vem acompanhada de uma outra, não menos significativa, assinada pelo prof. Roberto Farnesi, catedrático da Universidade de Milão: «A difusão do livro como bem de consumo essencial depende muito do lugar que se lhe atribui na Escola. Só em raros países e, dentro desses, só em raros estabelecimentos de ensino se cultiva de maneira actualizada o interesse pela Literatura [...]. E é um facto incontroverso que, se a cultura nos nossos dias abandona os clássicos métodos de exposição e de análise, o ensino da Literatura não pode ficar à margem dessa metodologia global. O historicismo e as definições cansaram o público escolar. Os meios audiovisuais, o jornalismo e os

festivais de juventude (como aqueles que se organizam em Liverpool, por exemplo) são preciosos auxiliares na campanha do gosto da leitura.»

Organizado pelo Sindicato Nacional dos Editores e pela Federação dos Sindicatos de Livreiros, o Primeiro Festival Internacional do Livro inclui colóquios a diversos níveis, exposições, um congresso do Pen-Club, uma assembleia de editores, jornadas promovidas pela Alliance Française e conta com a participação individual de escritores, cineastas, produtores de rádio, sociólogos, especialistas de artes gráficas e técnicos comerciais.

Entretanto, no início do próximo mês de Junho tem lugar em Amsterdam o Congresso Internacional de Editores, assembleia de tradições já firmadas onde estarão representadas algumas empresas portuguesas.

O «happening»

(Continuação da página 1)

psychologie». Convém colocar ainda em relevo o facto de uma indelével relação com aspectos novos da problemática musical, respeitantes em especial a implicações de ordem estético-sociológica. E aí se insere toda uma série de pesquisas sobre o valor e o significado do «gesto» e à formulação e realização do «teatro instrumental» por Mauricio Kagel, fundada sobre a «teatralização

do jogo instrumental», forma de comunicação que se situa já num estágio bem próximo do «happening» propriamente dito e que corresponde à crise latente verificada na instituição-concerto e à evolução das relações música-espectáculo.

Elemento primordial do «happening», como do novo «teatro musical» (que não teatro «com música»), eis o

Gesto, com todo o seu poder mitológico; gesto, «signo que se faz expressão» — no dizer

lapidar de Luciano Berio — com toda a sua carga polivalente de valores e sentidos preexistentes, projectando-se lúdica e criativamente em novos valores de criação.

Com este breve artigo pretendi focar algumas das premissas mais significativas sobre as quais se funda uma nova forma de arte e de comunicação — o «happening» — bem como genericamente as suas características basilares.

Colecção AUTORES PORTUGUESES

Acaba de sair :

CASA DE CORRECÇÃO

por URBANO TAVARES RODRIGUES

Incessante procura de novas fórmulas artísticas num escritor de ficção que nunca se renega

Volume de 186 páginas: 30\$00

Outras obras deste autor publicadas nesta colecção:

VIDA PERIGOSA	25\$00
A NOITE ROXA (2.ª edição)	40\$00
UMA PEDRA NO CHARCO (3.ª edição)	40\$00
AS AVES DA MADRUGADA (2.ª edição)	25\$00
NUS E SUPPLICANTES (2.ª edição)	20\$00
OS INSUBMISSOS (2.ª edição)	30\$00
EXÍLIO PERTURBADO	30\$00
AS MASCARAS FINAIS	30\$00
TERRA OCUPADA	30\$00
BASTARDOS DO SOL	30\$00
DESPEDIDAS DE VERÃO	30\$00

Livraria BERTRAND

NOVIDADES



ULISSEIA

RENÉ DUMONT

A FOME

BERNARD ROSIER

FLAGELO DA HUMANIDADE

Uma objectiva antevista do mundo dos próximos decénios através de um alarmante apelo no sentido de se remediar o problema da fome, sobretudo nos países do «Terceiro Mundo».

Col. «Documentos do Tempo Presente»

60\$00

ERNST FISCHER

A NECESSIDADE DA ARTE

Obra de importante teorização estética, este excepcional livro tornou-se já uma verdadeira «obra de consulta» para discussão e compreensão, numa perspectiva realista, dos problemas da arte do nosso tempo.

Colecção «Livros Pelicano»

40\$00

H. G. WELLS

A GUERRA DOS MUNDOS

Um dos mais extraordinários romances de «ficção científica» de todos os tempos, que consagrou Wells como um dos «clássicos» da literatura de antecipação.

Colecção «Sucessos Literários»

40\$00

EZRA POUND

ANTOLOGIA POÉTICA

Um dos maiores poetas do nosso tempo apresentado pela primeira vez em Portugal. Selecção e prefácio do poeta brasileiro Augusto de Campos.

Colecção «Poesia e Ensaio»

40\$00

Editora ULISSEIA - R. Misericórdia, 125-1.ª - LISBOA 2

Baptista por José-Augusto França

Manuel Baptista reaparece numa exposição individual e traz com ele a expectativa de um público de selecção que encontra neste pintor um austero sentido de ver e interpretar. José-Augusto França melhor do que ninguém o disse na apresentação que consta do catálogo e que reproduzimos. E é extremamente significativo que um ensaísta de tão responsáveis exigências escreva sobre Manuel Baptista e sobre ele nos dê uma viva e consoladora certeza.

«—

Há um ano, Manuel Baptista realizou nesta mesma sala uma bela e difícil exposição de composições monocromáticas — todas organizadas dentro dum branco que só a ligeira sombra provocada pela luz razante afluía. Digo composições e digo organização de propósito e bem sabendo que, no jogo da cor única, um e outro valor se definem com dificuldade. Com dificuldade, também: a arte de Manuel Baptista é difícil tanto de propor como de ver, logo negando aparentemente o prazer variado do desenho na exigência igual do colorido.

Digo desenho bem sabendo o mesmo, e igualmente de propósito — tal como escrevo colorido em vez de cor, como seria de esperar.

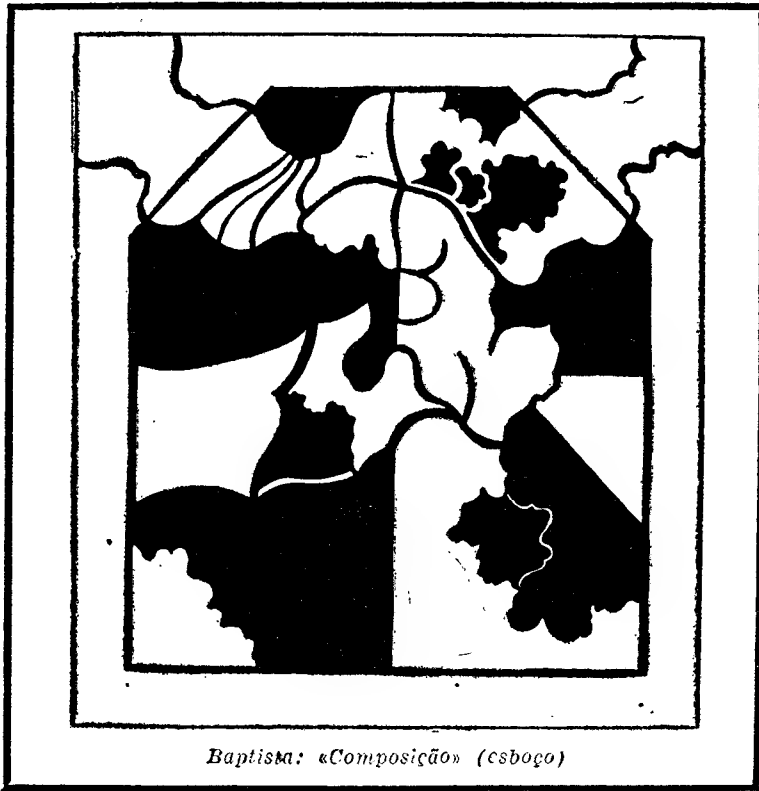
Ora os quadros de Manuel Baptista são organizações coloridas que pelo desenho se compõem. Isto é: vivem uma vida

gerada pela cor, mas dentro dela existem autonomamente e definem essa existência estética através dum desenho que estabelece uma composição formal. A cor, funcionando integradamente no quadro, torna-se colorido, e o desenho, integrado também, ou inserto, em vez de decorar compõe.

É evidente, e nisso pode enganar-se o espectador se tomar o colorido por cor e a composição por decoração, que esta pintura tem um problema, ou dois problemas convergentes.

Por um lado e por outro ela se apresenta decorativa — e por ambos os lados recusa essa apresentação primeira.

Longo se entende esta distinção se nos lembrarmos de que o desenho recortado à tesoura vem, sem dúvida, de Matisse, que também não era decorador, sendo-o embora, depois, por efeito secundário.



Baptista: «Composição» (esboço)

O monocromatismo também tem origens estabelecidas, em Klein, em Reinhardt, ou naquilo a que os americanos chamam a «minimal art» — mas importa aqui reparar que, nestes casos, a cor é um dado absoluto enquanto na pintura de Manuel Baptista ela é um dado relativo e portanto integrável.

Volto a falar de integração — certo de que esta é a palavra mais conveniente para definir uma pintura em que a própria colagem se integra também subtilmente, como valor de textura, valor «matérico», como se fora uma cor apenas mais espessa ou mais brilhante.

Nesta espessura se realiza então o jogo do desenho em que o traço processando-se em relação à totalidade do quadro, é a diferença dos planos levemente distinguidos. Tudo é leve e fino nesta pintura — da cor ao recorte das formas leve e finalmente desenhadas.

... E na festa espirituosa deste «rocaille» irregular e delirante, há uma ilusão que a luz provoca, que sem ela se apaga — uma ilusão que é e não é, conforme quisermos irónicamente saber...

Ronda das galerias

ARCHOTE (Av. da Liberdade, 224) — Artur Bual (Pintura).
BUCHHOLZ (Rua Duque de Palmela, 4) — Helena Almeida (Pintura).
«DIÁRIO DE NOTÍCIAS» (Largo do Chiado) — M. Luz Lindo (Desenho).
DINASTIA (Rua da Escola Politécnica, 183) — Ana Maria Botelho (Pintura).
DIVULGAÇÃO (Rua D. Estefânia, 46-B) — João Hogan (Pintura).
GALERIA 111 (Campo Grande) — Nikias Skapinakis (Pintura).
GALERIA NACIONAL DE ARTE (Praça Marquês de Pombal) — Ribeiro Farinha e Arlindo Rodrigues (Cerâmica).
GRAVURA (Travessa do Sequeiro, às Chagas) — Gravuras da colecção de Manuel Cargaleiro.
PALÁCIO DA INDEPENDÊNCIA (Largo de S. Domingos) — Arte Ultramar.
QUADRANTE (Av. Luís Bivar, 85-C) — Manuel Baptista (Pintura).
SECRETARIADO NACIONAL DA INFORMAÇÃO (Restauradores) — Artur José (Cerâmica); 3 Mil Anos de Pintura Peruana (Pintura), depois do dia 16.
SOCIEDADE NACIONAL DE BELAS-ARTES (Rua Barata Salgueiro) — Maria de Abreu (Pintura); Maria Emilia Barbosa Viana (Pintura).

Desenhos de M. Luís Lino

Na galeria do «Diário de Notícias», ao Chiado, esteve patente uma exposição que valeu bem uma atenta visita. A artista mal passou a casa dos vinte e não deixou ainda os bancos da escola, mas tem maioridade nos 31 desenhos que apresenta. Maioridade e força.

Maria da Luz Dias Lino, ou simplesmente M. Luz Lino, como parece ter querido fixar-se

para as andanças da arte, começou pelo princípio e, nesta sua primeira exposição individual, mostra ensanchas de ir longe.

Os seus desenhos têm movimento e têm ritmo forte, embora as linhas sejam quase sempre cheias de suavidade. Pormenores, torsos, bustos, a figura inteira, dá-nos-las Luz Lino com uma segurança e saber que ultrapassam já muito os exercícios escolares. Sem dúvida, em quase todas as suas obras se nota influência poderosa do seu professor, mas como não se o professor se chama Lagoa Henriques?

São desse mestre as palavras com que Luz Lino se apresenta e ele melhor do que ninguém nos pode dizer que a artista «é sensível à singularidade dum perfil, à eternidade do quotidiano, ao requinte dum pormenor abandonado, e sabe consciente ou inconscientemente «que o homem nunca se banha duas vezes no mesmo rio». Por isso esseleccionar involuntário e inadiável de formas e objectos que reinventa e transfigura».

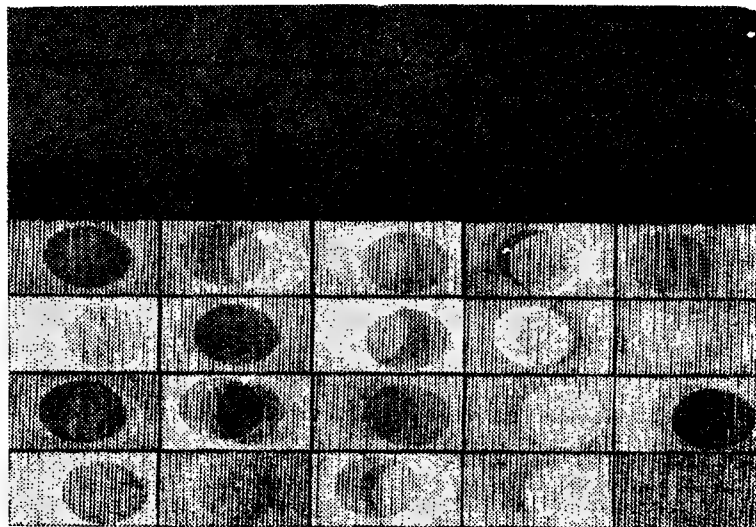


M. LUZ LINO

De Cézanne a Miró

Pinturas universalmente célebres (de Cézanne, Matisse, Rouault e outros) que nunca tinham sido apresentadas na América do Sul contam-se entre os cinquenta quadros europeus que o Museu da Arte Moderna de Nova Iorque reuniu para uma grande exposição sob a insígnia «De Cézanne a Miró» com destino a diversos países do continente. Monroe Wheeler, o orientador do empreendimento, inaugurou no mês passado este certame que teve lugar no Museu Nacional de Belas-Artes, de Buenos Aires e dali passará a Santiago do Chile no próximo mês de Junho.

Sucessivamente, a Argentina e a Colômbia tomarão contacto directo com algumas das obras mais representativas de 50 anos de pintura que abrangem o fauvismo, o cubismo, o futurismo, o expressionismo e o surrealismo. A experiência de Wheeler, como perito na organização de exposições itinerantes, é universalmente conhecida e a ele se devem, entre outras realizações, iniciativas consideradas exemplares, como *Arquitectura Visionária* e *Homenagem ao Quadrado* — exposições que percorreram, com o maior êxito, as capitais da América do Sul.



«Fisiocromia», pintura sintética do venezuelano Cruz Diez (Museu Itinerante de Arte Moderna)



MAGIC CHEF



A mais alta qualidade ao mais baixo preço. Modelos com congelador a toda a largura, de 130, 165, 200 e 250 lbs.
Descongelação semi-automática

MAGIC CHEF

é melhor

Preços desde 3.200\$00

REPRESENTANTES **SABEL** Rua de D. Estefânia, 98/A-LISBOA
Rua de Sta. Catarina, 1209-PORTO

DINHEIRO

PROPRIEDADES
URBANAS
E RÚSTICAS
Juro da lei
RAPIDEZ E SIGILO

SONIPAL

R CONDE REDONDO 14-2º
TELEFNS. 52248-556580

«Hollons»

por Júlio Moreira

As partes de qualquer organismo não devem ser consideradas como porções independentes e justapostas, mas como «holons», ou seja unidades coerentes que são simultaneamente e concomitantemente autónomas (self-assertive) e dependentes (integrative). Assim define Arthur Koestler o vocábulo holons no seu livro *The Ghost in the Machine* (O fantasma da máquina).

São coisas (ideias) que se usam: estruturas contaminadas de mágicas e mágicas já perfeitamente estruturadas, sistemas cibernéticos, feed-backs, conjuntos (matrizes), a parte no todo e o todo na parte, e assim por diante.

Mas é o vocábulo que nos encanta: «HOLON»

O prazer (ou o simples encantamento ocioso) tem sempre a sua razão de ser. É um princípio edonista, etc., mas quem o ache pueril que experimente pô-lo em prática na vida de todos os dias (não temos outra) e depois dirá. Porque razão pois o encantamento gerado aparentemente por um vocábulo de importância duvidosa? Como se terá processado a sua gestação: em

que sistemas interiores à nossa carne (comum) terão corrido os dados imponderáveis que permitiram a síntese instantânea da sua criação no plano da consciência do Sr. Koestler?

Os psicanalistas alertados pelas vibrações audíveis das estruturas do universo, e em particular pela linguística, em breve deixarão os clientes semiabandonados aos cuidados das empregadas de consultório, para se dedicarem a fundo a uma nova disciplina que se anuncia: a psicanálise dos vocábulos.

HOLON virá talvez a ser considerado, no futuro, como o exemplo dos vocábulos psicopatas, onde tensão da libido, complexos de Édipo, vergonhosos narcisismos, e todo um cortejo de terríveis taras consequentes venham a ser descobertos.

O facto inelutável das palavras existirem em nós e nós nas palavras, a relação de unidades coerentes, simultânea e concomitantemente self-assertive e integrative, que talvez exista entre nós e as palavras como partes (holons) constitutivas de um todo mais ge-

ral, leva-nos a admitir que as psicoses e as taras das palavras possam, de certo modo, determinar em nós psicoses e taras que lhes correspondam. A natureza dessa relação será talvez o objecto de uma das disciplinas mais importantes do futuro.

UBU AGRILHOADO

— Vamos, Mãe Ubu, prende a ponta da corrente da nossa coleira no anel de ferro do vestíbulo, e pendura nas escadas o antigo cartaz: CUIDADO COM O CÃO. Vou morder e pisar quem tiver a audácia de entrar aqui.

O pai Ubu (Agrilhado no momento desta decisão), antevia talvez já o advento desses tempos em cujo limiar nos encontramos hoje, e evidentemente procurava opor-se. Mesmo sem o conhecimento da personalidade deste pai de todos chamado Ubu, facilmente se percebe o sentido separatista da sua atitude, a recusa da entidade ou facto ou condição «HOLON».

É ainda a mesma intuição premonitória que o leva a gritar à sua fiel companheira:

— Uma vez que estamos no país em que a liberdade é igual à fraternidade, a qual só é comparável à igualdade da legalidade, e como eu não sou capaz de fazer como toda a



gente e tanto me faz ser igual a toda a gente, como de qualquer maneira acabarei por matar toda a gente, vou-me fazer escravo, oh Mãe Ubu!

A repulsa pela condição de HOLON afirma-se neste caso de duas maneiras: a aceitação passiva de uma dependência (integrative) — da dependên-

cia máxima da condição humana; e a oposição voluntária, a afirmação de autonomia (self-assertive) quem sem recusar a anterior (prende a ponta da corrente, etc.) a supera pela acção (vou morder e pisar, etc.).

A revolta vaga e inconsciente contra a condição (?) de HOLON (futura), é já também um reconhecimento da sua actualidade. Encantamento (da nossa parte), repulsa (do pai Ubu), serão caminhos divergentes que partem da tomada de consciência, ou simplesmente face e reverso da mesma subjectividade (ver nos dicionários filosóficos «inconsciente colectivo», C. G. Jung, etc.). Não nos parece possível encontrar resposta para esta interrogação capital no plano da razão. Vamos tentar o das analogias automáticas.

O PRIVILEGIO DOS ESCRAVOS

Reservada na Antiguidade aos escravos e aos estrangeiros, a tortura foi ganhando terreno com o decorrer dos tempos: os homens livres suspeitos de crime deixaram de se encontrar ao abrigo. Em

Comédia de um homem só

por Vergílio Ferreira

III — AS QUESTÕES (a)

Eis porque é tocantemente divertido o gracejo do nosso homem a propósito do meu «equilíbrio anterior». Aliás, e como já sugeri, de todos os estruturalistas o que lhe é mais suspeito julgo ser Michel Foucault — precisamente *aquele de que me ocupava*. Isto quer dizer talvez alguma coisa — e não será pois por acaso que *Les mots et les choses* é de longe a obra estruturalista que mais pessoalmente me importou. Mas porque é que foi justamente esta obra que centrou todas as atenções? Uma razão de belo gáudio para o desembaraçado articulista foi que eu cometesse a «proeza» de escrever dezenas de páginas sem sequer aludir à básica distinção entre «ciência» e «ideologia»; mas logo depois, por uma tração do seu alvoroço, descaí-se em rósea infantilidade ao dizer que não era isso que interessava a Foucault. Ora como não era isso que interessava a Foucault e era de Foucault que eu falava, eu devia ter falado daquilo de que não falava nem interessava a Foucault. Isto é claro e inteligente. E no entanto, foi pena que o nosso inquisidor não tivesse insistido em reflectir no desinteresse de Foucault sobre tal distinção. Porque bastava ler o respectivo capítulo para concluir não haver afinal para tal autor uma distinção drástica a fazer entre precisamente a ciência (de que se ocupou) e a ideologia (de que não).

As ciências humanas para Foucault não existem, porque o homem é uma ficção. Assim, elas procuram constituir-se através de «modelos», entre os quais o da economia. Mas como tais modelos se incluem na episteme moderna, eles são exigidos pelo Sistema, não significando portanto nada de privilegiado fora dele.

Eis porque a razão fundamental de não aludir à famosa distinção é que para as ciências humanas, pelo menos

(que são as que de facto me importam) — se isto não irrita muito o nosso estruturalista — eu não consigo demarcar verdadeiros limites. E eis que, apesar do que referi, Eduardo Prado Coelho sorriu. Porque eu não só ignorava ontem que existissem as «ciências humanas», como ignoro agora a drástica medida secativa a que foram sujeitas — e que deviam pôr em causa Foucault. Que o rispiado jovem racione a sua cólera, porque há mais quem precise. É que as ciências humanas E. P. C. surripou o «humano». Assim lhes cortou os viveres, secando-as de inanção — e o «humano» é agora um excesso como a «pedra» na excelência e conhecida «sopa de pedra». Há relações, há produção. Mas o agente de tudo isso é um abstracto boneco de lata. Considerando, porém, as ciências humanas com o «humano» lá dentro, como outros atrasados da minha estirpe persistem em considerar (entre eles Plaget que recentemente protestou contra o carácter «passivo» do Estruturalismo) digamos sobre elas duas coisas; e considerando a ciência como ele a quer, segundo os moldes que lhe receitaram, digamo-las daqui a pouco.

Como as ciências humanas, para ambicionarem ser ciências, têm de resolver o problema de uma coincidência total entre o sujeito e o objecto — e desde um Wundt e particularmente num Dilthey se separaram das da natureza — um Goldmann esfalfa-se a tentar resolvê-lo. Mas nem toda a gente foi amável em acreditar. S. Doubrovsky, por exemplo, não se deu por convencido e em páginas brilhantes mostrou que nas ciências humanas, havendo apenas uma «identidade parcial entre o sujeito e o objecto da investigação», é isso infelizmente um mal irremediável. Do mesmo modo um J. M. Auzias acha que as ciências humanas «se tornavam importunas», por serem apenas «conjecturais», sendo pois

postas em causa pelo estruturalismo, enquanto «só a linguística possa rivalizar com as ciências da natureza». Lucien Sebag, porém, mais malcriado, diz esta coisa grosseira por exemplo da História e é que não é «científica» (no sentido «forte» do termo, que é o que deveria importar ao nosso enérgico estruturalista se ele ainda se interessa pela História) porque entre a causa e o efeito se incluem mil factores determinantes que só um espírito supra-humano poderia conhecer. O que é um contratempo, porque esse espírito supra-humano já está definitivamente na posição horizontal.

Eis porque, se para Foucault há em cada época um Sistema inconsciente que orienta o sa-

mem, como garantir-se validade universal e progressiva à ciência? Como evitar que tudo se coordene dentro do Sistema, o que é ciência e o que é ideologia? Foucault evitou a questão das ciências «de rigor» como as Matemáticas, segundo a objecção de Amyot, a que E. Lourenço se refere. Mas não a evitou Spengler. Onde, pois, em Foucault, uma escamoteação pouco limpa, ou, concordando com Spengler, um «relativismo» que atinge as maiores evidências — de que as ciências humanas, com ou sem o «humano» lá dentro, estão a grande distância. Para o excelente E. P. Coelho, o Estruturalismo é uma «ciência» — e por isso é que ele quis chamar-me à pedra. Mas além do subjectivismo acentuado por uma colaboradora de *L'Esprit* (e a que fiz referência) para o estruturalismo de Lévi-Strauss, e que altaneiramente E. P. C. passou em salvo, um Lucien Sebag, já referido, e que também acentua no Estruturalismo a *rejeição historicista da História* «como progresso contínuo» — como a proclama Derrida! — afirma categoricamente a formação de uma «ideologia estruturalista» que apregoa o «fim da razão dialéctica e humanista». Porque é que o nosso homem, em vez de perder tempo comigo não propõe a Lucien Sebag uma conferência a alto nível? Ele não perderia tempo com a segura da minha ignorância; e eu não me ralaria tanto com a sua maníaca doutorice. A mesma ideia, aliás, a encontramos em Jean Pouillon quando nos diz, a propósito de Lévi-Strauss, que a situação do observador «determina a sua compreensão do observado» compreensão essa que, «por mais puramente etnográfica que se pretenda, nem por isso deixa de ser um dos múltiplos factores que fazem pressão sobre a sociedade estudada para a integrar, mesmo negativamente, num universo comum». A mesma ideia a encontramos também num H.

Lefebvre quando nos fala da «ideologia reinante: o feiticeiro da coerência, da forma e da estrutura», ou quando, talvez mais drasticamente, nos diz que «o dogmatismo da estrutura (...) vai dar a um idealismo assaz espantoso». De tudo isto, como é óbvio, o nosso estruturalista jamais nos disse palavra. É todavia absolutamente necessário que faça um esforço e que pense. Mas afinal, que edificante ciência é essa de Lévi-Strauss? Porque ele diz coisas temerosas como estas: «não há razão para termos em dúvida a eficácia de certas práticas mágicas» — e dá exemplos divertidos: «não há razão para duvidarmos de que os feiticeiros, ou pelo menos alguns deles mais sinceros, não acreditem na sua missão», sendo tal crença fundada «na experiência de estados específicos»; «nada se parece mais com o pensamento mítico do que a ideologia política» — com que razoavelmente concordo, mas que retirará ao nosso homem algumas razões para me maçar. E que dizer do que ele pensa da História? Porque basta que ela se afaste «para deixar de ser interiorizável e perca a sua inteligibilidade, ilusão que se liga a uma interioridade provisória. Mas que nos não obrigue a dizer que o homem pode (...) desprender-se dessa interioridade». E se isto não basta, é ler toda a surra que ele aplica a Sartre (cuja *Dialéctica* lhe é apenas um elemento para o estudo da «mitologia do nosso tempo») em que há coisas inconvenientes como estas: «cada facto histórico é só em hipótese o que «realmente» se passou e recobre (...) uma multiplicação de movimentos psíquicos e individuais e assim é o historiador «que o constitui por abstracção» de modo que a História «não é jamais História, mas História para». Acossado decerto pelos escandalizados do lado de lá, bem quis Lévi-Strauss safar-se: no posfácio a *Race et Histoire*, Jean



Foucault

ber (e o fatalismo disso — como o de todo o Estruturalismo — o pus em relevo e um Lefebvre também, ao que E. P. Coelho devia responder), o qual saber varia por «saltos» de época para época (como para Derrida também) e se o Sistema não veio do céu, mas se gerou dentro do próprio ho-

Nancy, uma vez e sempre

princípio, os magistrados e os padres estavam dispensados da tortura, bem como um certo número de pessoas, entre as quais figuram: as mulheres grávidas ou menstruadas, as amas e as crianças; os decrepitos, os maníacos, os loucos e os melancólicos; os surdos-mudos e os epiléticos. O bom médico Teichmeyer, que exercia por volta do ano 1720, juntava a esta lista todas as pessoas apresentando sinais de feridas antigas, de fracturas, de úlceras, de escrófulas e de obesidade. (Roland Villeneuve, *Le musée des supplices*, Editions Azur, Paris, 1968).

O ambíguo mistério do suplicio, a sua duplicidade de atracção — as massas apreciam sempre os sacrifícios humanos em honra dos deuses, dos reis ou dos príncipes (obra citada, pág. 17) — e de repulsa? — ocorreu-nos ao meditar sobre o estranho comportamento do pai Ubu, o qual por sua vez nos ocorreu como ilustração da pré-existência do conceito de «Holon» antes da sua definição pelo Sr. Koesler. É a este conceito que va-

(Continua na página 6)

O Festival de Nancy tem para o público universitário, e, inclusivamente, para o português que nele já se fez representar, uma ressonância especial. Este ano, porém, o estatuto foi alterado. Em vez de ir recrutar exclusivamente agrupamentos de teatro escolar, o 6.º Festival de Nancy alargou-se a todas as companhias de jovens, estudantes ou não, e aumentou os locais de exibição. Durante dez dias consecutivos, das 5 da tarde às 2 da manhã, representou-se em todas as línguas e em todos os locais onde um palco pôde ser montado: anfiteatros, cinemas, cafés-teatros, ginásios...

Vinte companhias do continente americano e grupos dramáticos dos diversos quadrantes da Europa deram a milhares de espectadores as diversas cores do gesto e da voz.

Silêncio, imobilidade, espectros da acusação — eis os actores da companhia nova-iorquina «Bread and Puppet Theatre» que apresentaram *Fire*, uma das peças mais aplaudidas do festival. Peter Schuman, o grande do agrupamento com as suas marionetas e as suas máscaras gigantes (no estilo



Nancy: festival para o Bread & Puppet Theatre

dos «cabeçudos» das nossas feiras nortenhas) veio das ruas de Manhattan, trouxe de lá essa experiência de teatro ao ar

livre para deslumbrar a população e os visitantes de Nancy. Por seu turno, o Brasil enviou o Teatro Oficina, de São Pau-

lo, com uma peça de Osvaldo de Andrade e é curioso assinalar que o acolhimento que lhe foi dispensado provém em larga medida do triunfo anterior obtido naquele mesmo recinto pela *Vida e Morte de Severina*.

Por seu turno, o «Studio de Amsterdão» trouxe duas peças dum autor de 28 anos, Lodewijk de Boer, cujo texto é enriquecido por uma partitura musical da autoria do próprio dramaturgo. Recurso às técnicas cinematográficas e estereofonia aplicada são os princípios em que assentam cinematograficamente as duas peças apresentadas — *Darts* (Os Dardos) e *O Sínodo dos Mortos*.

Compreensivelmente em tão vasta e variada concorrência, Nancy, babel do teatro jovem, é um caleidoscópio em que os estilos mais polarmente diferenciados tomam em princípio as galas da publicidade. As três companhias mais em foco usufruíram dessa condição, mas outras, para além da brasileira, da norte-americana e da holandesa, começam, passado o primeiro impacto, a ser analisadas com particular atenção. Talvez — quem sabe? — esteja nelas o troféu do Festival...

Pouillon, que é insuspeito, não lhe dá a absolvição. (Aliás, um Althusser também se não entusiasma muito com ele — e é ver *Lire le Capital*, II, pp. 155 e segs. E que nos diz H. Lefebvre sobre o mesmo Lévi-Strauss? Pois diz-nos que «desde o começo da sua carreira científica ele conduziu o ataque simultâneo contra a noção marxista de História e contra a História como ciência» — como pode ler-se em *Position: contre les technocrates*, p. 74).

Mas foi porque em Foucault se admitiu que a ciência tinha pés de barro, que A. Badiou o acusou de se ocupar de «pseudo-ciências» e não da Ciência, com maiúscula, que naturalmente era a dele. E no entanto, esta mesma se perturba em face da negregada «ideologia». Como num pobre canceroso, é muito difícil praticar o «corte epistemológico» para separar a carne sã e «científica» da suspeita e «ideológica». Porque é a «ideologia» que indica a «ciência» o seu objecto, lhe é necessária, ela está longe, para um Althusser (ver *Pour Marx*, p. 239) de ser um opróbrio a rejeitar com o desdém que tem por ela o científico jansenista. E. P. C., ela é o modo prático, efectivo de a ciência se revelar. É preciso ler Althusser para se ver como a ideologia, como uma praga, se insinua ou invade de um modo avassalador quase todo o viver e pensar. Que se passa então com a grande Filosofia implicada na Ciência, a Teoria com maiúscula que se identifica com o Materialismo Dialéctico? O que se passa é isto: segundo Badiou, no artigo em causa (e que eu já citara a propósito de *Blow-Up*) «o Materialismo Dialéctico arrisca-se a ser muito simplesmente a ideologia de que o Materialismo Histórico tem necessidade». E é isto. Como sair do jogo da cegueira? E será necessário frisar o que há de pessoal na interpretação de Marx como de uma Bíblia? Eis dois Marx a

escolha de quem quiser: um, o da *Santa Família* diz que «a História não faz nada, não possui grandes riquezas nem trava batalhas. Bem ao contrário é o homem; o homem real e vivo que faz tudo, que possui e que combate (...) A própria



Lacan

História não é nada senão a actividade dos homens perseguindo os seus fins — e quanto a mim, prefiro este; outro, o do Prefácio à 1.ª ed. alemã de *O Capital* diz que «o meu ponto de vista, segundo o qual o desenvolvimento da formação económica da sociedade é assimilável à marcha da natureza e à sua história, pode menos que qualquer outro tornar o indivíduo responsável das relações de que ele é socialmente a pessoa, faça ele o que fizer para disso se libertar» — e este não me entusiasma tanto. Por sobre tudo, porém, é irresistível perguntarmo-nos porquê a inclusão nas «ciências humanas» — se existem — de uma ciência onde o «homem» não existe. Replicar-me-á P. Coelho, o douto, que tal «homem» está lá. Talvez. Mas não mais do que, por exemplo, no domínio da fisiologia. De qualquer modo, porém, haverá conveniência em distinguir nas «ciências humanas» aquelas em que o «homem» está lá dentro, a agir, daquelas em que está cá fora, a assistir.

Porque é cá fora que ele está, mesmo que o digamos lá dentro. Eis a razão fundamental, suponho, por que o Materialismo Dialéctico não tem só um padre para o pregar. Porque é que eu hei-de ir à capela de Althusser e não por exemplo à de um Goldmann? Entremos para ouvir — e eis que o ouvimos: a razão não basta em domínio algum, mesmo no da «investigação científica»; de um ponto-limite, «toda a filosofia é uma antropologia» (e não esqueçamos como ele ficou a transpirar com as «ciências humanas»); o marxismo é uma «fé»; o credo ut intelligam é o «fundamento» do próprio marxismo; o marxismo é uma «religião sem Deus». (Muito bem. Mas e se a gente já estiver desabituada de ir à missa?) Não discutimos a verdade ou erro de tais afirmações (há mais em *Le Dieu Caché*); queremos apenas frisar que não é um sujeito qualquer que de brevírio na mão tem o direito de nos vir maçar. Eis porque rasamente para o já citado Doubrovsky, crítica ou filosofia, sem excepção portanto para qualquer uma, mesmo aquela que segundo Althusser, Marx fez passar do estado ideológico ao científico, «fazem parte, explícita ou implicitamente da ideologia segregada por cada época». Mas acaso o bom do P. Coelho estará convencido de que pelos séculos dos séculos a humanidade (pode dizer-se «humanidade»?) vai ficar a papaguear o seu Estruturalismo ou qualquer outra «ciência» da sua escolha? Estará ele convencido de que os que vão por outras cartilhas são por força ignorantes ou imbecis?

Mas que pensa afinal sobre o assunto o nosso prodigioso P. Coelho? Pois pensa que Barthes reflectiu «com lucidez», ao declarar que toda a «escrita», (não sei se concebida como vulgarmente se concebe, se de outro modo qualquer, o que pouco adianta) tem uma cono-

tação ideológica, seja marxista ou existencialista, dado que «nenhuma linguagem é inocente» (*Comércio do Porto*, 27-6-67). O que perfeitamente admitimos, mas dá uma linda salada. É uma salada que se avinagra até ao asco em declarações recentes de E. P. C., a propósito de certo escrito seu sobre o Belo — e em que a «verdade» de Heidegger se dá como variante do «realismo» dele, articulista! (Mas estará ele nos seus cinco sentidos? Faria ele idela da gravidade do que diz em nome do seu neo-realismo? Imaginará ele, o leviano, como fica atascado até ao pescoço em Heidegger com tão peregrina afirmação?) Apertado por um seu contraditor que lhe demonstrou, pelas próprias regras dele, o que havia de «ideológico» no seu «realismo», que o chefe de fila queria «científico», Eduardo Prado Coelho, habituado a laranjinha sem pesos na consciência, confessa tranquilamente que passou o «realismo» de contrabando, por ser essa «a única atitude correcta, pelo menos entre nós». Ora não é bem assim. Embora abundem



C. Lévi-Strauss

de facto entre nós, e prosperem, os contos do vigário, eles ainda fazem de vez em quando as suas estadias no Limoeiro. Explicar-lhe eu, pois, a diferença entre «ciência» e «ideologia»? A ele que as confunde descaradamente? Explique-no-

-la ele a nós e tire disso radicalmente todas as conclusões — sem receio de contratempos.

Regressando porém a Foucault (que é um pesadelo para o meu despachado antagonista), que o seu projecto tenha pois sido outro que não o da famosa distinção, é deplorável de um ponto de vista para o qual tal distinção é necessária — como tem de ser o do agüerido pedagogo. Mas esse Foucault é um desmancha-prazeres. Queriamo-lo não heideggeriano, e é heideggeriano; queriamo-lo científico e só se entende com «pseudo-ciências»; queriamo-lo «racionalista» e só se entende com o «inexplicável»; queriamo-lo «materialista» e prega uma partida a Lévi-Strauss; queriamo-lo marxista, e arranjou um belo sarilho com afirmações inconvenientes. Um José Luis L. Aranguren, aliás, rasamente classifica a sua doutrina como uma «metafísica neocientista e estruturalmente determinística» (*El Marxismo como moral*).

Há vários estruturalismos — corrige-nos o rabujento inquisidor. Muito bem. Mas então se nem sequer moram na mesma rua, para que os dizemos vizinhos? Se o Estruturalismo não é uma doutrina, não se percebe porque se lhes dá o mesmo rótulo, a não ser por economia de tinta. Não. O que se passa é mais simples. O que se passa é que o bom do P. Coelho não teve tempo ainda de tomar nota de que só há «divergência» porque há «convergência».

Além de que era de sua estrita obrigação dizer-nos em que «divergem» os vários estruturalistas para sabermos enfim com quem podemos acompanhar.

Ora uma grave afirmação de Foucault era essa em que reduzia Marx a um lugar discreto no séc. XIX. Tal sua afirmação, julgada escandalosa, deve-lhe ter trazido muita

(Continua na página 6)

Festival do Livro Português e Feira Internacional do Livro

— O MOVIMENTO de vendas na Feira do Livro terá reflexos positivos na actividade das livrarias — declarou-nos o editor Francisco Lyon de Castro, a propósito da inauguração do certame.

— A política rigorosa de não se concederem os abusivos descontos ao balcão que reflexos teve no movimento de vendas?

— Inicialmente, essa decisão, que já devia ter sido tomada há muito tempo, prejudicou as vendas. O público, porém, foi-se habituando e hoje a situação pode considerar-se estável. A prática dos descontos afectava grandemente a situação económica dos estabelecimentos livres, que chegaram ao ponto de terem de reconhecer a necessidade de impor medidas rígidas em relação a essa prática.

— Acusa-se a Feira de abuso de rotina, de falta de dinamismo. Qual é a sua opinião?

— Estou inteiramente de acordo com o fundo da pergunta. Há muito tempo que a Feira do Livro não tem a necessária renovação. É verdade que de ano para ano se acentua uma melhoria técnica: pavilhões mais adequados e progresso nas técnicas de venda. Não se verificam, todavia, realizações marginais que deveriam caracterizar o certame. A Feira é apenas um lugar onde se colocam livros à venda.

— Considera que a Avenida da Liberdade é o melhor local para a realização da Feira?

— Nos moldes actuais, parece-me que sim. De facto seria difícil encontrar um sítio que permitisse melhor movimentação de público e maior disponibilidade de espaço. Há ainda que ter em conta o facto de as pessoas se terem já habituado a ver o certame na Avenida.

OS EDITORES PORTUGUESES CORRERÃO RISCOS

— Na Feira deste ano — prosseguiu Francisco Lyon de Cas-

tro — estão representados sessenta editores, alguns deles com mais de um pavilhão. Há quatro anos ainda, o certame contava com a participação de quarenta e poucas casas editoras. Este progresso é, com certeza, devido a dois importantes factores: por um lado, o aumento do público leitor (duas ou três vezes maior que o de há dez anos); por outro lado, a actualização da produção editorial das empresas mais activas. Actualmente os editores estão mais actualizados e mais atentos às necessidades de informação do público. Basta citar, por exemplo, o facto de livros editados em países que estão na vanguarda da produção livreira serem, quase ao mesmo tempo, publicados em Portugal.

— O aumento do público leitor, a que se referiu, é devido fundamentalmente ao crescente interesse da juventude pela leitura, não lhe parece?

— A juventude é uma clientela importantíssima da nova produção editorial. É a sua sede de esclarecimento que determina a importância crescentemente assumida pela literatura de informação, ensaios sobre problemas actuais, livros científicos, filosóficos e técnicos. Observa-se uma nítida regressão na procura de romance e literatura ficcionista. Este fenómeno, que não é novo (pode dizer-se que começou no pós-guerra) atingiu agora a maior intensidade. Os editores estão a tentar acompanhá-lo (tanto quanto o podem fazer) com a consciência de que a juventude pesa extraordinariamente na venda do livro em Portugal.

Ainda acerca da actividade editorial e da necessidade de modernização de processos, que de, ano para ano, se acentua, Francisco Lyon de Castro declarou:

— Há, infelizmente, editores à criação de fundos e à escala que não adquiriram, ainda, perfeita consciência do rumo



Lyon de Castro

que a actividade editorial está a tomar em toda a parte. Nos principais países há tendência para a especialização, por um lado, e a concentração e mobilização de recursos, por outro. As pequenas casas editoras não podem entrar na concorrência que esta nova orientação impõe ou provoca. As editoras tornam-se cada vez mais grandes empresas e o editor é um comerciante que tem de estar atento aos problemas económicos do mundo moderno. Outro fenómeno que está a caracterizar a vida editorial nos principais países é a trans-

ferência das empresas do plano nacional para o plano internacional, isto no que respeita em que os livros são produzidos. Se os editores portugueses não estiverem preparados para a concorrência que lhes vai ser imposta por grandes casas estrangeiras que podem editar livros em português, no Brasil, por exemplo, parte delas não poderá subsistir.

«ENCONTROS» COMO EM GENEBRA

— Referiu-se, há pouco, à Feira do Livro, como uma rea-

lização exclusivamente comercial, e afirmou que ela se devia caracterizar por uma actividade de âmbito mais vasto. Que pensa acerca da possibilidade de organizar a Feira num recinto fechado, com atracções e manifestações tais como um festival musical, um calendário cinematográfico de obras inspiradas a livros de nome, exposições, nomeadamente de artes gráficas, «stands» publicitários de indústrias relacionadas com o livro, etc.?

— A ideia parece-me excelente, e, em certa medida, coincide com uma outra que eu tive e para cuja efectivação dei alguns passos. Eu penso que a Feira do Livro, tal como se apresenta, deve subsistir, porque satisfaz necessidades de venda. Entretanto, poder-se-ia organizar um Festival do Livro português, este sim, em recinto fechado, que constituir-se-ia numa apresentação anual das actividades dos editores relativas a um período de dois ou três anos. No âmbito do festival, e no intuito de estreitar as relações entre autores e público, organizar-se-iam palestras, colóquios, sessões de autógrafos, recitais de poesia, com a participação de artistas de teatro e outras manifestações de carácter cultural e recreativo, como as que citou. Poder-se-ia pensar, também, na realização de encontros de escritores no género dos que anualmente se efectuam em Genebra. Haveria um tema de discussão e as comunicações seriam publicadas em livro. Criar-se-iam também dois prémios literários diferentes. O festival teria essencialmente uma função de propaganda do livro. Parte do produto das vendas (sem desconto) reverteria a favor dos referidos prémios literários e artísticos.

— Que passos já deu para a efectivação dessa iniciativa?

— Já falei no assunto à direcção da Sociedade Nacional de Belas-Artes, cujo edifício, reúne as indispensáveis condições para o efeito.

A ideia agradou à direcção, que está disposta a dar-lhe o seu apoio. O festival dever-se-ia realizar em época diferente daquela em que se efectua a Feira do Livro: nos meses de Outubro ou Novembro. O seu período de duração seria de três ou quatro dias.

Além da iniciativa do Festival do Livro, susceptível de alterar profundamente a vida do nosso meio editorial, pelo seu estilo e pelo alcance que possui, o editor dinâmico que é Francisco Lyon de Castro tem uma outra ideia, não menos arrojada: uma Feira Internacional do Livro, em Lisboa.

— Há muitos anos que defendendo em reuniões no estrangeiro — declarou — a realização em Portugal de uma Feira Internacional do Livro, concebida em moldes idênticos aos da Feira de Frankfurt e que permitisse a apresentação das principais produções das línguas mais divulgadas em Portugal: o francês, o inglês, o espanhol, o italiano e, naturalmente, o português. Para este certame seria ideal o recinto da Feira das Indústrias. O presidente da União Internacional dos Editores, Storer Lunt, com o qual já troquei impressões acerca deste assunto, apóia inteiramente a ideia e considera que Lisboa reúne condições excepcionais para o efeito. Estou convencido de que tal iniciativa, a realizar fora do período da Feira do Livro e do Festival do Livro, teria os melhores reflexos na produção editorial portuguesa.

Comédia de um homem só

(Continuação da página central)

insónia. De modo que teve de fazer uma autocritica. Que faz o nosso homem belicoso? Riposta-me com tal autocritica — que eu, aliás, já conhecia — sem reparar que se ela existiu (posteriormente como é de ver, ao meu escrito) foi só porque a sua afirmação não podia ser interpretada senão como foi por mim. E eis porque Pierre Daix o condena no texto e lhe dá a absolvição na nota. Mas que nos diz Foucault na sua palinódia? Pois diz-nos que os conhecimentos de que fala os encara «fora de todo o critério que se refira ao seu valor universal» — sendo esse valor que justamente deveria interessar; e que procura deter-

minar o seu fundamento, o campo «epistemológico» — que é exactamente o metafísico Sistema sem explicação. Quanto à autocritica de Foucault a propósito de Marx, o que nos diz é que Marx não escapa ao seu tempo nas análises económicas; mas que pode supor-se (supor-se...) que Marx introduziu na consciência histórica e política dos homens um corte radical, estendendo-se essa radicalidade à teoria marxista da sociedade. Ora nas análises económicas é que para Althusser ele constitui a «ciência»; e o domínio político — entre outros — é que é o domínio da «ideologia». O que é uma pena. Eis porque Foucault acentua vivamente o que o separa de Althusser. En-

tre um e outro, com efeito, há «uma diferença evidente: ele emprega a expressão *corte epistemológico* (sublinho) a propósito de Marx (e Foucault afirma) inversamente que Marx não representa um corte epistemológico». É pequena a diferença? Mas é quase tudo... Assim pois, tudo isto é muito problemático. Foucault promete-nos um livro de resposta a todas as objecções.

O melhor será pois aguardar, para depois nos entendermos. A justificação de Foucault é intrigante. Se ele pesquisou num domínio que pretendia mais rigoroso e neutral que a própria Filosofia, era de Ciência que de facto se ocupava. E então calmos nisto: ou tal ciência é puramente epocal,

sem progresso, determinada pelo inconsciente e metafísico Sistema — e nesse caso o livro dele está certo e a Ciência tem o rigor de uma qualquer ideologia (que é, aliás, também «inconsciente» segundo Althusser); ou a Ciência progride, é de facto rigorosa, não está sujeita aos acidentes epocais — e nesse caso ela é exacta e o livro de Foucault tem o interesse de um livro de anedotas. Esperemos portanto que ele se justifique e não nos antecepmos. A menos que E. P. Coelho já saiba o que ele vai dizer. E que no-lo comunique.

VERGÍLIO FERREIRA

A seguir:

III — AS QUESTÕES (b), seguidas de um
IV EPILOGO

«Hollons»

(Continuação da página central)

mos regressar após estas digressões pelos domínios oferecidos à nossa atenção pelo acaso das livres evocações, tendo sempre em atenção as reservas do bom médico Teichmeyer quanto à extensão dos domínios da tortura (ex.: obesos).

HOLONOLOGIA

A *Arvore da Ciência*, após o grave acidente que nos deu

origem, não parou de crescer e de ramificar-se. O tempo em que os sábios eram em número de 7 na Grécia (e poucos mais haveria no resto do Mundo), já lá vai. O seu número hoje é ilimitado, ou pelo menos indeterminado.

Não nos parece, nestas condições, impossível, que o alicante conceito de Holon, além de desencadear o desenvolvimento da psicanálise vocabular, venha ainda a constituir um ramo distinto de conhecimento a que chamare-

mos provisoriamente Holonologia.

A nossa esperança na Holonologia consiste neste facto: admitimos — ainda que nos fosse impossível fundamentar esta hipótese em termos científicos — que a Holonologia virá a permitir, mediante a auscultação de sintomas, prever a ocorrência de massacres e suplicios, como hoje se prevêem na medicina, em casos de etiologia conhecida, certas diarreias, trombozes, caquecias, etc. Admitimos também que como *unidades correntes*

viremos a encontrar nas nossas reacções de repulsa ou encantamento perante as doenças do organismo mais geral ao qual pertencemos como *partes simultâneas e concomitantemente autónomas (self-assertive) e dependentes (integrative)*, uma verdadeira identidade; identidade que se exprime hoje, no plano do nosso comportamento, por uma incapacidade de escolha deliberada entre as situações de carrasco e de vítima.

JULIO MOREIRA

O que nos é...

(Continuação da página 8)

que escaninhos secretos) o Elói de João Gaspar Simões — um Elói que fosse romance sem cabeça (e não numa cabeça, como pretendeu ser) —, ora antecipa a *Invenção dos Dias* de José Gomes Ferreira — uma *Invenção dos Dias* que não sei ainda o que será, mas que não poderá ser nunca a *anulação significativa* que esta é —, ora nos põe em incessante confronto com o que nos é: na política, na literatura, na música, na arte, no amor. Tudo isso (e já a esquecer-me o *Voo sem Pássaro dentro* de Adolfo Casais Monteiro) reamalgamado por uma ironia subtilíssima que qualifica o inefável e faz do pó dos caminhos um *in memoriam* em que fundo e forma se têm com indizível harmonia. «Quinteto *ex-aequo*» — *chamará* eu, paradoxalmente, à música que lhe ouvi.

Lendo-o, algo me perpassou também na memória de Alda-Aida de Vergílio Ferreira. Mas uma Alda-Aida emancipada, que usa o telefone como máscara de comédia, — para com ele tecer o fio inexorável dum destino: «Nunca deixo de pensar: era-me impossível viver com outro homem, impossível, impossível... Infantil, não é? Porque seria possível...». A escola do *fingir é conhecer-se*, que a todos nos marcou, faz da vida íntima uma porta aberta a que se simula bater para enfim dizermos: não está ninguém em casa. É Maria dos Remédios — a Alda-Aida dum passado-presente — quem (supostamente) mais arrisca e ousa, aventurando-se a destruir o que aventurosamente criou. E quem mais pertinentemente comenta: «é espantoso que seja muito mais cómodo ser infeliz do que feliz».

Essa atenção ao que há de positividade futurante na mulher de hoje é uma das forças mais poderosas da obra de Abelaira. E é ela que faz do próprio bolor um amanhã. Entre a vida encarada como drama e a que o «mundo esvaziado pelo hábito» artificializa, a Itália recompõe-se como símbolo, agora circunscrito a Pisa — a da Torre inclinada mas estável e a do Pisanello do fresco de Verona, cuja ausência de lógica pictural «é uma acumulação inorganizada de coisas, o quarto mal arrumado de quem tinha muito que dizer mas era incapaz de o dizer com princípio, meio e fim. E o que daí resultou! Dessa incapacidade nasceu a poesia do todo!». As verdades fulminantes têm sempre porta-voz feminino (real ou suposto), como na pág. 165. Mas é isto, também, uma «auto-ironia corrosiva» que imobiliza o filme (como Antonioni) num grande-plano abstracto, para melhor dizer, quando o pingue-pongue se «ouve»: *eppure si muove*. «As vezes olho para o mundo — diz uma das mulheres à outra (ou é suposta a dizê-lo) — como se o mundo permanecesse imóvel, não te sucede o mesmo? Sei que não... Sei que na minha adolescência escrevia com caneta

de tinta permanente e não com esferográfica, lembro-me até do dia em que pela primeira vez vi uma esferográfica.»

A ubiquidade pela qual o ente busca o ser, subsumindo-se como sujeito, e tende ao «adultério», até com a própria mulher (como a pág. 130), não é equiparável a nenhum *nós*, pois *nós* seria também sujeito e (ainda não o é, ou é-o tão evasivo e elástico que em *flatus vocis* se torna. Todavia, isso é um entre-parêntesis consentido, apenas: «Aquilo em que acreditamos está em crise de aburguesamento, não é? Argumento precioso para não fazermos nada... Nós a esfregarmos as mãos com a crise, porque ela nos dispensa de fazer seja o que for, nos obriga a aguardar... Viva a crise!». O verdadeiro real não está nas palavras que intentam substituir os olhos, o nariz, os ouvidos, os sentidos — e apenas os significam. Não se chega à ubiquidade ou ao niroana só porque se pode mimar que «os nossos diálogos gozam da propriedade comutativa, são intermutáveis, se onde está eu (puder) estar indiferentemente ele». E isso porque a verdade é a matéria, verdade tão indestronável que até um paradoxo a revela: «As palavras, as trocas de palavras, são menos pecadoras — (ah, a noção de pecado!) — do que os gestos, os afagos? Não acredites... Não são inocentes, e se há crime nos gestos também o há nas palavras: elas são o substituto dos gestos». Eis assim que todo esse mimo é evasivo dum dilema básico: «Em que espécie de outro homem deveria eu transformar-me para que os anos seguintes não fossem a simples continuação dos anos anteriores?». Mas é, do mesmo passo, amplificador dele, não como *blow-up* abstracção e inerte: como estrutura que perturba... e remexe! «Que farias tu de ti, desse homem novo? Para que serviria ele? — pergunta Maria dos Remédios. E eis que um novo personagem aparece, *no meu exemplar*, — o que corrigiu a última frase, pela mão de Abelaira, tornando-a assim: «Para que te serviria ele?». Eis aí o pequeno «eu» que algo pode: emendar uma errata, por exemplo; ou escrever um grande romance, como este é. Romance que me perturbou profundamente, como é próprio da grande arte, e que só a reflexão englobante logrou aplacar. Para fazer o que faz a *Guernica*, ou seja mostrar que «até de um bombardeamento horrível se pode extrair beleza» que, ao fim e ao cabo, «não inquieta ninguém?»

FACO a biópsia e, entretanto, penso (finalmente me lembro): é o maior romance dos últimos tempos. Porque pensaria eu em tal coisa (com biópsia ou não) se a arte fosse inútil? Queiram-no ou não, esta página «115» é minha.

MÁRIO SACRAMENTO

Sociologia

Um jovem e reputado sociólogo italiano, Umberto Melotti, acaba de publicar *Sociologia da Fome* (ed. Casa Editrice La Culturale, Milão) que se segue a *Fome e Sottosviluppo*, o «best seller» que chamou a atenção dos especialistas para este investigador.

Na *Sociologia della Fame* (título original do volume) Melotti, depois de analisar as formas específicas da carência, traça um largo e objectivo panorama do Terceiro Mundo equacionando o problema no conjunto das estruturas socio-económicas.

«O tratamento desigual que actualmente se pratica na dis-

tribuição internacional das receitas é uma ameaça à paz», escreve o sociólogo. «Não é por acaso que todas as áreas de mais pesada tensão internacional se dispõem ao longo daquele imenso arco que divide em três continentes os países da abundância dos países da fome. Uma situação que atribui a dois terços da população da Terra apenas 15 por cento da receita mundial e que reserva a uma quarta parte da humanidade 75 por cento das receitas globais é, evidentemente, uma situação que põe em perigo a paz e que as belas palavras das assembleias internacionais não podem resolver.»

Publicados recentemente:

Elites in America

por Seymour Lipset e Aldo Solari

Dois sociólogos, um norte-americano e um uruguaio, desenvolvem uma documentada análise das elites em certas áreas das Américas. Os movimentos camponeses, as «upper classes» religiosas e o industrialismo de vanguarda são pontos em foco destacados na obra.

— ed. Oxford University Press

Reflections on Latin-American Development

por Roberto Oliveira Campos
prefácio de Benjamin Higgins

O pan-americanismo e a «Aliança para o Progresso» estudado por um dos especialistas de maior audiência no governo do presidente Castelo Branco.

— ed. Austin & London.

Chebika

por Jean Duvignaud

As singularidades do terceiro mundo observadas num ensaio experimental realizado na Tunísia.

— ed. Gallimard

Les Fonctions Sociales du Sacré

por Marcel Mauss
prefácio de Victor Karady

O 1.º volume das obras completas de um mestre da sociologia francesa.

— Editions de Minuit

Boom Town in Angola

por Bloom Murray Teigh

Nova Lisboa em dez anos duplicou a sua população e, de entroncamento ferroviário, transformou-se num importante centro industrial africano.

— ed. The Geographical Magazine

Proust em Cinemascope

Uma superprodução literária como *A La Recherche du Temps Perdú* sugere facilmente as tentações comerciais de uma extralarga metragem para larguíssimos serões intelectuais. A verdade porém é que tudo leva a crer que desta feita se trate de um empreendimento sério, já que da cinematização da obra de Marcel Proust se encarregou Nicole Stéphane.

Nicole Stéphane, reactualizadora dos grandes da literatura, foi — é bom não esquecer — a produtora de *Mourir à Madrid*, esse extraordinário documentário que hoje tem o seu lugar obrigatório nas filmatecas internacionais. Precisamente agora, ela está a terminar uma versão cinematográfica de *Phédre*, de Racine, e não é demais transcrever (*Figaro*, 12 de Maio) uma sua opinião a este respeito para que dela se avalie o escrupulo e o rigor das concepções que a orientam:

— Eu (e o realizador Pierre Jordan) respeitamos a obra de Racine com a maior fidelidade. Os resultados conseguidos são, creio bem, alguma coisa de novo no cinema. Isso talvez venha a marcar uma mudança, uma transição entre as concepções tradicionais do cinema e uma óptica do futuro.

O ministro André Malraux que teve ocasião de ver as primeiras seqüências de *Phédre* entusiasmou-se a tal ponto com o trabalho da equipa de Nicole Stéphane que lhe concedeu espontaneamente um subsídio equivalente a trezentos contos.

Proust tem portanto a sua oportunidade de recuperar o tempo perdido por uma vasta massa de público que, finalmente, o irá admirar através de bom cinema.

O Salão de Maio

Na Sociedade Nacional de Belas-Artes estão em distribuição até ao dia 15 os boletins de inscrição para a Exposição de Maio.

E essa exposição, segundo o plano há tempos estabelecido, aberta a todos os artistas de quaisquer tendências estéticas de arte moderna.



Rentes de Carvalho:
um nome a registar

lentamente. As duzentas páginas de «Montedor» custaram-me nove anos. E gostaria de levar a cabo um livro já esboçado sobre a Holanda. Ramalho Ortigão, conscientemente, só mostrou um lado da medalha, o que lhe interessava mostrar, e devido ao seu tremendo entusiasmo e talento deixou-nos com um capital de ideias feitas sobre os Países Baixos de que dificilmente nos libertamos. Por isso creio que tem algum interesse actualizar os nossos conhecimentos sobre um país que não é só queijo, flores e canais.

Uma estreia significativa

— «MONTEDOR» foi o seu primeiro livro?

— Escreveu ou pensa escrever outro género além do romance?

— Está ao corrente da moderna literatura portuguesa?

— Tem algum projecto a curto prazo?

Amsterdam, 26 de Março 68.

Resposta:

— «Montedor» foi o meu primeiro livro publicado. Antes dele três outros romances, que não foram mais do que exercícios, e que destruí, pois não tinham qualquer interesse.

— Contos. Alguns deles publicados num jornal trans-

montano, «A Torre», de Montecorvo. Tenho uma predilecção pelas histórias condensadas, talvez por preguiça, e creio que um dia tentarei fazer um volume com os contos que tenho escrito e que nunca publiquei.

— Estar ao corrente significa no meu caso, aqui de longe, conhecer as obras e não conhecer os autores pessoalmente. Tem as suas vantagens, na medida em que o juízo crítico não leva em conta simpatias ou antipatias. Li algumas afirmações de que «melhor saúde literária que a nossa só a da Espanha». É a opinião de quem se satisfaz com pouco. A nossa literatura caracteriza-se, sobretudo, pelo regionalismo, a falta de impacto, a mesma morna dos escritores perante os problemas prementes. Ao ler a maior parte deles tem-se a impressão que o mais importante nas suas obras é a acrobacia do estilo. Resulta daí que os «grandes» escritores portugueses contemporâneos só são «grandes» em Portugal.

— Termina neste momento um romance e uma peça de teatro, mas trabalho muito

MORTE DE UM PRESIDENTE

por

WILLIAM MANCHESTER

A crónica do assassinio de John F. Kennedy e dos dias que o precederam e seguiram, numa poderosa narrativa elaborada sobre a mais impressionante documentação já reunida acerca de um crime político

COLECÇÃO DOCUMENTOS DE TODOS OS TEMPOS

VOLUME DE 696 PÁGINAS; 140\$00

LIVRARIA BERTRAND



Mário Sacramento:

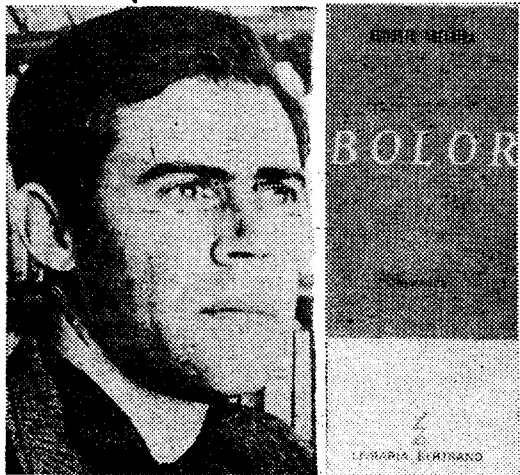
O que nos é...

FAÇO a biópsia e, entretanto, penso: é o maior romance deste trimestre, quem sabe se do ano. Meto os fragmentos no Bouin amarelo-raiva, faço seguir o frásquinho para o I. A. P. e digo ao paciente: *É benigno, não se amofine. A análise é de rotina, durma descansado.*

Agora, que percorro as anotações da margem do livro, um empregado de bata cinzenta desembalou já, decerto, a encomenda, no laboratório. De bata branca, um outro recuperou os fragmentos, fixou-os, cortou-os em fatias de fome, tingiu-os sobre lâminas e entregou-os ao microscopista. Este foca-os com os preceitos requeridos: tem diante do olho ou dos olhos, consoante seja amblope ou não, uma estrutura que os corantes desnaturam. E pelas nuances que estes introduziram nos tecidos que lê, todavia, os sinais que não-de permitir-lhe chegar a uma conclusão.

A várias léguas dele, eu estou fazendo algo de semelhante, mas com o romance. Só que estou inquieto, e ele não está. Para ele, o microscópio é uma lanterna mágica sem imprevistos, no caso. E as lâminas nem sequer têm nome: apenas as iniciais (dum vivo? dum morto?) que alienaram delas qualquer sentimento humano. Mas este romance não foi só construído, não tem uma estrutura apenas, que os meus olhos tingem com este ou com outro matiz. Não me leva, apenas, a uma indagação de sinais que me requerem uma óptica. Este romance assusta-me de verdade, não reclama de mim uma reflexão tão só, como *Os Desertores*. E eis que compreendo melhor o prefácio destes: o *blow-up* das estruturas, esteticamente considerado, não é ontologia (histologia, sociologia, cosmologia), é ontologia — se é que há etimologia para isto. E isso reconduz o romance ao epos inicial, se bem que em termos (provisoriamente absurdos) de narrativa suspensa.

Um simples diário. Mas um simples diário complexo. Quem o escreveu? Como o escreveu? Há nele frases a azul, a preto, a roxo. E cinco *dramatis personae* que umas às outras se atribuem o desdobramento, a transposição imaginária do que cabe a cada uma delas — excepção feita (ou a fazer?)



«O melhor romance do trimestre...»

da que morreu. A página 115 é fulcro arbitrário de uma medida de espaço-tempo cuja relatividade não a irrealiza. Foi a partir de ela que o «diário» começou a ser escrito, ora para trás ora para diante?

Ou foi a ela a referência dum tecido conjuntivo, digamos, que ora é fio de colar que as pérolas vão esconder, ora farpa de agulha de *tricot* que só pela ausência subsiste no que tecer? Só a estrutura conta. Só a estrutura diz. Mas diz ou é dita? Não — só — porque a linguagem é que fala em nós: que somos nós? Digo *que* e não *quem*. Porque o *quem* é não sabermos (nem poder-mos) distinguir qual é o verosímil «autor» deste «diário»: se o «outro» é quem nos olha, o «eu» que nos fita do espelho quem é? e se é pelo *outro* que acedo aos confins de mim mesmo, quem está comigo quando, sozinho, me apreendo «eu»? Sim, há um *que* no *quem*. Ou um *que* sem *quem*, afinal, se todo o *quem* por *que*.

É isto uma lanterna mágica que o cine-

ma anacronizou, como pretende Sartre? Mas que terá a ver o radar com o microscópio electrónico? Sera porque fixo e tinjo as estruturas, para as apreender, que nego a cinética em que são?

RECEBO o relatório do I. A. P. Coitado do homem, tem um adeno-carcinoma, a como já suspeitava. Para o anatómo-patologista, aquilo foi apenas uma fatia de fome vista em técnico por uma objectiva de amblope ou não. Mas para mim é uma sucessão de atitudes a tomar, de actos a realizar. É operável? Onde, como e quando? Devo dizer-lhe a verdade, para o decidir? Devo esconder-lha, para o poupar? Terá recursos para pagar a quem o opere? Se os não tem, *que* destino vou dar-lhe? E *que* decidirá ou fará quem o opere? *Que* dizem as estatísticas sobre casos como este? *Que* habilitações, *que* experiência terá o cirurgião nesta matéria? *Que* escola segue? *Que* critério adoptou? *Que* imprevistos terá de enfrentar? *Que* pinça irá acaso agarrar, intempestivamente? *Que* firmeza terão as suas mãos, nesse dia? Terá perdido a noite? Doer-lhe-á um dente? Estará mal humorado com a mulher ou com os filhos? Com *que* então? Ou sem *que*, mas apático, hipotenso, triste? Com *que* sem *que*, portanto?

Eis-me perante outra estrutura. Mas que me cumpre dinamizar, fazendo a contagem de 115 para zero e premindo o botão que põe as almas em órbita. Ora de 115 para 195? Porque não? Não podia o doente ter-me vindo procurar um mês mais tarde? Não será o caso, afinal inoperável? Não me irá dizer o *outro*: antes quero morrer com todos do que sem alguns? Não se intrometerá a família: deixe-o acabar na paz do Senhor! Não irá antes ao herbanário «curar-se» com um chá? Não lhe poderá dar, até, para se pendurar numa figueira? Quem calca o botão, em tais hipóteses? Quem escreve a ficha por mim?

Mas... sou eu, em qualquer caso, quem a escreve? Não foi o tal homem das iniciais quem me contou o que sente? As perguntas que lhe fiz não mas ensinaram a fazer? A mão que o palpou não andou numa escola? O instrumento com que lhe fiz a biópsia não foi fabricado, a mil e quinhentos quilómetros daqui, por um metalurgico que falava outra língua? Os olhos e as mãos que fizeram a colheita não imitaram, apenas, os olhos e as mãos de *outros* que os ensinaram? E onde estava «eu», ao fazer aquilo? se até pensei: é o maior (disse maior ou melhor?) romance deste trimestre, quem sabe se do ano? E não se passou o mesmo com todos os intermediários que os fragmentos percorreram? Quem pôs a engrenagem em movimento, afinal: o homem da bata cinzenta, o da bata branca, o amblope-ou-não? Ou *que*: a dor, o emagrecimento, o alarme?

O certo é que eu pensei, — recordando agora melhor: é o mais pequeno e o maior romance deste trimestre, talvez do ano. Ou não pensei, queria eu dizer: Tenho estado a inventar que o pensei, pois hoje é domingo, li o livro ontem à noite e não fiz, entretanto, nenhuma biópsia. Mas como havia eu de me reportar à lanterna mágica, ao cinema, ao microscópio electrónico, ao pápio estruturalista e à perturbação que esta leitura me causou se não brincasse ao romancista *que* também (não) sou? Onde acaba o romance e começa o ensaio, neste livro? *Que* é *Bolor*? Estrutura inerte ou vida? Diz-me a Enciclopédia: «Nome genérico da vegetação criptogâmica, especialmente os fungos *Mucor mucedo* e *Penicilium glaucum*, que se desenvolvem à superfície de matérias orgânicas em decomposição ou de corpos húmidos». Metafóricamente: arrepiados corvos botânicos que não dão flor, isto é, não cantam. Ou, segundo a poesia de Carlos Oliveira, inscrita no pórtico: quartos desertos... — quartos desertados. Quartos em que só há «eus» fantasmáticos, sonambulos, que num tecido conjuntivo sustêm: o do bolor agrafando os ocos, as brechas do cadáver. A frustração tácita escreve com *pena* colectiva. E ora nos traz à memória (não sei por

(Continua na página 7)



PORTUGÁLIA EDITORA

NOVIDADES E REEDIÇÕES

DO ULTIMATUM AO 31 DE JANEIRO (Esboço de História Política)

BASILIO TELES

Com a publicação deste notável ensaio de um dos grandes pensadores políticos da República enceta-se a publicação da série de «Obras de Basilio Teles». Da «Introdução», da autoria de Augusto da Costa Dias, extraímos: «Do Ultimatum ao 31 de Janeiro» é um dos grandes e poucos autênticos ensaios do pensamento político português. A título de curiosidade, lembra-se que da obra se fez em 1905 uma primeira — e até agora única! — edição.

OBRAS DE BASILIO TELES — 384 pp., 65\$00

O ROUBO DAS SABINAS

ALMEIDA GARRETT

«Manuscrito garrettiano inédito» — diz muito do alto interesse bibliográfico desta edição, que oferece a transcrição facsimilada do original existente na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra: um poema iluminista-libertino que o autor escreveu na juventude. Edição crítica enriquecida por um brilhante e exaustivo estudo de Augusto da Costa Dias: «O Jovem Garrett, esboço de ensaio sobre um vulto ignorado da filosofia portuguesa das Luzes».

OBRAS LITERÁRIAS DE ALMEIDA GARRETT — 288 pp., 65\$00

POESIAS — II

JAIME CORTESÃO

A poesia de Jaime Cortesão é um dos não menos preciosos tesouros na vasta obra do genial historiador e grande Português. Este segundo tomo das *Poesias* vem somar-se aos anteriores volumes de um dos mais importantes empreendimentos editoriais registados entre nós: a publicação das «Obras Completas de Jaime Cortesão».

OBRAS COMPLETAS DE JAIME CORTESÃO — 284 pp., 60\$00

CANTOS CATIVOS

ARQUIMEDES DA SILVA SANTOS

Cantos Cativos é o belo e significativo título que o seu autor, da geração do «Novo Cancioneiro», deu a estes poemas coligidos entre 1938 e 1958. Vinte anos de poesia, sombria na amargura do «canto cativo», estuante na crença da «canção de esperança»: vinte anos de «voz velada», «canto emudecido», «esperança presa», «mágoa tranqüila», «ausência efêmera» — itinerário simbólico de uma presença viva na nossa arte poética.

Colecção POETAS DE HOJE — 210 pp., 45\$00

URSULA MIROUET

BALZAC

Célebre entre os mais célebres romances de «A Comédia Humana», *Ursula Mirouet* bastaria para fazer a glória de qualquer romancista. Com 9 títulos publicados, a edição portuguesa de «A Comédia Humana» consolida a sua afirmação de um grande cometimento editorial no nosso meio. Tradução de João Pedro de Andrade, à altura da grandeza de *Ursula Mirouet*.

A COMEDIA HUMANA — 382 pp., 50\$00

ANÁLISE DE BALANÇOS

DR. CARLOS DE MELLO

4.ª edição de um livro que, pelos fundamentos didácticos e clareza de exposição aliadas a um constante aprofundamento da técnica contabilística do «Balanço», se impõe como uma obra indispensável a técnicos de contas, chefes de contabilidade, dirigentes de empresas, empregados de escritório, estudiosos.

Colecção ECONOMIA & FINANÇAS — 320 pp., 95\$00

BIBLIOTECA JURÍDICA «ATLÂNTIDA»

NOVAS EDIÇÕES:

— Código da Contribuição Industrial

2.ª Edição

Anotada e Actualizada

por

João José Garcia de Freitas

e

Joaquim Soares Teles

Directores de Finanças

— O REGIME JURÍDICO DO IMPOSTO DE MAIS-VALIAS

por

ANTÓNIO MANUEL CARDOSO MOTA

Director de Finanças

Pedidos à ATLÂNTIDA EDITORA

COIMBRA